

MEMÓRIAS DE VILA VIÇOSA

Padre Joaquim José da Rocha Espanca



Cadernos Culturais
da
Câmara Municipal
de
VILA VIÇOSA

Procurando recuperar aspectos da cultura tradicional alentejana e promovendo obras actuais, os cadernos culturais fornecerão aos leitores em geral e aos Calipolenses em particular um melhor conhecimento do contexto histórico e social da actual geração.

NA CAPA:

PALÁCIO DOS DUQUES DE BRAGANÇA - Fachada Principal

NA CONTRACAPA:

Recanto Pitoresco, junto à Avenida dos Duques de Bragança

MEMÓRIAS
DE
VILA VIÇOSA

NOTA IMPORTANTE

A presente publicação é cópia integral do texto do manuscrito de AS MEMÓRIAS DE VILA VIÇOSA, tendo-se unicamente procedido às actualizações ortográficas que as circunstâncias justificavam.

MEMÓRIAS
DE
VILA VIÇOSA

CAPITULO XL

Biografia de D. Teodósio I, quarto marquês de Vila Viçosa e quinto Duque de Bragança. Visita de pêssames que lhe fez El-Rei D. João III por ocasião da morte de seu pai. Inauguração do Convento das Chagas. Tentativa de assistir à empresa de Goleta, substituída pela assistência às Cortes de Évora como Condestável. Grandiosas festas do casamento de sua irmã D. Isabel com o Infante D. Duarte, filho de El-Rei D. Manuel.

I

Continuaremos agora com a série dos Duques de Bragança e Marqueses de Vila Viçosa.

Por morte de D. Jaime, governou os Estados Brigantinos seu filho mais velho D. Teodósio I, que ele houvera da infeliz D. Leonor de Gusmão. Nasceu este quinto Duque de Bragança pouco mais ou menos em 1504. Recebeu o nome de Teodósio, de origem Grega, e que significa o mesmo que o latino *Adeodato* (dádiva de Deus), por determinação de seu pai que nisto preferiu satisfazer os seus sentimentos religiosos desprezando a prática de rememorar nomes de ilustres progenitores; e para realçar-lhe o brilho da sua nobreza e opulência, quis também que possuísse alguma ilustração, buscando-lhe para mestre a Diogo Sigeo, natural de Toledo, homem douto e muito versado nas línguas Orientais.

Diga-se, em verdade, que D. Teodósio I foi o Duque de Bragança em que se divisou maior inclinação para as letras; e adiante acharemos documentos disso.

Com os livros, a equitação, exercícius marciais e de caça, passou este Duque até aos vinte e oito anos de idade os belos dias da sua puerícia e adolescência. Não tinha mãe que o afagasse, é verdade, mas estremecia muito a sua irmã D. Isabel e viveu sempre bem com a sua madrasta que era uma excelente senhora.

II

Na idade, pois, de vinte e oito anos, sendo ainda solteiro, succedeu a morte de seu pai e entrou no governo da Casa de Bragança.

Logo que chegou a Évora a noticia do falecimento de D. Jaime, mandou El-Rei D. João III dar os pêsames a D. Teodósio I por Pedro Correia, seu Conselheiro de Estado; e um mês depois veio ele mesmo em pessoa fazer-lhe visita, acompanhado pelo Infante D. Luís, seu irmão, e por vários Fidalgos. Quando El-Rei entrou na Terreiro do Paço, desceu o Duque imediatamente à porta principal do mesmo Paço, trajando luto rigoroso, para receber o Soberano visitante e beijar-lhe a mão. Feito isto, subiu com El-Rei e o Infante à câmara da Duquesa viúva D. Joana de Mendonça, a quem o Monarca foi também cumprimentar. E depois de uma breve demora, retirou-se por Borba a Estremoz e daqui a Évora, sua residência ordinária, como já succedia no tempo de seu pai e de D. João II.

Ficara D. Teodósio I muito penalizado pela morte do autor da sua existência, de forma que não se mostrou em público no espaço de dois meses. Neste período ninguém de fora do Paço o viu a não ser na tribuna da sua Capella assistindo à missa e officios divinos. E a primeira saída que fez de Vila Viçosa foi a Évora para pagar a El-Rei a visita pessoal de pêsames com que o honrara. Teve lugar a sua entrada naquela Corte em 5 de Março do seguinte ano de 1533, vindo esperá-lo fora da cidade o Infante D. Luís, o Cardeal Infante D. Afonso e muitos Fidalgos. E El-Rei o recebeu no Paço com toda a pompa e grandeza devidas à sua alta categoria de Duque-primo.

III

Deixei dito que D. Jaime principiara o Convento das Chagas para Freiras Agostinhas e que nos últimos anos da sua vida mudara de parecer destinando-o para Freiras da Regra de Santa Clara. Para isto concorreu também muito sua mulher D. Joana de Mendonça que tinha uma irmã Freira Clarissa em Beja, e veio esta efectivamente ser ali a primeira Abadessa como ela desejava.



Grav. Antonio Leon Florentino del.

R. Goussier del.

D. TEODOSIO I - 5º DUQUE DE BRAGANÇA

Entretanto a morte arrebatou a D. Jaime e teve por isso este de recomendar a seu filho D. Teodósio I a conclusão do referido Convento, ou antes, a inauguração da sua comunidade, pois, segundo parece, aquele ficara acabado inteiramente quando o quarto Duque de Bragança expirou em 20 de Setembro de 1532; nem de outra sorte se pode explicar a instalação da referida comunidade ao cabo de cinco meses, intercedendo neles um acontecimento familiar de tanta importância como o da morte do Chefe dos Braganças.

Em quarta-feira de cinzas (25 de Fevereiro) de 1533 chegou do Convento de Santa Clara de Beja a irmã da Duquesa viúva, Soror Maria de S. Tomé com mais sete companheiras; e no mesmo dia se inaugurou a nova Comunidade Religiosa do sexo feminino, que ficou sendo segunda em Vila Viçosa visto que lhe precedera três anos a das Agostinhas da Santa Cruz.

O passadiço do Paço Ducal para o Convento das Chagas fez-se de facto, como diz Frei Manuel Calado,⁽¹⁾ e até deu na vila novo nome ao ribeiro de Alcarrache que corria por baixo dele, passando a chamar-se *ribeiro do Passadiço* até ao presente. Mas advertirei já que este passadiço não era uma entrada franca na clausura, mas simplesmente uma casa de falas, privativa da família dos Braganças, preparada com janela de grades de ferro e rodo como as outras do serviço comum e que, a meu ver, tinha por efeito especial destruir nas filhas de D. Joana de Mendonça a repugnância da separação da sua família para aquela clausura, professando ali a vida religiosa. Eram muitas e, porque nem todas poderiam casar bem, pretenderam seus pais assegurar-lhes naquele Convento uma acomodação honesta e decente.

O mais ficará para a Segunda Parte onde em especial tratarei deste e dos mais Conventos da nossa terra.

IV

Não estavam apagados em D. Teodósio I os ardores bélicos de seus maiores; e foi por isso que em 1535 meditou em tomar parte na expedição de Goleta, combinando com o Infante D. Luis marchar secretamente de Vila Viçosa para o não saber El-Rei que não aprovava que o Duque sáísse do Reino em serviço do Imperador Carlos V, cuja era a empresa a que D. João III

(1) *Valeroso Lucideno, págs. 94 e seguintes.*

prestou valiosísimos serviços.

Partiu, com efeito, de Vila Viçosa à surrelfa; mas, sabendo-o logo El-Rei, apressou-se este a mandar-lhe uma carta ordenando que regressasse a sua casa porque nisto lhe fazia serviço mais a seu contento.

Achava-se já D. Teodósio I em Silves quando recebeu esta carta; e antes de se retirar, mandou expôr às portas da cidade tudo quanto levava - - armas, cavalos, dinheiro, alfaias, etc. - e ali repartiu todas estas coisas por nobres e plebeus, sendo o dinheiro a bagatela de seis contos de réis!

Retirando-se desgostoso para Vila Viçosa, dirigiu-se poucos dias depois a Évora para beijar a mão a El-Rei como testemunho da sua obediência; e então D. João III manifestou-lhe o motivo que tinha para impedir a sua marcha para fora do Reino e era achar-se constituído chefe de uma numerosa família e não convir que se arriscasse uma pessoa de tanto preço. Em prova da consideração que lhe atribua, disse-lhe também El-Rei que tinha destinado que o Duque de Bragança, na ausência do Infante D. Luis, servisse de Condestável nas Cortes de Évora em que seu filho D. Manuel devia ser jurado Príncipe herdeiro da Coroa. Assim aconteceu. As Cortes reuniram-se logo a 13 de Junho do mesmo ano de 1535 e D. Teodósio I representou de Condestável, como já haviam feito seus maiores e o fizeram depois seus sucessores.

V

Depois disto começou a negociar-se o casamento de D. Isabel, irmã do Duque e do mesmo toro, com o Infante D. Duarte, irmão de El-Rei D. João III.

Por uma parte, era grande a estimação que ele fazia de sua irmã germana, desejando por isso vê-la desposada com vantagem; e por outra, ele Duque, achando-se com trinta anos de idade, precisava de mudar também de estado para dar sucessores à sua casa. Assim, pois, não duvidou abdicar em sua irmã o Ducado de Guimarães, de forma que com os bens patrimoniais que lhe tocavam de legítima tivesse um dote digno da esposa de um Infante. Além desta generosidade, fez-lhe outra não pequena que foi aceitar que o casamento se realizasse em Vila Viçosa, sujeitando-se desta maneira a grandes

simos dispêndios, porquanto El-Rei e os Infantes seus irmãos deviam acompanhar o noivo no acto do seu consórcio e o Palácio do Reguengo não tinha ainda então cómodo para hospedar tantos e tão ilustres personagens que traziam após de si numerosas comitivas.

Por esta causa, apressou-se D. Teodósio I a fazer grandes acrescentamentos no Palácio que seu pai fundara e que desta vez ficou já compreendendo o quarteirão que está da porta principal de hoje para o norte onde entroncava com o palácio primitivo de D. Jaime. Tinha, porém, este quarteirão só o primeiro andar alto e faltava-lhe o revestimento exterior de mármore que presentemente se admira nele. Isto foi feito depois. As janelas de então deveriam ser *manuelinas*, bem como as de D. Jaime, e não quadrilongas como agora, nem de sacada porque isso não se usava ainda. A esta avultadíssima despesa, acrescentou-lhe a de mobilar luxuosamente o palácio todo, vestir a todos os seus officiaes e guardas e custear a mesa da família Real, etc.

Acho menção na Dec. 4, L. 10, de Diogo de Couto a noticia de ter sido muito seco o inverno de 1536-37. Diz ele que não choveu até ao dia de S. Brás (3 de Fevereiro), em que appareceu uma copiosa chuva com a qual nasceram então as searas. Acrescenta que foram abundantíssimas as colheitas do trigo, o qual chegou a produzir nalguns sítios a 60 por 1 e foi vendido a 25 e 30 réis o alqueire.

Feitos os preparativos necessários, ajustou-se o dia certo do casamento que foi a 24 de Abril de 1537. Felizmente o autor da *História Genealógica* achou no Cartório da Casa de Bragança uma extensa relação das festas deste feliz consórcio e transcreveu-a textualmente na citada história.⁽¹⁾ É muito curiosa e interessante e, porque nem todos podem comodamente lê-la numa obra que além de muito cara já escasseia no mercado, resolvi transcrevê-la também aqui, alterando-lhe a redacção simplesmente naqueles períodos onde me não parecer correcta e clara. Vamos a isso.

(1) Págs. 16 a 40 do Tomo 6.

VI

Safu El-Rei de Evora numa segunda-feira, 23 de Abril de 1537, acompanhado pelos Infantes D. Luís, D. Afonso (Cardeal), D. Henrique e D. Duarte que era o noivo e pelos Officiais da sua Casa, Condes, Bispos e outros Senhores e Fidalgos de grande qualidade; e com toda esta Nobreza, a quem seguiu muita gente de diversas categorias, veio El-Rei jantar a Estremoz, e aí dormiu essa noite.

No dia seguinte, saindo El-Rei da mesma vila depois do jantar, dirigiu-se para Vila Viçosa onde estava a noiva e o Duque, seu irmão. Este, porém, resolveu ir esperar a Real Família em Borba ou mais adiante, conforme o permitisse o progresso ou atraso da marcha de El-Rei. Reuniu a sua comitiva em que figuravam D. Jaime e D. Constantino, seus irmãos, D. Afonso de Lancastre, Comendador-mor da Ordem de Cristo e seu primo irmão por ser filho do seu tio D. Dinis, e muitos Fidalgos, Cavaleiros e Escudeiros da sua Casa, a que se juntaram espontâneamente muitos Vassallos seus de Vila Viçosa e alguns também de Borba, segundo creio, todos luzidamente vestidos conforme a pragmática em vigor e montados em belos cavalos ainda tornados mais belos por excelentes arreios e jaezes.

O Duque ia vestido com gibão roxo, aberto por diante, todo picado, calças da mesma côr golpeadas à Soscia; por cima do gibão vestia uma roupinha frisada, cerrada por diante, debruada a três debruns da mesma droga e um golpe grande que atravessava o peito e outros tantos cada um na sua manga, tomados com dez botões de ouro esmaltados de branco; gorra de veludo negro guarneçada de uns cravos de ouro do mesmo esmalte e nela uma ricame dalha com um rosto de mulher de esmalte negro com esta letra: *Nigra sum, sed formosa*; ⁽¹⁾ pluma preta; banda ou talabarte de veludo vermelho com espada artificiosamente lavrada ao modo Romano, dourada com ouro entre azul, bainha de veludo da mesma côr do talabarte e com adaga do mesmo lavor da espada.

Montava num cavallo ruão declinando para vermelho, muito formoso e corpulento, com sela de brida toda de prata com grandes relevos, lavrada ao Romano, guarnição Turca com muitas rajas cobertas todas de prata feita em peças, tudo lavrado ao Romano; e assim a brida, como estribos e esporas,

(1) Em Português: *Sou trigueira, mas formosa.*

tudo era de prata.

Seus irmãos iam quase na mesma forma vestidos e montados, com a diferença da côr dos cavalos que eram ambos ruços-pombos.

Os Fidalgos da sua Casa trajavam belos vestidos, muito brilhantes, conforme o permitia a pragmática. Levavam muitos deles espadas e adagas de ouro, riquíssimos colares, cadeias, pontabotins e medalhas preciosas, e acompanhavam-nos muitos criados a pé com boas librés e outros montados em cavalos tão formosos como bem ajaezados.

Rodeavam ao Duque e seus irmãos dez Moços Fidalgos com pelotes frisados; gibões de cetim feitos em barras azuis e amarelas (que eram as cores do Duque); calças de pano fino amarelo forradas de azul, golpeadas, e na perna esquerda uma barra azul metida com pestanas; gorros e sapatos de veludo negro com plumas brancas; ⁽¹⁾ trinta Moços da Câmara com pelotes amarelos de duas barras azuis metidas com pestanas pretas e na manga esquerda três ordens das mesmas barras ao través da manga; calças amarelas forradas de azul, golpeadas e duas barras azuis na perna esquerda metidas com pestanas pretas; gibões de chamalote amarelo e gorras de grã. Acompanhavam mais ao Duque trinta moços da Estribeira a pé com libré, capas amarelas à Espanhola a duas barras azuis assentes sobre pano; gibões de chamalote ametade amarelo e da parte esquerda todo em tiras azuis e amarelas; e da mesma côr e modo as calças golpeadas; couras golpeadas e gorras azuis com plumas amarelas. Outros tantos moços da sua Guarda caminhavam com capas como as dos Moços da Estribeira; couras, gibões e calças à Tudisca, todas em tiras das mesmas cores, forradas do mesmo pano; em contrário das cores, gorras e plumas como as dos Moços da Estribeira; as albardas tinham os ferros dourados. O Capitão da Guarda vestia capa e pelote frisado à Italiana; gibão de cetim amarelo, calças pretas cortadas, gorra e sapatos de veludo negro com pluma amarela, espada Romana dourada. Levava adiante a cavalo seis Porteiros com suas Canas na mão, vestidos com roupas Flamengas curtas de pano a duas barras de azul, metidas com a pestana de azul; na manga esquerda quatro ordens de barras da mesma côr; pelotes amarelos sem mangas, porém com barras como as roupas; gibões de cetim amarelo; calças amarelas forradas de azul com pestana de chamalote do

(1) Estas plumas eram as das gorras; porém nos sapatos havia outras forradas por um tecido em forma de rabo de gato levantado para o ar, no bico dos mesmos sapatos. Quem quiser pode ver uns do Arcebispo D. Teotónio que estão no Museu de Évora.

mesmo teor; gorras de veludo preto.

Dez chameleiros, vestidos como os Moços da Estribeira, e com roupas como as dos Porteiros, iam nesta comitiva.

Iam mais doze Trombeteiros com bandeirolas de damasco azul e amarelo com as Armas do Duque bordadas a ouro e prata. Quatro Atabaleiros, vestidos na mesma forma, levando todos eles pendentes de cadeias de prata um escudo grande de prata com as Armas do Duque em aberto e montados todos em mulas ajazadas com as mesmas cores - azul e amarelo. Doze Reposteiros com pelotes, calças e gibões da mesma sorte que os Moços da Câmara e ao contrário as cores porque os pelotes eram azuis com barras amarelas e assim tudo o mais; gorras azuis. Vinte Caçadores de cavalo, vestidos com gibões à Italiana de chamalote com mangas e pelotes amarelos todos com duas barras azuis; calças de chamalote da mesma cor.

Esta comitiva, disposta com a ordem conveniente, começou a destacar-se da porta do Paço e tomou a direcção da avenida que conduz a Borba. Fora da porta da vila estavam-na já esperando muitas danças de artistas Calipolenses, vestidas com vários trajes e as cores da noiva Infanta que eram branco e alaranjado, mostrando todos grande satisfação naquele dia.

Percorreram a meia légua que distancia a nossa vila da de Borba onde se lhes ajuntaram nobres e plebeus, tanto por obséquio às Famílias Real e Ducal de Bragança, como pela curiosidade que no povo despertavam sempre estas extraordinárias ocorrências.

Pouco adiante de Borba, na estrada real de Estremoz, souo o rumor da aproximação de El-Rei. E tanto que chegaram a curta distância as duas comitivas, parou o Duque o seu cavalo e apeou-se, fazendo outro tanto seus irmãos, o Comendador-mor D. Afonso e todos os mais Fidalgos Calipolenses. Mas D. João III observando isto, parou o seu cavalo e mandou dizer ao Duque D. Teodósio que tornasse a montar-se. Este assim o fez. Seus irmãos com o Comendador-mor e todos os Fidalgos foram a pé beijar-lhe a mão e depois o Duque, chegando-se a cavalo, El-Rei lhe lançou os braços com grande affecto, debruçando-se com muita benignidade e atenção e fazendo-lhe cortesia larga de chapéu e barrete, que tudo trazia posto.

Depois disto, foi D. Teodósio cumprimentar os Infantes que o esperavam com os barretes na mão antes que a eles chegasse, recebendo-o nos braços, e não consentindo que lhes beijasse as mãos como El-Rei também não consentira. O último a cumprimentar foi o Infante D. Duarte, seu cunhado, com

o qual se deteve mais tempo até que os cavalos, soprando um ao outro, tiraram cada um para seu lado e assim os dividiram.

Não se admirem os leitores destas viagens a cavalo e não em carruagens porque o descaramento das estradas reais não permitia o uso de trens. Cinquenta anos depois é que se introduziu o uso de coches e caleças, como adiante veremos.

Acabada a cerimónia dos cumprimentos, El-Rei, que vinha entre o Cardeal D. Afonso e o Infante D. Luís, chamou o Duque e mandou que se pusesse ao pé do Cardeal. E só nesta ordem começaram a cavalgar para Borba, indo logo atrás de El-Rei o Infante D. Duarte com o Senhor D. Jaime, e o Infante Arcebispo D. Henrique a par do Senhor D. Constantino de Bragança.⁽¹⁾ Assim vieram conversando para Vila Viçosa.

Por toda a meia légua de entre esta e Borba encontraram muitas danças de homens e mulheres, muito bem vestidas, e que muito agradavam ao gosto daquele tempo. Chamava particularmente a atenção de todos uma dança de vinte Foliões que o Duque mantinha. Estes vestiam pelotes e gibões, tudo quarteado das cores da libré (amarelo e azul), com gorras e plumas, tocando do pandeiros e atabáes e cantando ao seu modo. Assim foram entretidos alegremente os Reais viajantes até chegarem à porta da vila.

Ao entrarem na povoação com uma hora de sol, El-Rei tirou o chapéu par do que trazia substituindo-o por outro branco, muito galante. Imediatamente o salvou o nosso Castelo com toda a artilharia que tinha montada e os sinos de todas as Igrejas começaram a repicar em alegria de festa.

Entrados no Terreiro do Paço, quis o Rei Piedoso ir logo fazer oração no primeiro templo que se lhe deparava e era o do Mosteiro de Santo Agostinho, então e sempre o mais antigo e célebre de todos os nossos. Passaram ao Terreiro deste santo até onde presentemente se vê a porta lateral da Senhora da Graça e, apeando-se todos junto do alpendre, encontraram a porta aberta e ali o Prior do Mosteiro revestido com pluvial branco acompanhando-o toda a sua comunidade. Tinha este nas mãos uma cruz de prata dourada que El-Rei beijou e beijaram também os Infantes, ajoelhando todos em almofadas postas sobre uma alcatifa.

Depois desta cerimónia, a que chamam *dar a paz*, entoou o Prior o *Te Deum laudamus* que os Frades continuaram de canto-chão, enquanto D. João III

(1) Não costumavam os Reis trazer guardas militares naquele tempo. Viajavam acompanhados somente por Fidalgos e criados.

com seus irmãos prosseguia para a Capela-mor. Feita ali oração, tornaram para fora, montaram-se nos cavalos e entraram de novo no Terreiro do Paço onde se achavam postadas novas danças e festins e enchiam aquele espaço numerosas turbas de gente da vila e de outras partes da província, vindas de propósito para assistirem às festas públicas deste noivado.

El-Rei e toda a sua comitiva foram atravessando a passos lentos aquele agradável e festangeiro concurso até que chegaram ao Paço Ducal e largaram aí os cavalos. Quando El-Rei se apeou já o Duque o tinha feito para ele mesmo o servir no desmontar e guiar para o Paço.

A este momento soava já a música de trombetas, atabales e charamelas; El-Rei entrou imediatamente pela porta, encontrando ao subir da escada um par de Porteiros vestidos com a libré do Duque e empunhando maças de prata, com mais dois Arautos e Passavantes, vestidos cum suas cotas das Armas do mesmo Duque.

Subiu El-Rei com todos os que o seguiam e os Officiais e Fidalgos da Casa Ducal que o estavam esperando à porta; entrou numa grande sala (que hoje chamam *dos Tudescos*), a qual estava armada com uma rica tapeçaria no va; e no topo, sobre um estrado levantado com degraus cobertos até ao chão com alcatifas de Chio, estava um dossel de brocado de três altos com sanefas de veludo vermelho; e debaixo uma cadeira do mesmo brocado, franjada de ouro e prata e cravada com medalhas antigas douradas; e no assento dela uma almofada do mesmo brocado. No mesmo estrado estavam outras oito cadeiras semelhantes à primeira, postas duas a duas, e mais seis de veludo carmesim, postas da mesma forma no fim dos degraus.

A esta sala seguia-se outra (chamada hoje *das Virtudes*) onde estava a Guarda-roupa de El-Rei coberta com um pano de cetim aveludado e posta debaixo de um dossel de veludo verde com sanefas de brocado; e na casa viam -se algumas arcas revestidas superiormente com alambéis.

Seguia-se a Câmara grande (hoje *Sala de Hércules*) armada de cetins de cores aveludados; e sobre um largo estrado estava a cama para El-Rei dor mir, que era de cetim encarnado carmesim e tinha cobertor do mesmo com jar ras de flores bordadas a ouro e uma letra, bordada também, que dizia: *De radice ejus ascendet*; ⁽¹⁾ todo o mais espaço do cobertor ou colcha era se meado de fios de ouro tecidos com tranças de prata, e tudo isto feito com grande primor. Um travesseiro, que tomava toda a largura da cama, era do

(1) Surgirá da raiz deste - palavras de Isaías, XI, 1.

lavor das jarras de ouro bordadas, abotoado com oito botões de ouro do feitio de rosas, tendo engastados em cada uma três rubis de muito valor. Sobre o travesseiro estavam quatro almofadinhas, cada uma com quatro botões de rubis da mesma sorte e lavor que o travesseiro. Havia na mesma câmara um dossel de tela de ouro e prata com uma cadeira do teor das que estavam na sala da entrada; e à cabeceira e pés da cama estava uma caçoula.

Junto desta câmara estavam destinados para o serviço de El-Rei três gabinetes, armados com panos de Flandres em que se admiravam pintadas a fresco batalhas e histórias modernas muito aprazíveis e deleitosas. Em todos eles ardião braseiros com caçoulas de aromas, castiçais de pivetes e águas de vários cheiros estavam ali com abundância. Um destes gabinetes era para El-Rei escrever e tinha um bufete coberto com um pano de veludo listado; noutro, estava uma mesa, também coberta com pano de veludo, toda cheia de açafates de verga de prata com diversas conservas e doces cobertos de várias qualidades, e púcaros de vidro, tudo posto com o maior asseio e elegância.

Chegado El-Rei à sua Guarda-roupa, mudou os vestidos viatórios e pôs-se de gala para assistir ao recebimento dos noivos que havia de ter lugar naquela mesma noite.

E visto que descrevemos já os aposentos destinados para El-Rei, proseguiremos narrando como D. Teodósio I hospedou os Infantes no seu mesmo Paço.

O Infante D. Luís tinha uma casa armada com excelentes panos e uma câmara igualmente armada onde estava uma cama riquíssima com cortinas de cetim carmesim e damasco branco guarnecido de lisonjas⁽¹⁾ de brocado; cobertor do mesmo brocado com bordadura de veludo carmesim; travesseiro e almofadinhas bordados de seda azul à Romana; uma cadeira, à ilharga da cama, de veludo alaranjado com franjas de ouro e prata e medalhas; e uma guarda-roupa coberta com um rico pano (da mesma forma as tinham seus irmãos). O pavimento desta câmara era alastrado de finíssimas alcatifas da Índia; e havia nela diversos braseiros com caçoulas, piveteiros e águas olorosas.

O Cardeal Infante D. Afonso tinha uma câmara magnífica; as suas paredes estavam cobertas de variados veludos e o leito armado de brocadilho

(1) Lisonja era uma figura semelhante ao xadrez, tendo para cima e para baixo os ângulos agudos e os obtusos para os lados.

verde.

O Infante Arcebispo de Braga D. Henrique tinha uma casa também com uma bela tapeçaria e um leito armado de damasco com cortinas de cetim encarnado aveludado e corrediças de damasco amarelo; tudo o mais que pertencia à cama era igual. Porém, a guarda-roupa, comum a ele e a seu irmão Cardeal, servindo-se ambos dela.

O Infante noivo D. Duarte instalou-se numa câmara armada de uma tapeçaria com a história de José do Egipto; o seu leito era guarnecido de veludo amarelo com cortinas de cetim aveludado da mesma cor, corrediças de damasco também amarelo, e tudo o mais na mesma forma; os travesseiros eram bordados de seda azul, assim como os dos outros Infantes; e tinha uma cadeira de veludo alaranjado com franjas de prata e ouro, como tinham seus irmãos.

Além destes quartos, havia uma sala armada de panos de Arrás com estrado sob dossel e copa com muita prata para quando os Infantes não comessem com El-Rei.

O aposento da Infanta noiva constava de uma sala armada com rica tapeçaria; e no topo, sobre um grande estrado coberto de alcatifas até ao chão, estava um dossel de brocado com sanefas de veludo carmesim. Seguiu-se a ante-câmara, armada de excelentes tapeçarias de histórias antigas; a uma parte dela estava um estrado alto, coberto com fina alcatifa da Índia, debaixo de um dossel de brocado raso com sanefas de cor carmesim; e no estrado seis almofadas de veludo amarelo. No chão, à ilharga do estrado, via-se uma alcatifa tecida de ouro para a sua Camareira-mor. E toda a mais casa, ao longo das paredes, era alcatifada para se por ali sentarem as Damas, Donas e Fidalgas. Depois estava a câmara, toda armada pelo mesmo gosto que a ante-câmara; a uma parte, sobre um grande estrado, estava o leito com cortinas de damasco pardo e amarelo; tudo o mais, rico e na mesma conformidade; via-se ali uma cadeira como a do Infante noivo; e no estrado algumas almofadas de Arrás, primorosamente obradas. A sua guarda-roupa estava coberta com um belo pano de cor pombinho, guarnecido de laços de veludo amarelo atorcelado; à ilharga, um dossel de cor aleonada com sanefas de tela de ouro e encarnada; uma cadeira como a da câmara e toda a casa armada conforme as anteriormente descritas.

Todos os trânsitos e corredores, por onde se comunicavam, eram revestidos de armações de Flandres, vistosas e de bom gosto; de sorte que tudo

aqui era magnífico e realengo.

Ao Duque D. Teodósio, que havia largado as suas salas de habitação ordinária para hospedar a El-Rei e aos Infantes como praticam todos os bons hospedeiros, se armou uma casa na forma do seu gosto e uso e uma guarda-roupa revestida de tapeçarias excelentes da mesma qualidade que a dos outros quartos, com leito forrado de sedas e cortinas de escarlate, franjadas de retroz da mesma cor.

Junto a este aposento se concertou uma casa para seus irmãos D. Jaime e D. Constantino, com camas e guarda-roupas, armada de guarda-portas de Flandres.

O mais notável ainda é que todas estas tapeçarias e paramentos das casas eram novos e feitos de propósito para esta ocasião, revelando-nos isto o grandíssimo dispêndio que D. Teodósio I fez com os desposórios de sua irmã.

O autor a quem vou copiando suspende aqui a descrição dos ornatos do Paço, declarando poder entrar ainda em novas miudezas que somente omitia por evitar uma polixidade molesta para o comum dos leitores; e passa a descrever os aposentos dos Oficiais e criados particulares de El-Rei e dos Infantes que pelos seus empregos costumam comer e dormir no Paço.

Para estes, destinou D. Teodósio vinte pousadas no andar rasteiro, onde presentemente se aloja o destacamento que faz a guarda ao Paço quando El-Rei vem caçar à Tapada.

Em vista desta descrição, reconhece-se facilmente que a fachada do Paço Ducal em 1537 compreendia já metade da que olha para o nordeste (a principal), mas com um só andar alto, ligando-se com o palácio primitivo de D. Jaime no entroncamento da Capela. El-Rei ocupava as salas da frente; os Infantes as da retaguarda; e o Duque e seus irmãos as que ficam para a parte da Capela, casa de jantar e quartos reais modernos.

Quanto à mais família que acompanhava a El-Rei e aos Infantes, seus irmãos, destinaram-se aposentos na vila em casas particulares. O Aposentador-mor do Duque D. Teodósio, que era Francisco da Cunha, Fidalgo da sua Casa, com os Aposentadores-menores e Escrivães da Aposentadoria, também criados da Casa, davam bilhetes a cada um dos hóspedes, conforme a categoria dos foros que logravam na Casa Real, distribuindo-os pelas casas dos principais Calipolenses com grande ordem e proporção, de forma que todos ficaram satisfeitos.

Isto mesmo se praticou depois em semelhantes ocasiões. O Aposentador-mor instalava-se no meio do Terreiro do Paço com os seus subalternos sentado numa cadeira com uma mesa de diante. Ali chegavam todos os que não tinham hospedagem no Paço, a receber o bilhete com a designação do seu quartel; e da mantearia do Duque safam todas as rações para os seus alimentos com abastança, de sorte que os Calipolenses tinham apenas o incómodo de fornecer a casa, cama e luz aos aboletados. Escusado é, pois, repeti-lo nas outras vezes.

Tanto que as Pessoas Reais, entrando nos seus respectivos quartos, mudaram os vestidos que haviam trazido na jornada, começaram a aparecer na antecâmara de El-Rei para assistirem todos ao acto matrimonial.

O Infante D. Luís apresentou-se de sapatos, gibão e calças de cetim carmesim, com coura branca, tudo recortado com muita galantaria, tendo por cima uma roupa Francesa de pano preto, debruada a dois debruns e aberta por algumas partes, tomada com ricas pontas, forrada de martes, com espada e adaga de ouro, gorra de veludo negro com estampa, pontas e pluma branca.

O Infante D. Duarte vestiu gibão, calças e sapatos de cetim branco, pelote, capa aberta frisada, gorra preta de veludo com pontas, estampa e pluma com diversas peças de ouro, espada e adaga do mesmo.

O Infante D. Afonso e D. Henrique, como Ecclesiásticos, vestiram-se conforme as suas dignidades.

Os mais senhores apareceram com trajes de diversas cores, gorras de plumas e pelotes cortados com muitas pontas e peças de ouro de diversas ideias, tudo magnífico e de custo, pelo estilo daquele tempo, com colares de grande preço.

O Duque D. Teodósio vestiu-se com um gibão de cetim branco e vermelho, todo de tiras tomadas com rosas de ouro de fio, e picado, feito à moda Tudesca; calças do mesmo feitio e das mesmas cores; gorra de veludo preto guarneçada de botões de fio de ouro com medalha lavrada ao antigo; pluma vermelha e branca, talabarte de fio de ouro, espada rica de ouro e esmalte lavrada à Romana; bainha de veludo preto e adaga da mesma forma, com capa à Espanhola.

Estando todos esperando a El-Rei, depois de terem os Infantes ido buscar o noivo ao seu quarto, safu da sua câmara D. João III, vestido de um tabardo frisado, gibão de cetim branco aberto por diante, e pelote do mes

mo teor, carapuça de veludo de pregas, pantufos de veludo e um colar de rubis de grande valor.

Tanto que El-Rei chegou, foram para o aposento do Infante D. Duarte, que era contíguo à câmara de El-Rei, acompanhados por todos os Officiais da Casa Real e da Ducal, de El-Rei e do Infante noivo, todos vestidos de gala de diversas cores, com tochas acesas nas mãos. Entraram numa antecâmara grande que estava armada com bons panos de Arrás, havendo nela um estrado com dossel rico, onde a Infanta noiva estava assentada, vestida com uma saia Flamenga de cetim branco forrada toda de brocado e golpeada por todas as partes à feição de lisonjas, tomados todos os golpes com pontinhas de ouro esmaltadas, com uma cinta de ouro esmaltada de branco e preto, talhada e descoberta ao modo antigo; uma gorgueira de ouro estendido a martelo, arrecadas de ouro com cinco grandes pérolas; no pescoço um fio de pérolas, tudo de grandíssimo valor; gorra de veludo com uma pluma branca. Tinha nos braços meias mangas estreitas, lavradas de fio de prata da feição de lisonjas, entremetidas com tiras de tela de prata; braceletes e manilhas ricas esmaltadas, juntando a todos estes enfeites uma agradável e simpática fisionomia, gentileza de corpo e bastante formosura, com que se fazia ainda mais digna de atenção.

A sua mão direita estava a Duquesa viúva D. Joana de Mendonça, vestida de sarja preta com manto pela cabeça da mesma sarja que quase lhe cobria o rosto. E junto dela a Senhora D. Joana, sua filha, vestida com uma saia Flamenga de veludo pardo, aberta por diante, forrada de tela de ouro, golpeada e tomados os golpes com muitas pontas de ouro esmaltadas e debaixo uma cota de cetim branco, forrada também de tela de ouro e golpes dados por toda a bordadura, tomados com peças de ouro e prata estendidos a martelo, da feição de malmequeres, com uma cinta de ouro esmaltada, gorgueira e trançado de prata, arrecadas ricas de pérolas, um colar nos ombros de muito valor e outro mais pequeno esmaltado junto ao pescoço; gorra de veludo preto com pluma branca; meias mangas estreitas e golpeadas com muitas pontinhas, braceletes e manilhas ricas esmaltadas. Não contava mais de quinze anos e era lindíssima. Na mesma casa estavam muitas Damas e Donas, todas vestidas de gala.

Quando El-Rei entrou na dita antecâmara, a Infanta, a Duquesa e sua filha o vieram receber junto da porta; e querendo elas beijar-lhe a mão, El-Rei com muito agrado as deteve, fazendo-lhes distintas honras e tiran-

do o seu barrete para lhes fazer cortesia, o que, feito da mesma sorte pelos Infantes e correspondido por elas, El-Rei tomou pela mão à Infanta noiva para a conduzir à sua câmara, seguindo-a imediatamente a Duquesa com a sua filha e precedendo-a todas as mais pessoas que ali se achavam reunidas.

Chegados à dita sala onde estava um alto estrado com um dossel de brocado por cima, subiu para este El-Rei com a noiva, os Infantes, o Duque e seus irmãos, a Duquesa e sua filha; e todos os mais Senhores, Titulares, Donas e Damas ficaram em baixo.

Então o Cardeal Infante D. Afonso os recebeu por palavras de presente; e logo os Infantes e mais Senhores da Corte beijaram a mão a El-Rei e se deu princípio a um sarau.

Assentou-se D. João III, ficando-lhe a Infanta, sua cunhada, à direita, e à esquerda o Infante noivo D. Duarte; logo à direita, a Duquesa e junto dela sua filha; depois, o Infante D. Luís, o Duque D. Teodósio e seus dois irmãos; e à esquerda ficaram também os Infantes D. Afonso e D. Henrique.

Dançou El-Rei com o Duque e o Infante D. Luís com D. Jaime. Outro tanto fizeram os mais Senhores, Condes e Fidalgos velhos, chegando alguns a dançar com seus netos para tornarem as bodas mais solenes.

E, acabando o sarau, El-Rei e os Infantes acompanharam a noiva ao seu quarto e em seguida recolheu-se cada um ao seu. Não diz o autor a quem si go terem passado a tomar lauto jantar ou ceia e de tal silêncio infere-se que ceou cada um nos seus aposentos, conforme a prática mais usada então que era: *Comer com poucos*. Os jantares públicos e de cerimónia eram só de dia e em ocasiões soleníssimas, como adiante veremos, chamando-se a isso *comer em público*.

Todos os referidos acontecimentos se realizaram na tarde e serão de terça-feira, 24 de Abril de 1537.

No dia seguinte, o Bispo de Lamego D. Fernando de Vasconcelos disse Missa rezada por ser já tarde, na sala da Infanta, onde os dois esposos foram velados com todas as cerimónias devidas à sua alta hierarquia. O Altar estava ricamente decorado em cima de um estrado alto e debaixo de um dossel; defronte do Altar, não muito distante, estava posto o sitial com um pano rico de brocado que cobria o chão e em cima quatro almofadas de brocado também; nas almofadas do meio estavam os noivos, à sua direita

El-Rei e a Duquesa à esquerda, aquele como padrinho e esta como madrinha. Sobre o mesmo pano, mas detrás dos noivos e seus dois padrinhos, ajoelhavam o Infante Cardeal, o Infante D. Luís, o Infante D. Henrique e o Duque D. Teodósio I.

Acabada a Missa e lançada a benção nupcial com as mais cerimónias religiosas que então vigoravam, quizeram os Infantes noivos beijar a mão a El-Rei, mas ele os ajudou a levantarem-se com muito carinho e benignidade.

Neste dia os Infantes e Duques vestiram-se com fatos riquíssimos e variados nas cores e moda, o que em todos praticaram sempre.

No fim da Missa acompanharam a Infanta aos seus aposentos, onde ela comeu em público, sendo servida com todo o aparato pelos Oficiais da sua Casa.

El-Rei passou também ao seu quarto onde achou a mesa posta com Real magnificência; e ao sentar-se a ela, começaram a tocar as trombetas, ataba^lles e charamelas. Entrou o Mordomo-mor com os demais Oficiais da Casa que costumavam servir naquele acto, precedidos pelos Reis de Armas, Porteiros da Maça, Guarda e Moços da Câmara com as viandas; o Mantieiro levava o gomil e prato. Chegando este à mesa, tomou-lhos o Trinchante que os deu ao Duque. Este passou-os ao Infante D. Duarte que foi quem deu água às mãos a El-Rei. E depois de feita a cortesia e cerimónia, entregou-os ao Duque para este dar água às mãos ao dito Infante D. Duarte, seu cunhado. O mesmo Duque prestou igual serviço aos Infantes Cardeal, D. Luís e D. Henrique, sentados nesta ordem, fazendo cada um grande reverência a D. Teodósio, a quem El-Rei disse no fim que se assentasse, o que ele fez abaixo dos Infantes e então o seu Trinchante lhe deu água às mãos.

A mesa foi servida com delicadas iguarias ao som de acordes instrumentos; e ao mesmo tempo dançavam na sala alguns Fidalgos para o jantar Real se tornar tão agradável pela variedade apetitosa dos manjares como pelo divertimento dos circunstantes.

Toda a baixela que serviu nesta ocasião era de D. Teodósio; nem permitiu este que servissem à mesa outros criados além dos seus, ficando em descanso os de El-Rei e dos Infantes, excepto os Oficiais-mores que serviam imediatamente às pessoas Reais em razão dos seus cargos.

Neste mesmo dia se vestiu El-Rei de capa aberta frisada; e assim o pelote com gibão branco; as calças eram pretas e os pantufos de veludo e a gorra do mesmo, preta, com medalha muito rica.

Os Infantes saíram vestidos muito luzidamente com invenções novas, medalhas, espadas e adagas de grande preço. O Duque trajava um gibão de cetim pardo a três debruns do mesmo com um golpe atravessado no peito, outros nas mangas tomados com pontas e ouro e o mais do gibão todo picado; tinha calças pretas farpadas, gorra de veludo negro guarneçada à Francesa com peças de ouro, medalha e pluma branca; espada e adaga rica; e sobretudo vestia uma roupa Francesa frisada com uns debruns da mesma droga, entrançados, golpeados e tomados com pontas Francesas; por cima ostentava um colar de ouro de grande valor. Seus irmãos vestiam com pouca diferença porque somente diversificavam em serem as roupas brancas.

A Infanta apareceu com saia de cetim aleonado, aberta por diante, forrada de veludo da mesma cor com bordadura larga e golpes nas mangas tomados com firmas de diamantes e de pedras preciosas; e debaixo uma cota de tela de prata com bordadura de laços de ouro, feitiço de xadrez, tomados com peças de ouro esmaltadas, com um cordão muito rico esmaltado feito a modo de cadeia quadrada de seis ordens formando um pilar - obra de grande primor e artifício. Tinha gorgueira de prata e ao pescoço uma cadeia de ouro excelente; braceletes e manilhas - tudo de grande valor; e gorra com pluma. Sua irmã D. Joana trazia saia de cetim branco forrada de veludo de pelo da mesma cor, bordada de outro veludo branco, tomada a bordadura a pedaços com pontas de ouro; e debaixo uma cota de cetim encarnado com bordadura de veludo da mesma cor e uma cinta de ouro esmaltada, gorgueira e trançado de ouro; cadeia de ouro esmaltada ao pescoço; braceletes e manilhas; gorra com pluma.

Depois de ter jantado a Família Real, dispuseram-se umas Justas para essa mesma tarde. Os justadores entraram no Terreiro do Paço desta maneira: precediam a todos os trombetas, atabales e charamelas, vestidos segundo as cores de D. Teodósio I que eram azul e amarelo (como já fica dito), com capas francesas sobre os pelotes. E nas trombetas pendiam bandeirolas de seda com as Armas do Duque em bordadura, seguradas com cadeias de prata em que por sua vez figuravam de novo as mesmas Armas em relevo; na cabeça traziam gorras azuis com plumas amarelas. Seguiam-se dois Arautos e Passavantes com cotas ricas, dois Porteiros com maças de prata e logo doze Cavaleiros emparelhados a dois e dois em soberbos cavalos, conduzindo-se outros acobertados das cores do Duque - tudo com luxo e magnificência.

Destes acobertados eram os primeiros o Duque e seu irmão D. Jaime e no meio deles ia por padrinho o Infante D. Luís montado num famoso cavalo bas tardo. Este acompanhou os afilhados até os pôr na teia; e começando-se a romper as lanças, apeou-se e subiu para onde El-Rei estava que era a uma janela do Paço.

Adiante dos ditos acobertados iam os cavalos em que haviam de correr os Moços da Estribeira, levados por estes mesmos e adereçados ricamente com martinetes e penachos; os Pajens com os elmos e plumas; e os Padrinhos, que eram Fidalgos da Casa Ducal, com as lanças.

Depois que deram entrada na Praça, emparelhados a dois e dois com seu Padrinho, com divisas amarelas e azuis, correram a teia com grande ligeireza e logo se dividiram em duas turmas, ficando com uma o Duque e com ou tra seu irmão D. Jaime.

Os Juzes das Justas eram: Fernão da Silveira, Comendador de Montalvão e Claveiro da Ordem de Cristo; Alvaro Mendes de Vasconcelos, Senhor do morgado do Esporão; e André Teles da Silva que foi Mordomo-mor do Infante D. Luís e depois Embaixador a El-Rei D. Filipe II. Estavam estes três num camarote levantado e ao pé deles os Reis de Armas de El-Rei com os prémios da Justa. O primeiro era um cocar de plumas para quem quebras se a primeira lança; o segundo, seis penachos para a parte ou turma que melhor justasse; e o terceiro, uma adaga de ouro esmaltado para o melhor justador (ganhou-a Fernão de Castro, Fidalgo da Casa do Duque).

D. Jaime, que não passava de treze anos de idade, quebrou as melhores duas lanças que desta vez se quebraram no Duque, seu irmão; este, porém, não se mostrou menos destro e bizarro fazendo a cavalo coisas prodigiosas: não correu lança que primorosamente não quebrasse no seu contrário, tomando-a muitas vezes aos seus Padrinhos por lhes poupar o trabalho, e mostrando-se nestas lides incansável, robusto e bem exercitado.

Acabadas as Justas, se despediram os Cavaleiros com o mesmo aparato com que haviam entrado. E El-Rei foi logo entretido com uma suave música até às horas de se recolher da janela.

Depois das Justas houve Touros, corridos por toureiros de pé que fizeram graciosas sortes, acabando-se assim de gastar o resto daquele dia com gratos divertimentos.

Na quinta-feira, 26 de Abril, foi El-Rei de manhã ouvir missa à Igreja de Nossa Senhora do Castelo. Levava capa aberta, gorra preta com sua es-

tampa, pelote de solia e gibão de cetim pardo, montando num cavalo ruço ricamente ajaezado.

O Infante D. Duarte, que o acompanhou, levava gibão tecido de lavor de flores soltas de cetim e veludo branco; calças e sapatos brancos; pelote e capa aberta; gorra com plumas brancas. O Infante D. Luís vestia calças, sapatos e gibão tudo carmesim e o Duque D. Teodósio gibão de veludo azul, tudo apassamanado; calças, sapatos e gorra com pluma, tudo da mesma côr.

Com estes altos personagens e muita Fidalguia esteve El-Rei assistindo à Missa; e, como na sua chegada à Matriz salvasse o Castelo ou Cidadela no va aperfeiçoada pelo Duque D. Jaime, quis D. João III ir vê-la ao sair da Matriz. Subiu, pois, com a sua comitiva à Fortaleza onde o Duque lhe andou mostrando o que havia de mais notável. E depois disto regressaram ao Paço.

El-Rei jantou com o mesmo aparato e formalidade que já deixei referido, mas somente com os Infantes D. Luís e D. Duarte e com o Duque D. Teodósio porque os Infantes D. Afonso e D. Henrique (Eclesiásticos) jantaram separadamente no seu quarto com toda a magnificência, visto que tudo estava disposto para cada um ter a comodidade que apetecesse.

De tarde, às mesmas horas do dia precedente, repetiram-se as festas públicas.

Entretanto El-Rei foi com os Infantes ao quarto da Infanta noiva, como já fizera na véspera, e voltaram todos para os aposentos Reais que eram, como tenho dito, nas salas da frente do Terreiro do Paço sobre a praça das Justas e Touradas. A noiva ficou à mesma janela em que El-Rei estava e que se distinguia por uma rica armação de brocado, assemelhando-se-lhe outra que era destinada para os Infantes. D. Duarte, contudo, separou-se de seus irmãos para estar a outra com a Duquesa viúva e sua filha D. Joana.

Deu-se principio ao divertimento com alguns touros que foram corridos por toureiros práticos e Moços da Estribeira do Duque, vestidos todos galantemente. Pouco depois, chegavam à Praça, tocando as trombetas, atabales e charamelas, seguidas por duas azêmolas com as Canas, cobertas com reposteiros das cores do Duque, muito concertadas, trazendo arreios com guarnições e peitorais de prata. Ia-se dar principio a um jogo de Canas. Depois das azêmolas, caminhavam sessenta e quatro cavalos ricamente preparados com peitorais e cascavéis de prata e tudo o mais com ostentação e

riqueza. Seguia-se logo D. Teodósio I com seus irmãos e muitos Fidalgos, que por todos foram quarenta e quatro, vestidos à Mourisca com marlotas azuis, amarelas, alaranjadas e brancas, para distinção dos fios ou turmas em que se dividiram: todos concertados com luxo, primor e bizarria. Primeiro que tudo fizeram a El-Rei as devidas reverências e depois dividiram-se. O Duque tomou o seu posto à frente da quadrilha a que presidia e seus irmãos D. Jaime e D. Constantino fizeram outro tanto. Começaram logo a correr-se as canas com grande perfcia; e depois de bem travados, o Duque apartou-os com um arremessão para ensaiarem uma bela escaramuça. No fim desta repetiu-se a tourada. Eram muitos e bons os touros; houve belas sortes de que alguns cavalos safram feridos. O Duque, depois de ter andado na Praça um bom espaço de tempo e obrado algumas gentilezas, viu -se obrigado a deixar a teia porque El-Rei assustado com o perigo mandou-lhe primeiro e segundo recado para que se não expusesse. Continuaram diversos Fidalgos e Moços da Estribeira a picar os touros até ao sol posto; e então se despediram os Cavaleiros, recolhendo-se na mesma ordem com que tinham vindo.

A propósito de touradas, referirei já aqui o que Cadornega diz a este respeito e é que em todas as festas notáveis do ano e festejos familiares dos Duques de Bragança havia touros no Terreiro do Paço, fornecidos pelos mesmos Duques e criados no grande reguengo de Monsaraz chamado Roncão. Este era coutado e maior que a Tapada de Vila Viçosa, mas sem muro e apenas com couteiros a pé e a cavalo até ao presente. Traziam-nos os Duques por sua conta e criavam ali grandes manadas de gado vacum.

Tem-me esquecido advertir que durante estas festas esponsalícias (assim como noutras de futuro) Vila Viçosa iluminava-se todas as noites; ardiam no Terreiro do Paço vários fogos de artificio; e no Castelo soavam de quando em quando as descargas de artilharia.

Nessa noite e sempre, El-Rei antes de se recolher aos seus aposentos ia com os Infantes acompanhar a Infanta, sua cunhada, até à sua câmara.

No dia seguinte que era uma sexta-feira, 27 de Abril, levantou-se El-Rei mais cedo do que nos outros dias por ter determinado retirar-se e ir jantar a Estremoz. Saindo já vestido com fato de jornada e assim mesmo os Infantes seus irmãos, excepto o noivo, foram ao quarto da Infanta; e depois de se demorarem um bom espaço de tempo, despediram-se da mesma Infanta e de seu marido, assim como da Duquesa D. Joana e do Duque D. Teodósio

com singulares demonstrações de affecto e do gosto daquela nova aliança de famílias - Real e Ducal de Bragança; e o mesmo praticaram com os mais Senhores desta última Casa.

Deixando a todos igualmente satisfeitos, foi El-Rei ouvir Missa ao Mosteiro de Santo Agostinho e, tornando a montar a cavallo à porta da Igreja, tomou a estrada de Borba.

Até esta vila o acompanharam seu irmão D. Duarte e o Duque de Bragança, seguindo-os as mesmas danças e festins que houvera no dia da chegada; e precedendo-os também os Ministros da Justiça, Porteiros e Reis de Armas.

De Borba em diante continuou somente a comitiva que El-Rei trouxera con sigo.

Nesse dia pernoitou em Estremoz e no dia seguinte recolheu-se a Évora, manifestando a todos quanto ficara satisfeito da hospedagem nesta nossa vi la e como passara com gosto aqueles dias em casa do Duque, seu primo.

O Duque e o Infante seu cunhado recolheram-se a Vila Viçosa com o mesmo fausto e grandeza com que tinham acompanhado a El-Rei e jantaram em pú blico juntos com todos os mais Braganças, sendo a mesa servida realmente porque em todos aqueles dias que duraram as festas se não alterou a etiqueta de quando El-Rei estava presente.

As festas públicas prolongaram-se ainda, variando-se os divertimentos de Justas, Canas, Escaramuças, Touros e outros semelhantes de que nessa época se fazia muito apreço.

Vila Viçosa começava então a adquirir maior nome. Estas festas davam estrondo na província e a esse estrondo vinham acudindo muitas gentes das vilas e cidades circunvizinhas para se entreterem aqui em belos passatemplos, conforme o gosto da época; e essa concorrência tornava animadíssima a nossa povoação que já de si não deixava de ter grande movimento.

Ainda hei-de ter ocasião de narrar festas esponsalícias tão faustosas, e ainda mais, do que estas.

CAPITULO XLI

Continuação da biografia de D. Teodósio I. Formação do primeiro morga do da Casa de Bragança. Primeiro casamento deste Duque. Diversos factos. Fundação do segundo Convento da Piedade, do Convento da Esperança e do Colégio dos Meninos Órfãos. Morte da Duquesa D. Isabel de Lancastre e novo casamento deste Duque. Sua descendência.

I

Continuou o Duque D. Teodósio I no seu estado celibatário por mais alguns anos a fim de entretanto se criarem e collocarem os seus irmãos consanguíneos. A Infanta D. Isabel, sua irmã germana, estava casada com o Infante D. Duarte e pouco tempo depois do seu consórcio foi residir na Corte de El-Rei; mas nunca perdeu o amor à sua pátria particular e, como sua filha D. Catarina viesse a casar com o Duque D. João I, para cá tornou no último quartel da vida e cá morreu. Sua madrasta D. Joana de Mendonça comprou as casas que hoje se acham transformadas no Palácio do Bispo a fim de residir ali com seus filhos ainda não collocados quando o seu enteado houvesse de casar-se. E assim foi D. Teodósio I conciliando os seus interesses individuais com os da sua família.

Entretanto, como principiava a febre da formação de vínculos e morgados, instituiu este Duque um com os bens particulares da Casa Ducal, fazendo lavrar instrumento público dele em Lisboa aos 25 de Setembro de 1540. E por ocasião desta notícia especializarei que nesse Morgado vinculou também duas Vendas que havia fabricado no caminho de Lisboa para sua pousada e de seus sucessores nas viagens à Corte, sem lhes ser preciso utilizarem-se da hospedagem de ninguém. A primeira, hoje bem notável por ser ali mesmo uma das Estações do caminho de ferro de Évora para Estremoz, era no termo de Évora-Monte e servia para ali pernoitarem os Duques, tanto nas jornadas a Lisboa como a Évora. *Venda do Duque* se chamou desde então e assim continuará de futuro a apellar-se. A outra era em Vendas Novas.

Depois da exaltação dos Braganças ao Trono Português, passou aquela Venda a servir de estalagem e hoje conserva-se em mãos de particulares por

ter sido aforada logo que deixou de ser precisa para o fim da sua criação.

No mesmo ano de 1540, a 9 de Dezembro, condecorou El-Rei D. João III o nosso Duque D. Teodósio com a patente de Fronteiro-mor de Entre Douro e Minho - emprego equivalente a General de Província e que seu pai já tivera.

II

Dois anos depois é que D. Teodósio I resolveu tomar o estado matrimonial (1542) e já não era cedo visto contar 37 ou 38 anos de idade.

Escolheu para sua esposa a sua prima-irmã D. Isabel de Lancastre, filha do seu tio paterno D. Dinis que casara com a herdeira da Casa dos Marqueses de Sarria e Condes de Lemos e irmã daquele Comendador-mor da Ordem de Cristo D. Afonso de Lancastre de quem atrás se falou. Era uma excelente senhora e muito piedosa, porém, achacada; e este enlace matrimonial, assim contraído com um parente chegado, contribuiu para deixar um filho, além de único, não mais sadio que a mãe.

Vila Viçosa não gozou então de esplêndidas festas porque as bodas tiveram lugar em Lisboa.

Foram recebidos pelo Arcebispo do Funchal. El-Rei serviu de padrinho e a Rainha D. Catarina de madrinha. Mas D. Teodósio não se demorou ali. No dia seguinte ao recebimento, pôs-se logo a caminho da sua terra, fazendo-lhe El-Rei a distinta honra de acompanhar os recém-casados até à Ribeira Velha onde se embarcaram.

Não conta a *História Genealógica* o que por ocasião da sua chegada se fez em Vila Viçosa. É, porém, probabilíssimo que além de salvas de artilharia e repiques de sinos houvesse danças, festins, jogos e touradas por alguns dias.

III

Foi D. Teodósio I o Duque de Bragança mais assistente em Vila Viçosa, pois nunca safu do Reino a batalhar lá fora. As suas jornadas, além de algumas à Corte de El-Rei, eram às suas terras de Entre Douro e Minho, pas

sando pela vila de Ourém para ouvir as queixas dos povos e corrigir os abusos de autoridade, se os havia. Em 1545 teve lugar uma destas visitas.

O mais do tempo que lhe sobrava da administração da sua Casa e Estados empregava ele na leitura de livros de instrução e no exercício da caça, tanto na sua Tapada, onde construiu uma Casa de Campo em 1540,⁽¹⁾ como fora dela, estendendo as suas excursões aos termos do Alandroal e Terena.

Também se recreava muito com os exercícios marciais em que se mostrava perito. De tempos a tempos fazia vir de Borba uma companhia de cem homens de arcabuzes e piques para a juntar com outra aquartelada em Vila Viçosa; e com elas manobrava muito bem no Terreiro do Paço, exercitando-se a si e aos seus soldados e dando com isto alegres diversões ao nosso povo.

Mais. Achando-se em perigo neste meio tempo a Praça de Çafim na África setentrional, mandou-lhe um socorro de quatrocentos cavalos, mantidos à sua custa, mostrando nesta generosidade quanto a sua casa estava opulenta - efeito de uma boa administração.

Mais. Atribuem-se a este Duque importantes melhoramentos na Cidadela; e memora-se em especial a *Sala das Armas*, chamada também ultimamente *Armazem dos Duques* e que é situada na parte do meio-dia, distinguindo-se das outras por excelentes colunas dóricas de mármore branco de Montes Claros. Ali se achava uma grande colecção de armaduras antigas e modernas daquele tempo com tanta ostentação que as panóplias ou estantes eram douradas, como atestam ainda algumas pessoas que as viram quando se malbaratou o resto daquele armazém durante a Guerra Peninsular.

IV

Em 1547 favoreceu D. Teodósio I os Capuchinhos de S. Francisco Velho, fundando-lhes novo Convento mais perto da vila e em lugar que se afigurou a todos mais saudável. Além de solitário, o Conventinho da Piedade, erigido por D. Jaime, era insalubre no estio por causa do ribeiro que serpenteava no vale mas seca na estação calmosa. Eram frequentes nesta quadra as sezões e outras febres intermitentes e inflamatórias e o curativo dos

(1) *Almanaque de Lembranças de 1863 - Art. Vila Viçosa por J.A. Pesta na Leal.*

enfermos a dois ou três quilómetros da vila não podia ser pronto e regular.

Por estas causas, decidiu o Duque trasladar a comunidade que se upai favorecera e que ele por isso mesmo desejava beneficiar para sítio mais próximo da vila onde os médicos pudessem chegar com mais facilidade e o povo utilizar-se mais dos serviços daqueles Fradinhos. Veio, pois, a fabricar-lhes nova Casa na extremidade oriental do largo público do Outeiro do Ficalho onde hoje é o meio da Cerca do Convento actual; e porque estes edificios da Capucha foram muito humildes na sua primitiva, no mesmo ano de 1547 se acabou a Igrejinha e as indispensáveis oficinas, trasladando-se logo a comunidade. Parece que ainda então o dormitório, se o havia (o que julgo mais provável), não passava de uma casa rasteira.

A primitiva Igreja da Piedade não foi todavia entregue ao abandono sendo, como era, a cabeça de toda a Capucha em Portugal. Até 1834 foi não só conservada a Igreja, mas uma casa de refeitório e cozinha que servia quando os Frades lá iam todos os anos celebrar a festa de Nossa Senhora dos Anjos que ficou substituindo a Nossa Senhora da Piedade na preeminência de Orago daquele templo.

Ora, o segundo Conventinho fabricado por D. Teodósio I ainda não satisfez, não digo já as condições de salubridade e vizinhança da vila, mas as de boa situação topográfica, pois ficava algum tanto baixo, roubando-lhe o Outeiro do Ficalho e o Castelo a luz e o calor do sol da meia tarde em diante. Um pouco mais ao poente da nova fábrica estava um cômodo com a Ermida de S. Lázaro e era aí mesmo que deveria ter-se logo construído o segundo Convento da Piedade para formar um triângulo com as Ermidas de S. Tiago e S. Luís. É o que veio a realizar-se ao cabo de cinquenta e nove anos; e depois veremos.

V

A nossa vila marchava então a passos de gigante pelo caminho de um verdadeiro progresso material, moral e religioso. Quando se acabava de criar ou melhorar um instituto benéfico, já se cuidava de organizar outro.

A este tempo tratava-se já da erecção do Convento de Nossa Senhora da Esperança, cuja história é muito complicada e, portanto, resumi-la-ei nes

te lugar.

Uma viúva que vivia na rua da Cadeia, chamada Isabel Chirina ou Cheirinha, e irmã de Soror Margarida de Jesus, a fundadora do Mosteiro de Agostinhas, criou em testamento uma espécie de Beatério de Claustrais ou Terceiras de S. Francisco, sendo inaugurado este Recolhimento em 1533, ano da erecção do Convento das Chagas, e posto debaixo do patrocínio de Nossa Senhora da Esperança, cuja Imagem tinha a dita viúva num Oratório de sua casa - berço do instituto nascente. Ora, desejando estas Religiosas, ou antes, Beatas melhorar de edificio e de meios de subsistência e sabendo que a Duquesa D. Isabel de Lancastre se obrigara por voto seu a fundar um Convento de Freiras da Regra de Santa Clara, levaram as suas súplicas à presença desta Duquesa e obtiveram dela o fazer o Convento votivo no Recolhimento da rua da Cadeia, sujeitando-se as suas moradoras a professar aquella segunda Regra de S. Francisco de Assis.

O primeiro passo que se deu nesta matéria foi professarem as Recolhidas a Regra Clarissa nas mãos de Soror Catarina Botelha ou da Madre de Deus que para este fim veio do Convento de Santa Clara de Elvas em 1551. Feito isto, comprou a Duquesa alguns prédios de casas para alargar o terceiro Convento de Freiras de Vila Viçosa; mas o local não era ajeitado para este mistér. A rua da Cadeia ou era a primeira de dentro da Cerca de D. Dinis no Castelo à mão esquerda entrando-se pelo Arco dos Remédios, ou alguma outra fora da mesma Cerca e perto da Cadeia, do que já nada existe desde 1663 e 1664. Uma coisa certa, porém, é que do adarve da Cerca devassavam o quintal das Freiras os que ali subiam; e isto, com a estreiteza do terreno, seria sempre um obstáculo invencível ao desenvolvimento daquela Casa Religiosa.

Por estes motivos, ensaiou-se o fazer uma junção da nova comunidade com outra de Claustrais de um Recolhimento da rua de Santo António que funcionava no mesmo lugar em que depois foi edificada a Igreja do Taumaturgo Português. Mas também este ensaio não deu resultado satisfatório porque, além de terem as Claustrais de professar a Segunda Regra encontrando - se nisso dificuldades, sempre a situação do Convento ficava apertada e de não fácil alargamento.

Ao mesmo tempo que se reconhecia a incapacidade notória do Convento na rua de Santo António funcionando já lá a comunidade Clarissa, interrompia-se a edificação do actual Convento da Esperança principiado em 1550 por

uma viúva chamada Isabel Martins Fuseira e falecida cerca de 1552. Era destinado também para Freiras de Santa Clara sob o Orago de Nossa Senhora da Conceição. E porque esta obra não podia ir por diante com o falecimento da sua fundadora, lembrou-se a Duquesa de contratar com os herdeiros dela a cessão da posse deste Convento em nascença. Feito isto, continuou as obras de mais necessidade e ultimou-as em pouco tempo, de sorte que logo em 1553 se transferiu para ele a comunidade que estava na rua de Santo António, e ali esteve até aos nossos dias (1866).

Por este resumo que tiro da *Crónica Seráfica da Província dos Algarves* por Frei Jerónimo de Belém,⁽¹⁾ vêem os leitores quanto naquela época florescia o espírito de religião e moralidade. Haveria muitas fraquezas, filhas da fragilidade humana; concedo até que a devoção degenerasse por vezes em hipocrisia, mas em todo o caso eu direi sempre que, entre sofrer hipócritas e libertinos, optaria pelos primeiros. Os segundos são um verdadeiro flagelo da moralidade e da humanidade...

VI

Não omitirei na biografia de D. Teodósio I que El-Rei, seu primo, o honrou com diversas comissões, assim como seu pai fizera ao Duque D. Jaime.

Quando a Princesa D. Maria, filha do mesmo Rei D. João III, se desposou com Filipe II, príncipe herdeiro de Espanha, D. Teodósio I foi o comissário que a entregou no Caia depois de a ter acompanhado até ali com luzida pompa de Fidalgos e Cavaleiros. Igual serviço prestou no ano de 1554 esperando em Arraiolos a Princesa D. Joana, viúva do infeliz Príncipe D. João e mãe de El-Rei D. Sebastião a qual, enviuvando, resolveu passar a Castela a fim de viver na companhia de seu pai o Imperador Carlos V.

Na primeira destas comissões levou D. Teodósio uma comitiva de trezentos e cinquenta cavaleiros em que se contavam trezentos criados contínuos da sua Casa; e na segunda excedeu este número com mais um cento. Calcula-se por isto a ostentação com que ele vivia!

Sua mulher, a Duquesa D. Isabel de Lancastre, a piedosa fundadora do Convento da Esperança, não lograva saúde; e transportando-se a Lisboa em

(1) Tomo 4, págs. 125 e seguintes.

1558 para ver se os médicos lhe atinavam ali com a cura dos seus achaques, lá faleceu a 24 de Agosto.

Apesar de não se demorar muito entre nós, deixou todavia sobejos motivos para lhe sermos reconhecidos. Antes de partir para a Capital do Reino, fez o seu testamento no qual dispôs, entre outras coisas, que o seu corpo repousasse no Convento que fundara na nossa vila. E ali foi, com efeito, sepultado no Coro de baixo ao pé do comungatório. Outra fineza que lhe devemos é o núcleo ou germe do *Colégio dos Meninos Orfãos* com que nos favoreceu a sua caridade, e que pena é não receber posteriormente os devidos impulsos; aliás teríamos hoje uma *Casa pia* (como estão chamando a estes estabelecimentos) onde se amparassem os meninos que perdem a protecção mais certa no mundo que é a de seus pais.

Deixou ela no seu testamento um legado para a sustentação de dois meninos efectivos sob a direcção do Capelão-mor da Misericórdia que ficaria sendo a administradora do novo Colégio; e seu marido, também por testamento, deixou nova renda para sustento de mais quatro, com o que ficaram sendo seis.

Daqui não passou, empecendo-lhe os progressos a transferência da Casa de Bragança para Lisboa em 1640, que foi causa de se interromperem outras muitas obras importantes já principiadas ou delineadas.

Eu possuo algumas folhas de um livro de receita e despesa deste Colégio que durou assim mesmo cerca de século e meio; e por isso darei mais amplas notícias dele na Segunda Parte.

VII

D. Isabel de Lancastre finou-se em Lisboa, como dito é, no ano de 1558 deixando um único filho, D. João, que foi sexto Duque de Bragança e que não era robusto e sadio herdando em parte os achaques maternos. Por esta causa, deliberou D. Teodósio I passar a segundas núpcias com D. Brites de Lancastre, filha de D. Luis de Lancastre e neta, por seu pai, de D. Jorge Duque de Coimbra e filho natural de El-Rei D. João II. Dela teve um filho que se chamou D. Jaime, como o avô, e veio a morrer na infausta batalha de Alcácer-quibir em Africa onde também succumbiu El-Rei D. Sebas -

tião; e uma filha que se chamou D. Isabel e casou com D. Miguel de Menezes, Duque de Caminha e Marquês de Vila Real. Não teve mais porque só foi casado cerca de quatro anos com esta segunda mulher que era vigorosa e moça ainda; e recolhendo-se depois de viúva ao Convento das Chagas, ali viveu largos anos.

Eu dou aos meus leitores os esclarecimentos precisos para que conheçam o bastante da história biográfica dos Duques de Bragança; mas só trato com difusão o que respeita à nossa terra. É esta a fase por onde encaro a história da Casa de Bragança, ficando no silêncio o que os seus administradores fizeram em benefício doutras terras. Tenham-no assim entendido; e os mais curiosos, se quiserem, consultem a *História Genealógica* e outros livros que tratam deste assunto.

Concluiremos esta biografia no seguinte capítulo.

Continuação da biografia de D. Teodósio I. Melhoramentos importantes introduzidos por este Duque no Hospital do Espírito Santo e criação da enfermaria do mal de Boubas. Projecto da transferência da Colegiada de Ourém para a Paróquia urbana de S. Bartolomeu e começo da reedificação desta. Fundação da Igreja do Mártir. Obras no Paço Ducal e no Mosteiro de Santo Agostinho. Projecto da fundação de uma Universidade neste Mosteiro. Morte de D. Teodósio I. Grandeza da sua Corte. Sua propensão para as ciências, letras e belas artes. Apreço que dava aos artistas insignes. Seu carácter magnífico, bondoso, caritativo e devoto. Notícia da Ermida e Forte de S. Bento, de S. Jerónimo, de S. Luís e de Nossa Senhora do Paraíso.

I

Podia já ter falado nos importantíssimos benefícios que D. Teodósio I fez ao Hospital do Espírito Santo, administrado já, como dito é, pela Irmandade de Nossa Senhora da Misericórdia. Não o tenho feito porque desejava seguir a ordem cronológica dos acontecimentos para assim os ir enca-deando, mas nem sempre logro o meu intento por lhes não achar as datas em que se verificaram.

Um deles é o aperfeiçoamento do Hospital do Espírito Santo devido com certeza a este Duque. A *História Genealógica* transmite-nos haver ele fabricado uma grande enfermaria para homens e outra para mulheres, o que tem uma alta significação para quem conhece de perto estas coisas. Com efeito, o hospital antigo, que se limitava às pequenas enfermarias quadradas que ainda existem para a parte da rua do Espírito Santo, estendeu-se para a rua de Três; formou-se o pátio actual; ao longo desta rua construiu-se a enfermaria dos homens; e encostou-se a das mulheres ao edificio antigo (esta acha-se hoje repartida em três, a saber: enfermaria de cirurgia, dita de pensionistas e dita de operações). Ou só à custa deste Duque ou mediante o concurso de outros benfeitores, é fora de dúvida que as oficinas do pátio, como cozinha, botica, celeiros e albergue, tudo foi organizado

nesta mesma época. Só uma coisa de bastante necessidade faltou pôr então - a Igreja. Esta foi edificada um pouco mais tarde quando já não vivia D. Teodósio I.

Neste assunto de caridade para com os enfermos é bem palpitante o fervor com que D. Teodósio a exerceu. Além de uma enfermaria privativa dos seus criados, que fez no andar baixo do seu mesmo Paço, instituiu uma do mal de Boubas e seus afins, de que já fiz menção atrás. As boubas, venéreo, gálico ou sífilis, era então uma enfermidade nova cujo curativo nem todos os médicos sabiam fazer. Por esta razão, fundou na nossa vila uma enfermaria desta espécie de males para servir a todos os súbditos do seu Estado; e funcionava nas primaveras.⁽¹⁾

Já disse que me parece ter existido na rua do Poço; mas pouco depois, ampliado o Hospital do Espírito Santo, passaram a ser curados aqui, talvez na enfermaria que hoje é privativa das mulheres, aqueles boubentos.

Deveu tanto a Misericórdia aos Duques de Bragança que na tabela dos Irmãos da Casa lê-se ainda hoje numa local: *Duque de Bragança, Protector desta Santa Casa*. Contudo, afirmarei que a glória do desenvolvimento do seu hospital é devida principalmente ao Duque D. Teodósio I, como fica demonstrado.

II

Outra obra projectada e ainda iniciada por este mesmo Duque é a reedificação da Igreja Paroquial de S. Bartolomeu, situada no meio da actual *Praça Nova*. Esta Igreja, em meu parecer, fora Ermida antiga dos primórdios de Vila Viçosa, como já disse noutro lugar. Fora aproveitada para sede da nova Paróquia urbana, criada alguns tempos antes, mas tanto por velha como por pequena carecia de ser reedificada com mais vastas proporções. Isto dizem Morais⁽²⁾ e Cadornega;⁽³⁾ porém, a *História Genealógica* é mais explícita e, por isso, transcreverei as suas palavras, ainda que poucas em número abundantes na substância: D. Teodósio I "desejou muito engrandecer Vila Viçosa; e assim intentou transferir para esta vila a Colegiada da vi

(1) Vide cap. XXXVI.

(2) *Parnaso de Vila Viçosa*, L. 2, cap. 25.

(3) *Descrição de Vila Viçosa*.

la de Ourém do Padroado Brigantino; e deu princípio à Igreja em Vila Viçosa." (1)

O que falta nesta notícia já o sabem os leitores. A Paróquia de S. Bartolomeu devia ser a sede da referida Colegiada e, portanto, achando-se esta velha e de curtas dimensões para ser uma Igreja Paroquial e Capitular, foi temporariamente mudada a Freguesia para a Igreja de S. Sebastião no Rossio que era de fresca data. (2) Derrubou-se a antiga Igreja de S. Bartolomeu e principiou-se a nova que, à semelhança da moderna Matriz, devia constar de três naves com outras tantas portas no frontispício; e quando as paredes estavam na altura de um homem ou pouco mais, interrompeu-se a obra com a morte de D. Teodósio I.

Completemos esta notícia. Credo que o Duque sobredito planeara a reedificação da Igreja de S. Bartolomeu nos últimos anos da sua vida, assinou o princípio desta obra no ano de 1560, pouco mais ou menos. E no princípio ficou. Depois disso fundou-se a Igreja do Espírito Santo com porta para o mesmo adro. Acabada esta Igreja, passou a funcionar ali a Paróquia de S. Bartolomeu por empréstimo; e por que não estava mal acomodada nas circunstâncias daquele tempo, já os Duques não tiveram pressa em realizar o projecto de D. Teodósio I, nem a Padroeira Ordem de Aviz se ocupou deste assunto como lhe cumpria. Assim, pois, o empréstimo da Igreja do Espírito Santo veio a durar quase três séculos. (3)

Entretanto a Igreja nova (assim lhe chamavam) ficou servindo de cemitério da Paróquia urbana filial porque a Misericórdia nunca abdicou a posse das sepulturas da Igreja do Espírito Santo; e durou isto até muito depois de se instaurar a Praça Nova com a fundação dos actuais Paços do Concelho (até 1793).

Demoliram-se então as meias paredes e torre da Igreja nova de S. Bartolomeu, ficando somente os alicerces para darem testemunho ainda hoje desta obra cuja interrupção devemos à ausência dos Braganças em 1640 para restaurarem a Monarquia Portuguesa.

(1) Tomo 6, pág. 96.

(2) Assim o diz uma Memória antiga manuscrita, que possuo, relativa às duas Freguesias da vila. *Morais*, no lugar citado, conta simplesmente que se mudara para a Igreja do Espírito Santo, o que era impossível por não ser esta fabricada em tempo de D. Teodósio I.

(3) Até 1865.

III

Por amor da cronologia interromperei já aqui as memórias do Duque D. Teodósio I para dar notícia da Igreja do Mártir S. Sebastião mencionada atrás.

Memórias escritas a este respeito são coisa que não encontrei ainda nem o espero já visto que os descritores da nossa vila - Moraes, Calado e Cadornega - não quiseram que lhes devessemos o conhecimento da origem destes monumentos de fresca data ainda quando eles escreveram; e o Cartório Municipal de hoje não remonta a essas épocas.

Podemos, contudo, apoiados na tradição e nos ensinamentos da história geral atinar com o tempo certo desta fábrica. Ensaaiemos esta averiguação. É sabido por todos os eruditos que o meio do século XVI foi muito flagelado pelo contágio da peste e até o ano de 1569 teve o título de *ano da grande peste*. Reinando então D. João III e vivendo entre nós o Duque D. Teodósio I, a devoção geral adoptou ao Mártir S. Sebastião por advogado contra aquele contágio, obrigando-se os Municípios a erigir templos votivos ao dito Mártir e fazer-lhe anualmente uma festa com procissão geral. Isto se realizou, pelo menos, em todos os Concelhos do Alentejo, cujas Câmaras omitindo já a procissão nalgumas vilas conservam ainda a festa por conta do cofre municipal.

A posse, pois, em que a nossa Câmara se manteve até cair em ruínas a Igreja do Mártir em 1858, assegura-nos que foi edificada à custa do Concelho. E a notícia de funcionar ali interinamente a Paróquia de S. Bartolomeu quando foi demolida a sua Igreja própria (1560 pouco mais ou menos), certifica-nos que esta fábrica é do princípio da segunda metade do século XVI (anos de 1550 a 1560).

Moraes menciona o *bairro de S. Sebastião*; ⁽¹⁾ e sendo ele já rapazote em 1578, quando teve lugar a expedição de África, poderia se quisesse contar-nos por tradição a origem desta Igreja votiva e municipal.

(1) *Parnaso de Vila Viçosa*, L. 2, cap. 15.

IV

Continuemos agora com as notícias particulares da pessoa do Duque D. Teo-
dósio I.

Diz a *História Genealógica* ter ele feito grandes obras no Paço Ducal; mas, como não as especifica, também eu não aventarei juízos falíveis expondo-me a enganar os meus leitores.

Da porta principal para o norte com um andar alto, é certo que já constava o Paço em 1537, como vimos atrás. Se porém este Duque o prolongou ainda para o sul, é coisa que não posso aclarar. No entanto, creio que adiantou aquele edificio, ampliando-o até constar de duplicada capacidade relativamente ao que seu pai deixara feito.

Engrandeceu a sua Capela, diz a mesma *História*, aumentando o número dos seus Capelães, dotando-a com ricas alfaias e paramentos e anexando-lhe rendas de Igrejas do seu Padroado.

Do que fez na Tapada e na Cidadela já atrás dei notícia.

V

No Mosteiro de Santo Agostinho mostrou-se ele algum tanto mais liberal ainda do que seu pai. Reformou-lhe a fachada que dizia para o Terreiro do Paço, e no de Santo Agostinho fez-lhe de novo o alpendre com o coro alto. Esta notícia é da mesma *História Genealógica*. Nenhuma destas fábricas, porém, subsiste já por ter sido posteriormente reedificada tanto a Igreja, como a face do Mosteiro que ocupa o lado oriental do Terreiro do Paço.

O mais digno de menção neste ponto é o projecto da fundação de uma Universidade no dito Mosteiro, regida pelos seus Frades. Para sustentação deste instituto científico e literário, anexou ao Mosteiro a Igreja de S. Pedro de Monforte, uma das mais rendosas da sua apresentação, e obrigou -se a satisfazer à sua custa o mais que faltasse para preencher todo o dis-
pêndio.

Depois de feita esta combinação com os Frades, solicitou a devida autorização do Doutor Universal que então era o Sumo Pontífice Pio IV, o qual anuiu à sua súplica fazendo-lhe passar dois Breves, cujo último tem a da-

ta de 13 de Julho de 1560.

Havida esta faculdade, continuou a obra das aulas começada alguns anos antes; sobrevivendo-lhe, porém, a morte ao cabo de mais três anos, poucas ficaram acabadas.

Completemos esta notícia. Deixou D. Teodósio recomendado a seu filho D. João I que levasse a cabo esta obra, mas a isso opuseram-se vários obstáculos. O primeiro foram as grandes perdas que sofreu a Casa de Bragança na infeliz expedição de África em 1578. O segundo foram as diferenças havidas com o Cardeal-Rei que intentou e efectuou a criação da Universidade de Évora quando esta não podia ser estabelecida vigorando a de Vila Viçosa porque o Breve determinava que não houvesse outra Universidade pela distância de doze léguas em redor de si. Diz a *História Genealógica* ser mais antigo o Breve da criação da Universidade Calipolense. Não sei porque nos falta o primeiro deles, mas parece-me que não, pois a de Évora foi instituída no ano de 1551 (*Crónica da Companhia de Jesus por Baltazar Teles, Tomo 1, pág. 901*); e Severim nas suas *Not. de Portugal, Disc. V, § 4*, diz que foi fundada a 20 de Setembro de 1558. O terceiro, finalmente, foi que dando o Breve de Pio IV facultades para se graduarem Doutores não só em Teologia, Leis e Cânones, mas também nas Ciências Médicas, não podiam os Frades reger as cadeiras destas últimas e tornava-se mister provê-las com Mestres seculares.

Reduziu-se, pois, a projectada Universidade a um pequeno Liceu composto de quatro aulas, a saber: português, latim, grego e retórica, as quais principiaram a funcionar na administração de D. Catarina como tutora de seu filho D. Teodósio II. Consta de um Alvará desta Duquesa, passado em 11 de Setembro de 1587, as nomeações dos primeiros dois Mestres de latim e grego; e nele se lê: "Que (o Duque referido em último lugar) como Protector do Colégio de latim, grego e artes, instituído pela Sé Apostólica no Mosteiro de Santo Agostinho, nomeava o Padre Frei Salvador da Graça para ler a primeira classe (latim) e Frei Aurélio de Santo Agostinho para ler a segunda (grego)."⁽¹⁾

Pouco tempo depois, estabeleceu-se ali uma aula de Retórica, da qual dá testemunho Frei Manuel Calado;⁽²⁾ e, por fim, houve somente duas - uma de português e outra de latim.

(1) *História Genealógica, Tomo 6, pág. 97.*

(2) *Valeroso Lucideno, págs. 94 e seguintes.*

Estas duraram pouco mais ou menos até ao ano de 1813 quando a Regência de Portugal começou a secularizar o ensino para ficar havendo mestres inábeis ou desleixados com notabilíssimo aumento de despesa para o Tesouro público. Ultimamente pagava a Casa de Bragança ao Mosteiro a ridícula consignação de oitenta mil réis pelo ensino da Língua Latina e outra de metade pelo ensino da instrução de ler, escrever e contar, ao passo que só a cadeira de Latim, regida por um professor do Estado, passou a custar duzentos mil réis afora reformas e jubilações!

Voltemos à biografia de D. Teodósio I.

VI

Faleceu este Duque em Vila Viçosa a 20 de Setembro de 1563 contando cerca de cinquenta e nove anos. No seu testamento ordenou que se dotasse um grande número de orfãos pobres e de bom nascimento pertencentes a terras do seu Ducado; destinou para seu jazigo a Capela do Mosteiro de Santo Agostinho para que os seus restos mortais se juntassem aos dos seus maiores; mandou que se desse a este Mosteiro um ornamento completo de veludo preto e trinta marcos de prata em objectos de capela, à escolha dos Religiosos; deixou uma larga esmola à Santa Casa de Misericórdia para as coisas que lhe fossem mais precisas; e recomendou a seu filho que favorecesse a mesma Santa Casa, conforme pudesse. Anexou também ao morgado da Casa de Bragança todos os ornamentos e alfaias de ouro e prata da Capela Ducal e a sua livraria.

Do exposto até aqui resulta que se os Calipolenses tiveram a agradecer muito a D. Jaime pelos benefícos feitos à sua terra, não menor gratidão cumpre votar a seu filho e sucessor. Os títulos dessa gratidão aí ficam já patentes e mais avultados seriam talvez se a história do seu tempo estivesse escrita com a devida minudência.

Darei, por último, notícia da grandeza da sua Corte e farei o elogio das qualidades pessoais de D. Teodósio I.

VII

D. Jaime, criando uma Corte principesca depois que seu tio D. Manuel o declarou herdeiro presuntivo do Trono Português, como dito fica, impetrou dos Papas a graça de erigir algumas Igrejas do seu padroado em Comendas e apresentar nelas Cavaleiros da Ordem de Cristo por ele mesmo nomeados que servissem na sua Corte e lhe prestassem homenagem, como sucedia com os Reis. Seu filho D. Teodósio I solicitou e obteve dos Sumos Pontífices iguais faculdades e pôde assim aumentar o número de Comendas da sua apresentação e conseqüentemente o número dos seus Officiaes-mores e subalternos.

A sua Corte era de tanto aparato como a de qualquer Pessoa Real. Compunha-se de um Camareiro-mor, um Estribeiro-mor, Veadores da Casa, um Trinchante-mor, um Caçador-mor, Pajens da campainha, da lança, da mala e dos livros. A comitiva da caça, que era o seu maior divertimento, constava de cento e dezasseis pessoas que o seguiam por uma ordem estabelecida pela etiqueta do Paço. Depois dos Officiaes-mores da Casa, já designados, seguiam-se os subalternos que eram: Porteiro da Câmara, Mantieiro, Estribeiro, Guarda-roupa, Moço das chaves, Tesoureiro, etc.. Desta maneira havia na sua casa trezentos e vinte e quatro pessoas que venciam salários e moradias, as quais existem ainda em grande parte do bairro contíguo ao Paço, chamado a Ilha, onde também se encontram numerosas cavaleriças, cocheiras e oficinas. Nesta parte creio que aumentou muito este Duque o que ali havia já do tempo de seu pai. Os Fidalgos do seu serviço eram dezas seis; os Moços Fidalgos, nove; os Cavaleiros Fidalgos, sessenta e um; os Escudeiros Fidalgos, catorze; os smplices Cavaleiros, dezasseis; os Escudeiros, doze; e cinquenta e quatro Moços da Câmara, etc.. Tudo isto e o mais que vou contar é da *História Genealógica*.

VIII

Gostava muito este Duque da pintura, escultura, manejo de armas e exercício da Cavalaria e Gineta. Tinha paixão pela arqueologia; e bem o mostrou nas diligências com que fez transportar da Ermida de S. Miguel, pró-

xima de Terena, uma porção de lápides inscriçõarias relativas ao célebre ídolo Endovélico dos Cartagineses e Romanos, como disse no cap. VIII. Estas pedras, com outras mais que foi coligindo, mandou ele meter com cimento pelas paredes do alpendre da Igreja de Santo Agostinho para que deste modo ali ficassem perpetuamente guardadas e ao mesmo tempo expostas ao exame dos arqueólogos. É bem certo é que a estes seus serviços se deve o hoje ser conhecida aquela divindade pagã e muitas coisas que lhe respeitavam.

Juntou no seu Paço uma copiosa livraria, enriquecida com quantos manuscritos de valor pôde ir obtendo; ornou-a com globos, esferas e outros instrumentos de matemática; e para mais evidente prova do apreço que lhe dedicava, ordenou no seu testamento que andasse incorporada no Morgado da Casa para que os seus sucessores pudessem aplicar-se às letras como ele se applicava. Esta livraria não existe já no Paço; creio que foi trasladada para Lisboa depois de 1640 e talvez que faça hoje parte da Livraria Real da Ajuda.

Criou também no seu Paço escolas de primeiras letras, gramática, música, dança, jogos de armas e de cavalaria para que os seus criados pudessem aprender todas estas boas prendas.

IX

Estimava também muito este Duque os artistas que se distinguiam pelo primor das suas obras. E quando algumas vezes de tarde passeava a cavalo pelas ruas da vila, detinha-se à porta dos officiais que mereciam a sua consideração; chamava-os e falava-lhes com um modo agradável para estimular-lhes assim o brio de seus colegas e movê-los a esmerarem-se na perfeição das suas obras ou artefactos.

X

E não só aos artistas, mas geralmente a todas as pessoas, atendia D. Teodósio I, mostrando-se fácil, alegre e afável e deferindo as petições que lhe faziam sempre que era moralmente possível. A sua lhaneza e corte

sia manifestavam-se até para com pessoas que não sabiam apreciar estes seus dotes e lhe correspondiam, ao contrário, com modos grosseiros. Por exemplo. Uma tarde em que passeava a cavalo por uma rua, na forma do seu costume, safu-lhe certa mulher e entregou-lhe um requerimento. Ele parou o cavalo e começou a ler o dito requerimento que continha petição injusta ou indevida e, portanto, respondeu-lhe logo: - *Não pode ser.* Ora, a mulherzinha, que só queria despacho favorável, começou a importuná-lo e desentendo-se nos termos como vulgarmente acontece, de forma que o Duque, enfadado com ela, picou espora ao cavalo dizendo-lhe por último uma palavra de displicência. Pois esta palavra roeu-lhe tanto na consciência que no outro dia foi de propósito passar pela porta da dita mulher para lhe pedir perdão, dizendo-lhe que o dissabor de a ter proferido lhe fizera dormir mal aquela noite; e para a consolar, visto não poder deferir o seu requerimento, mandou-lhe dar trinta alqueires de trigo.

Há provas evidentes de quanto D. Teodósio I era benigno para com todos e por certo o mais afável de todos os Duques de Bragança. Conta a *História Genealógica* o caso do dentista que ele chamou para lhe arrancar um dente que o incomodava e que, em vez de lhe extraír o dolorido, arrancou-lhe um são. Atónito, o dentista com o desfecho da sua operação, ficou tremendo até; mas D. Teodósio, sem se mostrar irritado, disse-lhe com benevolência: - *Filho, já que tirastes o são, tirai também o doente!*

Em suma, era tão bondoso que até aos seus próprios servos pedia perdão de algum trato áspero que tinha com eles. E diz-se que nunca se recolhera ao seu quarto de dormir com a consciência de ter cometido pecado grave que não fosse reconciliar-se aos pés do seu Confessor, primeiro que se deitasse na cama.

Quanto à sua caridade para com os enfermos pobres, já disse o bastante relatando os benefícios que fez à Santa Casa de Misericórdia e narrando a criação de uma Enfermaria de venéreo para todo o Ducado e outra particular no Paço para os seus criados. E acrescentarei que as suas duas mulheres, e principalmente D. Isabel de Lancastre, não se esqueciam de repartir os seus doces com os enfermos da Santa Casa.

Não menos diligente se mostrava D. Teodósio I no serviço de Deus. Andando um dia à caça nas vizinhanças de Terena, magoou-se de ver que, tocando o sino por muito largo espaço a reunir a Irmandade do Santíssimo Sacramento para se viaticar um doente, acusava isso pouco zelo dos Terenen-

ses pelo culto divino. Ao cabo de algum tempo mais, parou e disse aos Fidalgos da sua comitiva: - *Não há remédio senão irmos a Terena; aliás não sai tão depressa o Sagrado Viático!* Entraram, com efeito, na vila, vestiram opas e pegaram nas insígnias e utensílios, manifestando o Duque o motivo da sua resolução que era a tibieza e negligência daquele povo nas coisas de Deus e amor do próximo. E desde então, acrescentam os biógrafos de D. Teodósio I, confundidos os Terenenses com aquele bom exemplo vindo de tão alto, começaram a ser menos remissos no cumprimento daquele dever religioso.

Quando há temor a Deus, que é o *princípio da sabedoria*, como dizem os Livros Santos, ⁽¹⁾ surge no coração do homem a diligência por lhe não desagradar violando os seus preceitos e assim esse temor tende a transformar-se em amor ou caridade perfeita. Ora, o fruto natural da caridade é o zelo pela glória de Deus e pelo bem do próximo porque a caridade é amor e o amor, quando verdadeiro, não pode ser frio, inerte, ocioso. E por isso que D. Teodósio I rezava quotidianamente o Offício Divino com tanta perfeição ou mais que os seus próprios Capelães; e encarregava o seu Tesoureiro de mandar dizer um certo número de Missas por alma de cada criado que falecia na Casa. Mais. Num ano de grande esterilidade a que se seguiu, como sempre, uma fome geral, proviu de remédio aos seus súbditos de Vila Viçosa e provações circunvizinhas, mandando vir grandes carregamentos de trigo estrangeiro e fazendo-o vender somente pelo preço do custo que era menos de metade do preço corrente; e às pessoas nobres e pobres, que nem ao barato podiam chegar, mandava distribuir todos os dias pão cozido segundo o número de indivíduos e necessidades particulares de cada família. Durou esta esmola um ano inteiro até que, sobrevivendo uma colheita abundante, abaratóu o trigo.

Este Duque viveu sempre em Vila Viçosa e, por isso, conhecia bem todos os seus moradores, e tinha grande amor à sua terra.

No seu testamento recorda ele a dedicação que tivera por sua madrastra e irmãos consanguíneos, filhos dela, patrocinando-os como se fora seu pai, a fim de os colocar a todos em posições conforme a sua categoria e vocação própria, o que é uma verdade incontestável e muito honrosa para o Duque. E fê-lo assim para dizer a seu filho e sucessor que esperava dele um igual procedimento para com a Duquesa D. Beatriz, sua segunda mulher,

(1) *Ps. 110, 9. - Prov. 1, 7.*

e os dois filhos que dela houvera, destinando o recolhimento da sua viúva no Convento das Chagas para o caso de julgar ela preferível esse recolhimento à residência no Paço ou na vila. É certo, porém, que seu filho D. João I, ou por génio ou por causa de sua mulher D. Catarina, portou-se de modo bem diferente; o que eu deduzo de se recolher efectivamente D. Beatriz ao Convento das Chagas e principalmente de ver que a Senhora D. Isabel casou com o Duque de Caminha no Alandroal e não em Vila Viçosa, o que mostra com evidência estarem interrompidas as relações com o seu irmão e cunhada.

XI

Não fecharei este capítulo sem falar nalgumas Ermidas que tiveram principio no século XVI em tempo deste Duque ou antes.

1. - Uma delas é a de S. Bento, situada no cume do outeiro que fica ao norte da vila e muito próximo da cerca do Mosteiro dos Gracianos. Dela se faz menção na *História Genealógica* no último quartel do dito século, como veremos, assim como a descrevem Calado e Cadornega citados já muitas vezes, como existente na mesma época. Quem a fundaria e quando?... Não sei dizer e apenas afirmarei que a sua menor antiguidade será do tempo dos Duques D. Jaime ou D. Teodósio I.

Em torno desta excelente Ermida fabricou-se um Forte bem amuralhado que inutilizaram em 1663 quando se deu principio à construção das Obras Exteriores da Cidadela. Ora este Forte deve necessariamente ser obra ou de D. Teodósio I ou de D. Jaime.

2. - No outeiro immediato ao de S. Bento para o norte e presentemente já dentro dos muros da Real Tapada, acha-se um pinhal antigo embelezado pela Ermida de S. Jerónimo que é uma rotundazinha com seu alpendre e eremitério. Também a sua origem é obscura para mim.

Se atendermos, porém, a que esse pinhal já era da Casa de Bragança no século XVI e que nos fins dele já Calado ia passear àquella Ermida; se considerarmos ainda que D. Jaime era muito devoto do Doutor Máximo, o que provou escolhendo-o para Orago da sua Capela; e mais ainda que no seu testamento lembrara a erecção de um Eremitério de Monges de S. Jerónimo na Ermida de S. Pedro de Bencatel, sita numa herdade sua, para satisfação de

uma dívida a credor que nunca mais o procurara nem o Duque sabia onde parrassem os seus herdeiros, parece-me não ser despropositado o atribuir-lhe a fundação desta pequena Ermida.

O exame do título da aquisição daquele pinhal no arquivo da Casa de Bragança poderia talvez aclarar esta questão.

Em todo o caso, podemos afirmar que a Ermida é seguramente obra do século XVI.

3. - Outra Ermida que com certeza podemos atribuir ao tempo de D. Teodósio I é a de S. Luís. Acha-se no pátio da horta que hoje tem o título do Santo Rei de França, mas que Frei Manuel Calado⁽¹⁾ apelida *Horta do Gouveia*. Tem a porta principal para o largo do Outeiro do Ficalho e uma lateral para o dito pátio, indicando assim que na sua origem era capela do domínio particular do dono da horta. Por isso tenho como certo que o fundador daquela Igrejinha foi António de Gouveia, secretário do Duque D. Teodósio I já em 1540 e talvez antes; e podemos, portanto, afirmar que foi edificada pouco mais ou menos em 1550.

Outras poderia memorar aqui com semelhantes fundamentos, mas, como neste assunto caminhamos por assim dizer às apalpadelas e tenho ainda de dar conta de algumas de origem mais recente, ficará para mais adiante a sua menção.

Os exemplos são contagiosos, assim os bons como os maus. Hoje a febre é destruir e naquela época era de edificar. Havia muita fé e muita devoção e desejavam os povos que as eminências vizinhas aos seus lares estivessem todas coroadas por Igrejinhas.

Admira-me bastante que o Outeiro da Boa Vista ficasse deserto, sendo aliás formoso e tão chegado à vila!

(1) Valeroso Lucideno, págs. 94 e seguintes.

CAPITULO XLIII

Biografia de D. João I, quinto Marquês de Vila Viçosa, sexto Duque de Bragança e primeiro de Barcelos. Sua educação e seu casamento. Fundação das Igrejas do Espírito Santo e de Santo António. Hospedagem do Cardeal Alexandrino e sua comitiva. Visitas que El-Rei D. Sebastião fez aos Duques de Bragança. Viagem de D. João I a África e outros factos. Instituição do Corpo da Ordenança. Erecção de altares e confrarias de Nossa Senhora do Rosário. Padrões de pesos e medidas do nosso Concelho.

I

Nasceu o Duque de Bragança D. João I cerca do ano de 1546; e teve por Mestre o Doutor João Fernandes Machuca, o qual viera de Castela por convite de El-Rei D. João III a fim de reger na Universidade Conimbricense a cadeira de Retórica, e foi dali retirado a instâncias de D. Teodósio I para lhe instruir seu filho e sucessor.

Por negociações do mesmo Rei D. João III, casou o Duque D. João com D. Catarina, sua prima irmã, filha do Infante D. Duarte e de sua tia D. Isabel, cujo casamento foi celebrado em Vila Viçosa com as brilhantes festas que descrevi atrás.

Tinha resolvido o mesmo Rei nomear D. João Duque de Barcelos para se desposar já com esta alta dignidade. E, como falecesse antes de o fazer (11 de Junho de 1557), cumpriu esta promessa o Cardeal D. Henrique, seu irmão e Regente do Reino cerca do fim da menoridade de El-Rei D. Sebastião, fazendo-lhe passar carta de mercê desse título em 4 de Agosto de 1562. Mas o projectado casamento só veio a ter lugar em 8 de Dezembro de 1565, a tempo que D. João havia já sucedido a seu pai no Ducado Brigantino.

Foram estas bodas celebradas em Lisboa onde o Duque noivo compareceu com numeroso e brilhante cortejo de Fidalgos e criados; e depois de se receber voltou logo para a sua Casa com a esposa.

Depois da sua chegada fizeram-se em Vila Viçosa muitas e variadas festas por tal motivo. Não as refiro por extenso por não encontrar delas miú

da relação, mas pelo que se fez aqui em 1537 e depois em 1603 podemos avaliar como fosse a magnificência desses festejos.

O casamento assim com uma parenta chegada é que não convinha, mormente vindo já o Duque D. João de um enlace matrimonial de primos irmãos. Valeu, contudo, para se não extinguir a sua prole ser D. Catarina muito robusta e sadia.

II

Neste mesmo tempo edificava-se a Igreja do Espírito Santo e acabava-se pouco mais ou menos em 1568, data que está no púlpito. Até então, segundo memórias do arquivo da Santa Casa nos prólogos dos tombos, celebravam-se os divinos officios no altar que está no topo da enfermaria de medicina para homens, sita ao longo da rua de Três, o que julgo bastante verosímil; mas não concordo com o mais que acrescentam essas memórias e é que os Duques de Bragança fabricaram esta Igreja e a doaram à Misericórdia. Estas asserções pecam por serem muito vagas.

Se esta Igreja fosse toda obra do Duque D. João I, ver-se-lhe-ia no frontispício o Brasão de Armas do mesmo Duque, assim como sucede em Santo António - obra do mesmo tempo e de uma architectura inteiramente conforme - o que não acontece na Igreja em questão. No tecto da capela-mor é que se observa o escudo de armas dos Braganças, provando isto ser sua a mesma capela-mor.

Eu creio de boa mente que o dinheiro gasto naquela obra safu principalmente da Casa de Bragança, mas não foi todo. Ali se dispenderia sem dúvida a grossa esmola de duzentos mil réis que D. Teodósio I legou à Misericórdia⁽¹⁾ e creio que seu filho e sucessor, conforme a recomendação do pai, auxiliara tão útil empresa; o resto, porém, safu das bolsas de outros benfeitores secundários. E o que creio com firmeza.

Conhece-se claramente pela inspecção ocular que aquele templo foi ali pespegado por apêndice e que não entrou num plano de architectura comum da Igreja e Hospital. Aquele suplemento veio a ocupar uma parte do adro de S. Bartolomeu, interceptando em certo modo as embocaduras das ruas do

(1) Para se gastarem dentro de 2 anos; quantia hoje equivalente a mais de um sextuplo.

Espírito Santo e de Três. Isto quer dizer que ficou no ângulo do Hospital.

Imediatamente foi para ali transferida por empréstimo a Paróquia de S. Bartolomeu, como dito é.

Entretanto aproximou-se o ano de 1569, chamado ano da grande peste, como dizem os nossos historiadores;⁽¹⁾ mas nada sei dizer em particular da nossa terra.

III

Outra Igreja fundada logo depois da precedente e sua irmãna architectura de abóbas de laçarias é a de Santo António, filial da Paróquia de S. Bartolomeu e situada na rua que veio a ter o nome do mesmo Santo. O brasão de Armas que tem no frontispício dá-nos a certeza de ter sido construída por um Duque de Bragança e este Duque foi D. João I, como diz um manuscrito que possuo. A História Genealógica é muda a este respeito. No entanto, podem os leitores ficar cientes de que o fundador de tal Igreja é aquele mesmo que deixou designado, porquanto se não existia em tempo de D. Teodósio I (como se disse historiando a fundação do Convento da Esperança) e se já existia em tempo do seu neto D. Teodósio II, como refere Frei Manuel Calado,⁽²⁾ a boa crítica nos revela ser obra do Duque D. João I, filho do primeiro e pai do segundo (1570-75).

No registo de óbitos da Matriz, acho menção de serem nesta época Juiz de Fora Simão Velho, falecido em 28 de Junho de 1568 e Ouvidor António Amaral, finado em 7 de Julho do mesmo ano.

Suspendamos a notícia de Igrejas novas e variemos de estilo e de assunto.

(1) Couto, Dec. 8, cap. 28, etc.

(2) Valeroso Lucideno.

Em 1571, reinando já o Rei Desejado, esperava-se em Portugal o Cardeal Alexandrino que vinha com o carácter de Legado da Santa Sé e de mais disso era sobrinho do Papa reinante S. Pio V. Havendo, pois, de entrar por Elvas, escreveu El-Rei ao Duque de Bragança declarando-lhe quanta satisfação lhe daria em hospedar no seu Paço o referido Cardeal. E a isto respondeu o mesmo Duque declarando também que não só anuía de boa vontade à recomendação feita, mas nisso tinha até muito gosto.

E com efeito, constando-lhe no fim de Novembro que o Cardeal Alexandri no chegara a Elvas, mandou-o logo cumprimentar por João de Tovar Caminha, Fidalgo da sua Casa; e tendo sido seu tio D. Constantino de Bragança encarregado por El-Rei de o acompanhar de Elvas para Vila Viçosa com um luzido número de Fidalgos, o Duque D. João safu a esperá-los fora da Vila e fez salvar a artilharia da Cidadela e Estrela no momento de entrarem todos no Terreiro do Paço, renovando-se as danças e outras festas populares do uso daqueles tempos.

O que precede é extracto da *História Genealógica*. Encontro, porém, no *Panorama* ⁽¹⁾ uma descrição deste recebimento e hospedagem da legação pontificia e nela algumas particularidades que julgo dever entremear aqui, remetendo para o mesmo *Panorama* os leitores mais curiosos. Ei-las.

Foi o Duque esperar o Cardeal Alexandrino pouco mais ou menos à Terrugem, indo vestido com uma capa de pano raso, abotoado o capuz com diamantes e fechos de ouro e as bandas compridas apresilhadas com rubis e ouro; o barrete era de veludo com fios de rubis, diamantes, pérolas e ouro; as calças eram de veludo azul escuro agaloadas de ouro. Montava um cavalo rodado, cavalgando à gineta ⁽²⁾ e precedido por dois ginetes que, sobre as selas cobertas de escarlate com franjas de ouro, traziam duas malas (diz Venturino) semelhantes àquelas que os Cardeais levam diante de si quando vão para o consistório. Eram as malas também escarlates com as armas de Sua Excelência bordadas em brocado de ouro com flores e franjas de prata, na verdade belfssimas.

(1) Vol. V, pág. 310.

(2) Cavalgar à gineta era ter na sela estribos muito grandes em loros curtos para facilitar o poder o cavaleiro levantar-se de pé no meio da carreira, assentando-lhe as plantas dos pés por inteiro nos ditos estribos.

Vinham adiante quatro alcaides e quatro meirinhos ou aguasis com varas vermelhas, ao contrário das que os hóspedes tinham visto nas mãos de semelhantes oficiais de justiça em Castela e ainda em Elvas, que eram brancas. Seguia-se a pessoa de Sua Excelência e após ele duzentos cavaleiros, gentis-homens ou fidalgos montados à gineta em belíssimos cavalos.

Passada meia hora de caminho áspero e pedregoso (é João Venturino que continua a falar) chegámos ao pé de uma fortaleza do Duque, a qual ficava à mão esquerda⁽¹⁾ e salvou com artilharia tocando juntamente os tambores. Um pedaço adiante à direita descobrimos um palácio⁽²⁾ do Duque, belo e cómodo, semelhante a um serralho, cingido de muros que teriam três léguas pequenas, que são nove milhas, e que fora feito por Sua Exc^a para seu divertimento por gostar muito da caça. Dentro da cerca havia grande cópia de javalis, cabritos monteses, veados e outras alimárias. Estava ordena do que se desse uma batida às feras para recrear o Legado que parou com o Duque na chapada do monte pegado com os Paços. Mas uma grande chuva acompanhada de vento não o consentia; e tendo o Duque posto um capote de pano avermelhado guarnecido de passamanes de ouro, nos encaminhámos a passo cheio para Vila Viçosa, residência do dito Duque, onde chegámos perto da noite...

Ao aparmo-nos à porta do seu palácio, houve grande estrondo de artilharia que atirava em um castelo roqueiro bem fortificado;⁽³⁾ soaram os atabales tocados por pretos, os pífaros, trombetas, tambores e sinos, mostrando-se por toda a parte extraordinária alegria.

Tornemos agora ao que refere a *História Genealógica*.

Vinham na comitiva do Cardeal Legado um Patriarca, o Bispo de Terne, o Bispo de Sena, Monsenhor Brandino, Monsenhor Dotario e outras personagens de alta grandeza, os quais todos foram acomodados na vila em casas particulares com excepção do Legado. Este foi recebido com pompa notável e hospedado num quarteirão do Paço, magnificamente adornado e constante de sete casas, das quais a primeira tinha armação de panos de Arrás em que estava pintada a história de Júlio César com dossel de tela de ouro e verde, bufete coberto na mesma forma posto em cima de uma alcatifa da Pérsia de quatro varas de comprido e duas de largo, cadeira de brocado com franjas

(1) Era o Castelo.

(2) O da Tapada, pois vinham pela estrada antiga de Elvas.

(3) Provavelmente o revelim ocidental da Cidadela.

de ouro e verde, e pela dita casa vinte cadeiras, umas de tela de ouro e outras de veludo. A antecâmara tinha rica armação com a história de Alexandre Magno, cercada de sanefas de tela de ouro com dossel de brocado de ouro e veludo carmesim todo guarnecido de franjas de ouro; bufete e cadeiras da mesma forma e finíssimas alcatifas Persianas. A câmara era guarnecida de panos de brocado com bandas bordadas de ouro sobre preto, um leito riquíssimo de ébano, alcatifas de Cambaia, cadeira e pano da mesma forma. Depois da câmara seguia-se uma casa armada de tela de ouro e veludo com dossel e pano do bufete igual. Continuava depois desta uma outra comprida e estreita com armação de panos de Arrás de onde se passava a outra grande com chaminé e lume aceso, rodeada de cadeiras.⁽¹⁾ O quarto de dormir do Cardeal tinha na armação a história de Tobias pintada pelo célebre Rafael de Urbino; nele estava um leito aparamentado de tela de ouro branco e carmesim, a madeira dourada e os balaústres forrados de veludo da mesma cor e guarnecidos de franjas de ouro. Ainda havia outra casa para o Cardeal ouvir Missa, com dossel de tela de ouro e veludo roxo, um primoroso pano com o Descendimento da Cruz feito à agulha; e por último a casa de jantar do Cardeal armada de panos de Arrás com dossel de brocado, cadeira do mesmo e mesa coberta com pano de escarlata franjado de ouro.

Esta descrição que se encontra na *História Genealógica* diz-nos que os aposentos do Cardeal eram do cimo da escada para a mão direita e que, portanto, o paço já se estendia para o sul, faltando-lhe apenas o último quarteirão, a que depois chamavam *Casas novas*.

Mas esses aposentos, como refere Venturino, achavam-se pouco antes ainda imperfeitos e o Duque apressara-se a acabá-los quando se encarregou de hospedar o Legado.⁽²⁾

O modo com que se assentavam à mesa era ficar o Cardeal debaixo do dossel na cabeceira da mesa e abaixo, um pouco afastados, se assentavam os Bispos, defronte o Patriarca (em cadeiras de espalda), seguindo-se os Monenhores e os mais que comiam com ele em bancos rasos.

O comer do Cardeal vinha coberto diante e o dos mais não; antes de se assentar lavava as mãos e depois de ele ter começado a comer mandava assentar os mais; servia-se com os seus criados e era tratado com grande número de delicadas iguarias, doces, frutas e esquisitos licores - tudo

(1) Parece evidente ser esta a Sala de Medusa, então última do Paço para a parte do sul.

(2) *Panorama*, vol. cit., pág. 338.

com grandeza porque a prata e o serviço eram pomposos na copa e na mesa.

Havia ainda vários gabinetes bem adereçados, sendo um para o despacho, provido com tudo o que pudesse precisar-se; viam-se ricas peças de prata de admirável feitio e muito valor, tanto para ornato como para o serviço, de sorte que tudo respirava uma Real magnificência mostrando a grandeza e poder do Duque a quem o Cardeal ficou tão obrigado que eram contínuas as expressões do seu agradecimento.

Aqui merece ainda ser arquivado o que conta João Baptista Venturino e Alexandre Herculano trasladou para o vol. V do *Panorama*. Descrevendo miudamente as decorações interiores do Paço, baixelas e viandas que se apresentaram na mesa, menciona muita coisa esquisita como o safrem perdizes vivas de dentro de certos bolos ou viandas, etc.; estranha o imoderado uso de especiarias da India e a pouca perfícia dos temperos.

Em seguida continua:

"Depois da Missa, voltando o Legado ao seu quarto, encontrou à porta da câmara ducal esperando-o em pé a Infanta D. Isabel, filha do defunto Duque D. Jaime... Trazia um vestido preto afogado, coberta quase toda com o manto; era de estatura alta e direita, de idade de 60 anos; ao pé della estava sua filha D. Catarina, Duquesa de Bragança. Teria de idade 29 anos. Trazia vestido de veludo preto afogado, cheio de espiguilhas galañtes de ouro, rubis e diamantes, com meias mangas abertas ao meio com rede de ouro, cabelo liso e levantado em topete como usava a Rainha de Espanha, com um rosicler de diamantes e rubis ao peito de inestimável preço, e pulseiras e brincos de grossíssimas pérolas. Pegava-lhe na cauda de uma saia de gorgorão, que trazia por baixo, uma graciosa donzela acompanhada por outras dez vestidas com diversas telas e todas do mesmo feitio, com muitas jóias, além de quatro Donas vestidas como a Infanta viúva só com a diferença de não serem os véus tão compridos.

Tinha a Duquesa ao pé de si, de um lado a D. Teodósio seu filho, Duque de Barcelos, de quatro anos de idade, e a D. Duarte, de três, vestidos com gibões e calças de tela bordados de prata listrada de vermelho, com cordões de ouro e pérolas, estando ainda na ama o terceiro filho, D. Alexandre. Do outro lado, estavam as suas duas filhas: D. Maria, de sete anos, e D. Serafina, de seis, vestidas de raso carmesim bordado de ouro...

Feitos os cumprimentos ao Legado, convidaram-no a sentar-se numa cadeira de brocado de ouro debaixo de dossel e a Infanta com a Senhora Duquesa

o fizeram no chão sobre um estrado que ficava defronte. Conversaram algum tempo, estando as Damas em pé do outro lado; o Duque, assentado à esquerda do Legado, falava com o Patriarca Alexandrino; e os outros Prelados e Gentis-homens achavam-se de pé no meio da sala. (1)

Depediu-se do Duque e de sua família, muito satisfeito, o Cardeal Alexandrino e não menos gratos e admirados da sua grandeza ficaram os adidos à Legação. O Duque, porém, querendo levar mais adiante as provas da sua consideração, resolveu acompanhar o Legado até à entrada de Borba, levando consigo seu irmão consanguíneo D. Jaime e uma comitiva de cem cavaleiros. Aí foi a última despedida sua."

El-Rei D. Sebastião deu-se também por muito penhorado com esta magnífica e cordial hospedagem. Dela resultou a D. João I alcaçar do Papa S. Pio V um Breve em que lhe fazia as seguintes graças: poder ele e seus filhos ouvir Missa nas Capelas-mores, tanto seculares como regulares; baptizar seus filhos na sua Capela; poder ter nas jornadas oratório particular, levando altar portátil (pedra de ara), onde não houvesse Igreja ou Capela para ele e toda a sua família ouvirem Missa; poder-lhe dizer o seu Capelão Missa antemanhã e uma hora depois do meio-dia; que ainda em tempo de interdito pudesse ter Missa a portas fechadas e sem se tocarem os sinos; que pudessem confessar-se e receber a comunhão pascal, tanto na Igreja da sua Capela como no seu oratório particular; e que nos dias de jejum das Temporas e da Quaresma pudessem comer lacticínios e também carne com o conselho do médico. Foi passado este Breve em Roma a 8 de Janeiro de 1572.

V

O Duque D. João I gozava da amizade de El-Rei D. Sebastião como seu pai e avô haviam gozado de igual favor da parte dos Reis D. Manuel e D. João III.

Quando ele passou ao Algarve a visitar as praças daquele reino, delibrou na volta para Lisboa fazer ao Duque uma visita inopinada; e conquanto despedisse adiante seu tio D. Duarte a fim de lhe comunicar tal inten-

(1) Pág. 338.

to, pouco depois disto chegou logo El-Rei sem haver tempo de se fazerem preparativos alguns.

Achava-se D. João na Tapada e ali mesmo recebeu a visita do seu Monarca, hospedando-o na Casa de campo e servindo-o com as iguarias ordinárias da mesma, por não haver tempo para mais. Constou a refeição de abundantes manjares de caça. E El-Rei teve ocasião de admirar aquele excelente prédio rústico, assim como ricos instrumentos de montaria, espingardas, cutelos, facas de mato, aves domesticadas para a altanaria, cavalos e cães de caça, do que tudo fez o Duque alguns presentes a El-Rei que os aceitou com satisfação por serem conformes ao seu génio e não menos próprios do lugar em que se achava.

Para mais claro sinal do gosto que El-Rei teve com esta hospedagem, quis tornar a Vila Viçosa nesse mesmo ano que era o de 1573, mas desta vez com pompa e cortejo Real.

D. Teodósio, filho mais velho do Duque, apesar de contar somente sete anos de idade, safu a esperar El-Rei fora da vila, acompanhado por seu segundo tio D. Constantino de Bragança.

A sua entrada na vila estouraram descargas de artilharia no Castelo novo, repicaram os sinos e fizeram-se todos os festejos do gosto da época.

El-Rei, penhorado por tão benévola e honrosa recepção e sabendo que doutras vezes costumava fazer-se alguma tourada no Terreiro do Paço, pediu a D. João I que mandasse preparar uma na forma do costume antigo e teve o gosto de assistir a ela vendo-a das janelas do Paço.

Não faço desta visita de El-Rei D. Sebastião mais miúda conta porque também não a traz a *História* que recopilo.

VI

No seguinte ano de 1574 convidou El-Rei o Duque para o acompanhar na sua primeira jornada a África e ele, não podendo nem devendo escusar-se de um serviço que seus maiores haviam feito aos seus Soberanos todas as vezes que assim lho requeriam, entregou o governo da sua Casa e Estados à Duquesa D. Catarina, sua mulher, e partiu imediatamente para Lisboa levando consigo, apesar da aceleração da marcha, dois mil infantes e seiscentos cavalos, mantidos à sua custa.

Esta primeira jornada Africana estimulou os brios do jovem Rei para em prender a segunda que lhe foi tão fatal a ele e ao Reino.

Enquanto se dispunha para esta infeliz expedição, foi ter uma entrevista com seu tio D. Filipe II, Rei de Castela, em Guadalupe. E como fizesse caminho por Estremoz em direcção à Estremadura Espanhola, o Duque foi esperá-lo a Estremoz e ele, com estranha delicadeza, veio pela posta cumprimentar sua prima D. Catarina trazendo apenas consigo o Duque de Aveiro. Breve foi a visita, com efeito. Porém, muito para agradecer visto a estreiteza do tempo. Feitos os cumprimentos, voltou El-Rei a jantar em Estremoz. Mal pensavam os dois primos que era a última vez que se viam!

VII

Por ocasião desta campanha foi criada por El-Rei D. Sebastião a milícia chamada *Ordenança* e que durou até ao ano de 1834, prestando valiosísimos serviços à Nação.

Segundo Severino (Not. de Portugal), foi D. Manuel quem estabeleceu a remodelação do exército antigo por meio da Ordenança a pé e a cavalo, mas D. Sebastião é que levou a cabo esta empresa dando-lhe um Regimento que vi gorou largos anos. Em tempo de D. Manuel, acusou o recenseamento 6 000 de cavalo com mais 800 acobertados e 20 000 de pé, conforme diz Damião de Góis na sua Crónica daquele Rei (1ª parte, c. 4ª); mas reinando seu neto D. Sebastião cresceu muito o alistamento de peões e cavaleiros, que se ar mavam à sua custa, gozando apenas de alguns privilégios. Cada companhia devia constar de 250 soldados e tinham anualmente dois alardes ou revis - tas: um pela Páscoa e o outro pelo S. Miguel, afora os exercícios de cada companhia aos domingos. O exército da gente pa ga reduzia-se a algumas companhias de presidio nas fortalezas, de sorte que pode dizer-se que o exército não fazia então despesa ao Estado.

A lei de D. Sebastião criando a Ordenança tem a data de 12 de Dezembro de 1567 e foi modificada em parte pela Provisão de 15 de Maio de 1574.⁽¹⁾

Todo o cidadão que possuisse uma fortuna de 250\$00 devia ter cavalo pa ra servir montado; e todo o que possuisse bens no valor de 50\$00 devia

(1) Latino Coelho - *História Militar e Política de Portugal*, vol. 3.

ter arcabuz. Todos os outros homens válidos haviam de servir a pé.

Em Vila Viçosa formaram-se duas companhias apeadas, cada uma com o seu Capitão e Alferes, os quais vestiam, por último, fardamento verde com gola, canhão e vistas encarnadas; mas os soldados rasos nunca chegaram a fardar-se em tempo algum, nem tiveram armamento fornecido pelo Estado, excepto em tempo de guerra; cada um levava espingarda, espada ou chuço, conforme o que possuía.

Segundo o Regimento dado pelo mesmo Rei a esta milícia, os Capitães eram eleitos pela Câmara Municipal e pela *gente da governação* da terra, isto é, pelos Nobres e Misteres; e ultimamente acontecia outro tanto com os alferes, tenentes, sargentos e cabos de esquadra. Levadas estas eleições à presença de El-Rei, mandava este passar carta patente ao mais votado.

Este corpo da Ordenança, em tempo de paz, servia de guarda Municipal; e em tempo de guerra escoltava os comboios e acudia aos rebates para dar caça ao inimigo nas suas incursões; mas o fim da sua criação foi defender os lugares de cada Corpo ou companhia.

O seu serviço era inteiramente gratuito; e só quando saíam repentinamente lhes mandava a Câmara ao caminho um refresco; ninguém era escuso de le, exceptuando-se unicamente os Clérigos ou Frades; e findava passado um certo número de anos.

VIII

Antes que nos embrenhemos em assuntos complicados, quero também dar conta da devoção dominante em Vila Viçosa no último quartel do século XVI: era a devoção do Sacratíssimo Rosário.

Em 7 de Outubro de 1571 ganhou a armada Cristã uma importantíssima vitória no Golfo do Lepanto contra os Turcos - vitória que livrou a Europa de ser avassalada pelos sectários do Alcorão, voltando assim a nossa península aos tristes dias do século VIII. O Papa S. Pio V pôs esta causa de baixo da protecção da SS. Virgem e ordenou que se fizessem preces públicas em procissões recitando-se o Rosário. Esta prática passou a vigorar até pelas aldeias sempre que havia alguma grande calamidade presente ou iminente, estendendo-se quase aos meus dias.

No 1º de Abril de 1573 autorizou o Papa Gregório XIII, immediato suces-

sor de S. Pio V, que pudesse a festa do Rosário celebrar-se nas Igrejas onde houvesse Capela ou Altar erecto a Nossa Senhora com este título; e daí resultou dedicar-se logo um altar na Igreja das Chagas à Bem-aventurada Virgem com a invocação *do Lepanto* (o que é a mesma coisa) e formar-se uma Confraria própria de que eram Protectores os Duques de Bragança que, por isso, mandavam ali assistir a sua Capela com o seu coreto no dia da festa.

Esta confraria era de gente branca; e na Igreja do Espírito Santo formou-se outra de gente preta (escravos), como nos deixou Cadornega explica do na sua *Descrição de Vila Viçosa*. No fim das festas havia procissões em que se recitava o Rosário.

Esta devoção era tão fervorosa que passou imediatamente às quatro Freguesias rurais de Bencatel, Pardais, S. Romão e Ciladas, em todas as quais se levantaram Altares a Nossa Senhora do Rosário. Em Bencatel corriam tão abundantemente as esmolas que dos sobejos comprou o Mordomo António Dias em 1603 um quinhão de quinze alqueires de trigo galego, imposto na herdade de Santa Ana e um foro de vinte e dois alqueires de trigo anafil ou vinte e dois tostões em dinheiro, qual mais o foreiro quisesse, imposto na Azenha de Pomares, Freguesia de Monte Virgem no termo do Redondo.

E apesar de haver já duas confrarias em Vila Viçosa, ainda as Baptistas fundaram uma Capela nova em S. Paulo, cuja confraria subsiste ainda no ano de 1613.

IX

Ainda tenho a registar outra miudeza, mas importante. Segundo alusões que achei no Cartório Municipal, remontam ao ano de 1572 os padrões de pesos e medidas do nosso Concelho que vigoraram até aos nossos dias e ainda vigoram particularmente em muitas casas. ⁽¹⁾

Eram de bronze para que durassem melhor. As arrobas, arráteis e seus quebrados eram iguais aos pesos de todo o Reino; mas não as medidas lineares e de capacidade (líquidos e secos). A vara era de 1,095m; e o covado de 0,66m; e dividiam-se em meios, terças, quartas e meias quartas. O alqueire de líquidos usado para azeite e mel era de 8,880 l; e o almu-

(1) Vereação de 2 de Abril de 1783.

de para vinho, aguardente e vinagre, o dobro. O almude compreendia doze canadas e cada canada quatro quartilhos. Estes dividiam-se em meios quartilhos.

CAPITULO XLIV

Obras no Paço e acrescentamento da Tapada. Fundação da Igreja de Nossa Senhora de Belém. Visita do Embaixador de Sabóia à Duquesa D. Catarina. A infeliz jornada de África em 1578 e suas más consequências para a Casa de Bragança e a nossa terra. Enredos da sucessão do Reino por morte do Cardeal D. Henrique. Notícia da reedificação da Igreja Matriz.

I

Continuou o Duque D. João I as obras de engrandecimento do seu Paço que, como vimos, tinha já em 1571 a maior parte da fachada que da porta principal se estende para o sul. Se ele fez este acrescentamento nos primeiros oito anos do seu governo ou se o fez ainda seu pai, é coisa que não me atrevo a deslindar. Pelo menos aperfeiçoou-o, segundo vimos atrás.

Na Tapada, sim, na Tapada foi ele quem introduziu importantes melhoramentos e os maiores de todos realizadas até El-Rei D. João V. Este parque não passava ainda para cá da ribeira de Borba onde está a Casa de Campo; e D. João I prolongou-a até à Porta Velha, sendo-lhe preciso comprar muitos prédios pertencentes a particulares, negociar com o Concelho de Borba a cessão de uma parte da sua Coutada, compensar-lhe a tiragem do caminho de Juromenha que era por onde está a Igreja de Nossa Senhora de Belém, etc.

Ora, os Duques possuíam já muitas fazendas na parte que ele anexou; porém muitas mais lhe foi preciso comprar e, como não pôde logo pagar o preço de todas por causa das despesas que fez com as expedições a África, teve de fazer uma relação com tais clarezas que deixou apenas ao seu testamento para sua mulher e filho acertarem contas com os seus credores.

Derrubou o muro antigo da Tapada que era de taipa e fez-lhe um novo de pedra e cal e de maior altura; edificou a Igreja de Nossa Senhora de Belém para poder assistir por temporadas no palacete e ouvir ali missa aos domingos e dias de preceito ou devoção sua. E preparou lagos, touril e outros alindamentos próprios da Casa de Campo de um Senhor de tanta opulência e nobreza.

Mas a morte, que é transtornadora de muitos projectos, embargou-lhe também a ele este seu que teve de recomendar a sua mulher e filho sucessor para o levarem à desejada perfeição.

Pelo facto de se achar o Duque residindo na Tapada em 1573 quando lá foi surpreendê-lo El-Rei D. Sebastião, podemos crer que a dita Igreja estava já feita.

II

Em 27 de Janeiro de 1578, ano da infeliz campanha de África, foi visitada a Duquesa D. Catarina pelo Embaixador do Duque de Sabóia, Manuel Filisberto, que era seu primo por ser filho de sua tia paterna D. Beatriz. Vinha acompanhado por oito criados e trazia consigo um sobrinho seu. Tendo o Duque D. João aviso da sua próxima chegada, mandou esperá-lo por Pedro de Andrade Caminha, Fidalgo da sua Casa; e por ele chegar de noite, quatro Moços da Câmara com archotes que alumiaram o trânsito e o guiaram para as casas que lhe estavam preparadas fora do Paço.

No outro dia é que foi admitido à presença de D. Catarina que o recebeu na sua câmara.

III

Entretanto faziam-se os preparativos para a campanha de África, cujo principal fim era restituir Muley Hamed ao trono de Marrocos mediante certas vantagens para Portugal.

O Duque de Bragança, convidado por El-Rei para o acompanhar nesta importante empresa, não pôde escusar-se e tratou igualmente de se preparar; à última hora, porém, sobrevieram-lhe umas febres agudas que lhe tornaram impossível o embarque em 24 de Junho. E não querendo deixar de concorrer de algum modo para uma empresa tanto do gosto de El-Rei, substituiu a sua pessoa pela de seu filho D. Teodósio, Duque de Barcelos, que apenas contava dez anos de idade, entregando-o à direcção e cuidados de seu irmão D. Jaime. Foi isto um erro e grande, como se verá.

Na infeliz batalha de 4 de Agosto (de 1578) ficou morto, segundo a opi

nião mais provável, o jovem Rei D. Sebastião e prisioneiros todos os seus Cabos e soldados que não sucumbiram na peleja. O Duque de Barcelos foi um dos que tiveram esta, ainda assim felicidade, que aliás não teve o seu pajem e tio D. Jaime, o qual ficou estendido morto nos campos de Alcácer-quibir, sucedendo outro tanto a muitos Fidalgos e criados da Casa de Bragança.

Em suma, foram tais as perdas sofridas por esta Casa que o Duque D. João viu-se obrigado a solicitar do Papa Gregório XIII a graça de poder aplicar em seu favor o rendimento das Comendas que vagassem nos seus Estados pelo tempo de cinco anos, a fim de resgatar ao Duque de Barcelos e poder ressarcir de algum modo os danos que aquela desgraçada campanha lhe produzira.

Da seguinte relação, que tiro da *História Genealógica*, consta um grande número de Fidalgos e criados que com o Duque de Barcelos se acharam na batalha de Alcácer-quibir e nela morreram ou ficaram prisioneiros. Além de D. Jaime, tio do jovem Duque, há memória dos seguintes Fidalgos: D. Luís de Noronha, seu Aio e Estribeiro-mor do Duque D. João; D. João de Noronha, seu filho, que morreu na batalha da mesma sorte que seu pai; D. Diogo de Melo Manuel e D. Francisco Manuel, seu filho, que lá ficou morto; Gonçalo de Sousa; António Lobo, Comendador de Santa Maria da Lagoa de Monsaraz; Pedro de Melo de Castro, avô do primeiro Conde das Galveias; Henrique Henriques, Senhor de Ferreiros e Tendais, que também acabou na luta; Pedro de Castro, Alcaide-mor de Melgaço que, achando-se vivo no campo da batalha depois de perdida já, não mais se soube dele; Fernão de Castro, seu filho; Sebastião de Sousa de Abreu; Henrique de Figueiredo que morreu na batalha; Aires de Miranda, seu irmão, que foi Alcaide-mor de Borba; D. Manuel de Lacerda, Alcaide-mor de Sousel, que também lá acabou; Fernão Rodrigues de Brito, Comendador de S. Pedro de Macedo e seu irmão Salvador de Brito, Comendador de Monsaraz, ambos os quais morreram na batalha; e o Doutor Jaime de Moraes.

De pessoas nobres que tinham foro e ocupavam officios subalternos, há memória de Gonçalo Gil de Castro; Lázaro Ribeiro, Comendador de Santa Maria da Caridade de Monsaraz; João Gomes Vieira, Comendador de Santa Maria da Babe; Pedro Vieira, seu filho; António Vieira, seu sobrinho; Baltazar Rodrigues, Comendador de S. Lourenço da Pedisqueira e Escrivão da Câmara; António Caldeira; Manuel Caldeira, seu irmão, Comendador de Santa Olaia

de Rabal; Gaspar de Góis; Manuel Caldeira, Comendador de S. Vicente da Quadramil, que faleceu na batalha ou pouco depois; João de Lemos; António Freire; João Tomé; Gaspar da Nóbrega; Lourenço Caldeira; Belchior Garcia Caldeira, seu irmão; Bartolomeu Garcia Caldeira, seu primo; Manuel de Mergulhão; João Martins Cepa; Estevão Mendes da Silveira; António Nobre; Miguel de Oliveira; João de Braga; Henrique Francisco de Castro; Afonso Faião; Belchior Carvalho; Diogo Ruçol; Pedro Barroso e outros muitos homens nobres que ao todo passavam de oitenta, e os da guarda que passavam de duzentos. Eram naturais e moradores na nossa vila todos os referidos; e os que ficaram prisioneiros tiveram de comprar a sua liberdade a peso de ouro.

Esta relação é conforme a que traz Francisco de Moraes Sardinha no seu *Parnaso de Vila Viçosa*,⁽¹⁾ salva a diferença de nomear ainda a Francisco Galvão, Jerónimo Correia e Afonso Fardo em vez de Afonso Faião. Acrescenta ainda aquele contemporâneo destes acontecimentos que a Guarda do Duque era composta de duzentos soldados em que se contavam mais de cento e vinte nascidos em Vila Viçosa e de que não voltariam talvez oito (diz ele).

E, portanto, inegável que a nossa terra sofreu grandíssimas perdas com a infausta campanha de Africa de 1578.

IV

Considerando-se, pois, vago o Trono Português pela morte de D. Sebastião, tomou posse dele o Cardeal D. Henrique, Arcebispo de Evora, como tio do mesmo Rei e seu imediato sucessor. E porque este não podia deixar descendentes, logo se começou a ventilar a questão de quem deveria suceder ao velho Monarca. Foram três os principais pretendentes à Coroa: D. Catarina, Duquesa de Bragança, como sobrinha do Cardeal Rei, por ser filha de seu irmão D. Duarte; Filipe II, Rei de Espanha, igualmente sobrinho de D. Henrique por parte de sua mãe D. Isabel; e D. António, Prior do Crato, que também era seu sobrinho, mas ilegítimo, por ser filho natural do Infante D. Luís, que era mais velho que o Infante D. Duarte pai de D. Catarina. Se este último provasse a sua filiação legítima, seria sem dúvida

(1) L. 2, cap. 33.

alguma declarado sucessor do Reino pelo velho Cardeal e Rei; mas não pôde fazê-lo e, portanto, era D. Catarina a sua legítima herdeira como filha de um irmão seu e casada com Príncipe Português, ao passo que D. Filipe II procedia de uma fêmea que de mais a mais casara com Príncipe estrangeiro.

Logo no princípio do seu curto reinado mandou o velho e enfermo Monarca reunir Cortes em Lisboa defronte de S. Francisco onde ele assistia.

Abriam-se no primeiro de Junho de 1579 e nelas se jurou que por morte de El-Rei somente se obedeceria àquele a quem se decidisse por sentença pertencer o ceptro.

O Duque D. João assistiu a estas Cortes e deferiu nelas um juramento em separado, sendo testemunhas dele D. Jorge de Ataíde, Bispo de Viseu e Capelão-mor do Rei, Francisco de Sá e Menezes, seu Camareiro-mor e outros personagens. O Prior do Crato só deferiu o seu juramento em 13 daquele mês, querendo com isto afirmar alguns escritores que El-Rei dava preferência ao Duque de Bragança e ajuntando que este esteve sentado à direita do Monarca no acto das Cortes e que, por tardar, o mandara chamar o mesmo Rei dizendo que só por ele se esperava.

Dizem que D. Henrique, além de reconhecer o legítimo direito de sua sobrinha, era-lhe muito affecto e que por tudo isto resolvera declará-la herdeira presuntiva do Reino; comunicando, porém, esta sua resolução a D. João de Mascarenhas, que em Portugal embaciou a glória adquirida no segundo cerco de Dio, este a levava logo ao conhecimento de D. Cristóvão de Moura, valido de Filipe II e por este mandado a Portugal para com rogos, dádivas, promessas e ameaças lhe assegurar a sua pretensão. Cristóvão de Moura procurou logo o Cardeal Rei e teve artes para lhe fazer sustar a resolução que tomara. Em seguida a este estratagema, dirigiu-se ao Duque de Bragança, por ordem do seu constituinte, e requereu-lhe a sua desistência da pretensão à Coroa, oferecendo-lhe o Brasil ou o Algarve, de que poderia intitular-se Rei. Mas tanto o Duque, como a Duquesa D. Catarina, foram unânimes em rejeitar estas propostas.

Por último, o próprio D. Henrique, vencido pelas sugestões e ameaças de Castela, mandou-lhes fazer iguais propostas pelo Padre Jesuíta Jorge Serção e pelo Doutor Paulo Afonso, aconselhando por sua parte a sua sobrinha *que não deixasse o certo pelo duvidoso e que, ainda que era certo o seu direito, todavia era grande o poder de Castela.* Mas D. Catarina respondeu-

-lhe com ânimo varonil rejeitando tais propostas por carta de 20 de Outubro de 1579, a qual não reproduzo aqui por andar inserta em quase todas as histórias deste Reino.

Passou depois o Rei Casto a Almeirim para celebrar ali novas Cortes e nomear definitivamente o seu legítimo sucessor na Coroa Real. E como corressem boatos de que a sua tenção era nomear a seu sobrinho Filipe II de Castela, D. Catarina, sem aguardar resposta da licença pedida para apparecer na Corte, sai de Vila Viçosa e põe-se a caminho de Almeirim, chegando ali a tempo em que El-Rei estava quase a expirar. Como porém se achasse em seu perfeito juízo e com a voz desembaraçada, pôde ainda a Duquesa de Bragança conversar com ele por muito tempo; e como saísse do quarto do Monarca moribundo com semblante alegre, muitos se persuadiram de que ele resolveria em seu favor o pleito que se agitava; mas não foi assim.

D. Henrique expira em 31 de Janeiro de 1580 e, aberto o seu testamento, viu-se que nomeava cinco Governadores do Reino e os encarregava de transmitir a posse da Coroa a quem mais direito assistisse.

Fiado na justiça da sua causa, o Duque de Bragança apresentou-se aos cinco Governadores representando-lhes com vivas instâncias para que dessem a sentença a seu favor. Seguiu-os para Santarém e de Santarém para Setúbal por causa da peste que viera aumentar as desgraças do país, até que por último, desenganado, já por estar corrompida uma grande parte da Nobreza com promessas e subornos de D. Cristovão de Moura, já por achar os Governadores inclinados a dar a sentença a favor de Filipe II, e não querendo aceitar os partidos que lhe propunha o dito renegado português, retirou-se com sua mulher para a vila de Portel que pertencia ao seu Ducado, entregando primeiro aos Governadores uma alegação feita pela Universidade de Coimbra na qual mostrava a justiça da sua pretensão com tão decisivos argumentos que a não ser o medo ou a corrupção não haveria dúvida em se proferir a sentença a seu favor.

Se o Duque D. João tivera o génio guerreiro de seus avós os dois Fernandos, decerto que haveria em Portugal uma segunda edição da guerra de 1383; mas ele que, além de enfermigo, tinha um génio brando e pacífico, não quis recorrer à força armada como fez o Prior do Crato.

Entretanto dividem-se em dois pareceres os cinco Governadores, declarando-se três a favor de Filipe II e dois inclinados a decidir-se por D. Catarina. Assim os três, constituindo maioria, assumem o direito da sen-

tença definitiva. Retirando-se por causa da peste a S. Lucar no Algarve, e daqui a Ayamonte, declaram nesta vila que a Coroa de Portugal pertencia ao Rei de Castela, tornando-se notável (dizem os historiadores) que tal sentença fosse proferida em território Castelhana quando Castelhana era o Príncipe a quem queriam favorecer!

V

Antes de continuar em capítulo à parte o mais que respeita à morte da nossa nacionalidade, darei notícia aos meus leitores de que nesta mesma época teve princípio o Livro 1º dos Registos da nossa Câmara Municipal; e que por isso mesmo já daqui em diante posso utilizar-me de muitos documentos oficiais.

Um dos primeiros desses documentos⁽¹⁾ é um Alvará do Cardeal Rei, passado em Setembro de 1579, concedendo como administrador do Mestrado de Aviz cem mil réis anuais das sobras do Celeiro dos dízimos de Vila Viçosa (que era na rua de Cambaia), e do Ervedal, durante quatro anos, para as obras da Igreja Matriz, além de outros cem já concedidos em tempo de El-Rei D. Sebastião, em razão de durarem já as ditas obras há muitos anos sem se poderem acabar.

Isto cumpriu-se porque D. Filipe II confirmou o dito Alvará.⁽²⁾ E de mais existe uma certidão de outros alvarás mais antigos, passada com salva em Lisboa a 16 de Janeiro de 1635, onde se vê que o primeiro alvará da concessão dos cem mil réis anuais é do ano de 1569.

Em face destes documentos autênticos, ficam certificados os leitores de que as obras da reedificação da Matriz actual foram outras obras de Santa Engrácia de Lisboa: duraram largos anos sem se acabarem.

A Ordem de Aviz, como Padroeira da Paróquia, demoliu o templo antigo para o tornar a fazer de novo e com maior amplidão.

Chegado o ano de 1579, faltam os recursos e pede-se ao Rei (que desde D. João III tinha todos os Mestrados) faculdade para se empregarem naquelas obras quatrocentos mil réis de sobras de dízimos, além de cem anuais

(1) *L.1, f. 34 v. - Um grande número de folhas ficou reservado no princípio para um índice.*

(2) *Ibid., f. 35, v.*

e já concedidos, alegando-se que as ditas obras duravam já há muitos anos sem se poderem ultimar... Quando, pois, se começou aquela reedificação?

Eu penso que foi em 1569 quando se acabou a Igreja de Santo António, visto o teor do Alvará deste ano que exhibirei na Parte Segunda.

Durante a reedificação esteve interinamente a Matriz na Igreja de Santo António, como tem estado sempre que naquela Igreja Paroquial há grandes obras. Daí lhe vem o ter sacrário e não o terem as outras filiais.

Voltaremos a este assunto mais tarde, visto que também foi tardia e vagarosa aquela reedificação.

CAPITULO XLV

Peste do ano de 1580. Invasão de Portugal pelo Duque de Alva e surpresa do Castelo de Vila Viçosa. Visita dos Duques de Bragança a D. Filipe II em Vila Boim. Promessas de vantagens feitas à Casa de Bragança e a que se reduziram. Professores municipais de primeiras letras.

I

Para cúmulo das desgraças que afligiram Portugal em 1578 e anos seguintes, veio flagelar-nos ainda o contágio da peste no de 1580, naquele mesmo em que deixávamos de ser uma Nação gloriosa e independente.

Já o sabem os leitores pelo que de passagem indiquei no capítulo antecedente, mas agora serei mais explícito dizendo que a nossa terra não foi poupada pelo terrível flagelo; e eis a razão por que os Duques de Bragança, ao apartarem-se dos Governadores do Reino em Setúbal, vieram estabelecer-se em Portel e não em Vila Viçosa. Dos efeitos desse contágio sei apenas pelo nosso patrício Moraes, que vivia nessa mesma época, ter percorrido todos os bairros da vila, sendo o último a almedina antiga ou Castelo de D. Dinis, o que o dito Moraes narra de passagem com o fim somente de elogiar a salubridade da almedina que realmente é inegável.⁽¹⁾

Alguns tanto mais consta da Crónica do Convento da Esperança, como há-de ver-se adiante; e este pouco é bastante para sabermos que nesse ano foram ceifadas improvisamente e por atacado algumas dezenas ou talvez centenas de vidas na nossa aliás tão saudável povoação.

No Cartório da Misericórdia é que se encontram notícias mais desenvolvidas. Começou na primavera a epidemia e foi crescendo com a estação calmosa, de sorte que no dia de Santo António sepultavam-se nada menos do que 23 pessoas. Quem persistiu na governação da terra, servindo de Juiz, foi

(1) L. 2, cap. 27. Consta do L. 1 dos Reg. da Câmara, f. 32, que o Duque por Alvará de 3 de Agosto de 1580 nomeou Guarda-mor da saúde ao Juiz de Fora Tomé de Mesquita; assim como depois por outro de 6 de Agosto de 1583 foi nomeado para o mesmo cargo o seu sucessor Lopo de Abreu Castelo Branco (f. 40).

o Vereador mais velho Manuel Vaz das Arcas. Chegou a faltar tabelião na vila para se aprovarem testamentos e alguns escritos por pessoas particulares foram depois validados por sentença.

Todos os que possuíam herdades ou quintas no campo fugiram para elas.

II

Com o flagelo da peste juntou-se o da guerra.

Com efeito, Filipe II, apesar de ter bem fundadas esperanças de que a sentença dos Governadores do Reino seria em seu favor, julgou mais prudente e seguro mandar um exército ao nosso país para que o direito da força surprehesse a força do direito e pudesse desta maneira amedrontar os que se não conformassem com a sentença favorável dos ditos Governadores e subjugar-los até com os horrores de uma guerra aberta, se tanto fosse preciso.

Entregou o comando supremo deste exército a D. Fernando Alvares de Toledo, Duque de Alva, o qual empreendeu a sua marcha de Badajoz fazendo caminho por Elvas e Estremoz a Setúbal de onde embarcou para Cascais e se dirigiu para a Ponte de Alcântara. Foi neste sítio que a 25 de Agosto se feriu uma batalha, na qual D. António e seus partidários perderam toda a esperança de triunfar da ambição de Castela.

Coisa notável! Houve um só Rei que se interessasse pela independência de Portugal e esse Rei foi o Papa Gregório XIII, o qual, não como pretendente (pois nunca o foi), mas como protector da nossa nacionalidade, mandou notificar Filipe II pelo Cardeal Riario Sforza para que não entrasse neste Reino com armas na mão antes desse consentimento para que ele, Papa, fosse o árbitro das contendas, a fim de se poupar a efusão de sangue. ⁽¹⁾

Foi feita esta notificação em Badajoz e Filipe com os seus modos cortesões e palavras delicadas deu sim mostras de respeito para com a Santa Sé, mas não mandou retirar o exército que já avançava pelo território Português.

(1) *Portug. Rest.*, Tomo 1, pág. 32.

Filipe II, vendo-se já declarado sucessor do Cardeal Rei na Coroa de Portugal, e com um exército de vinte mil Castelhanos dentro dele dominando a sua capital com a derrota de D. António em Alcântara, determinou deixar Badajoz e entrar neste Reino para visitá-lo em pessoa, tanto para captar a benevolência dos Portugueses com demonstrações de consideração pelos seus antigos foros e regalias, como para ratificar em Cortes a união de Portugal a Castela. Não se dizia que Portugal passava a ser sujeito à Coroa de Castela; inculcava-se que era simplesmente unido àquela Monarquia ficando com a categoria de Reino, um Vice-Rei em Lisboa e um Conselho particular em Madrid junto do Soberano...

Corria já o mês de Dezembro de 1580 e com o frio do inverno havia para a epidemia. Filipe II entra em Elvas a 5 e ao passar por Vila Boim encontrou ali o Duque de Bragança e sua mulher que de Portel tinham passado a esta sua vila a fim de cumprimentarem seu Real primo e Soberano de facto. Sucedeu isto num domingo, 26 de Fevereiro de 1581.⁽¹⁾

D. João I adiantou-se até fora da vila e D. Catarina ficou aguardando D. Filipe à porta da sala com uma só dama que lhe tomava a cauda... Era D. Pascoela de Gusmão, aquela que deu o nome a uma das nossas ruas.

Intentando a Duqueza beijar a mão a El-Rei, quando este chegou à sua presença, retirou-lha o grande político pegando-lhe aliás na mão direita para substituir uma homenagem de submissão por um abraço fraternal acompanhado com singulares expressões de carinho e o tratamento de Alteza...

Apresentando-lhe depois D. Catarina seus dois filhos, D. Duarte e D. Alexandre, que eram de curta idade, abraçou-os estreitamente o Monarca fazendo-lhes muitas festas e meiguices.

É certo que este Rei tinha um fino tacto e era um habilíssimo político, por cuja razão os historiadores concordaram em conferir-lhe, e sem favor, o epíteto de *Prudente*.

Reuniram-se as Cortes em Tomar a 16 de Abril de 1581 e nelas exerceu o Duque D. João I o cargo de Condestável, sendo por isso o último a deferir o juramento de fidelidade a Filipe II; e outro tanto praticou em Lisboa

(1) *História de Portugal de Rebelo da Silva, Tomo 2, pág. 585.*

a 30 de Janeiro de 1583 quando o Príncipe Real, que depois teve o nome de Filipe III, o Pio, foi jurado herdeiro presuntivo da Coroa. Em todos estes actos foi o Duque de Bragança tratado sempre pelo Rei como a primeira pessoa de Portugal e logo nas Cortes de Tomar lhe fez a honrosa distinção de o condecorar com o Tosão de Ouro, lançando-lho com as cerimónias que em tal acto se costumam usar.

IV

Mas D. Filipe seguia a maquiavélica máxima de prometer muito e fazer esperar muito mais, reservando-se dar depois tão somente o que lhe conviesse. E foi assim que ele se houve no cumprimento das promessas feitas ao Duque de Bragança por Cristovão de Moura e pelo Duque de Ossuna.

É verdade que D. Catarina nunca abdicou formalmente os seus direitos ao Trono de Portugal, mas ainda assim mostrando-se ostensivamente submissa à soberania de Filipe II esperava dele graças e privilégios como os Reis Portugueses costumavam distribuir aos Duques de Bragança depois da sua aclamação.

Entre as vantagens oferecidas à Duquesa, contava-se o casamento de uma filha sua com o Príncipe Real D. Diogo, e outras de grande vulto; como, porém, o Rei Prudente se considerava já bem seguro na posse de Portugal, limitou-se a mandar-lhe passar em Elvas, já ao cabo de dois anos de residência neste Reino, uma Portaria fazendo-lhe apenas as seguintes concessões: 1ª - o officio perpétuo de Condestável para seu filho o Duque de Bragança D. Teodósio II; 2ª - para seu filho segundo, um lugar em Castela de mil vizinhos e quatrocentos mil cruzados de renda, com o título de Marquês; 3ª - para o filho terceiro, uma Comenda em Castela de cinco mil cruzados; 4ª - duzentos mil cruzados para a Casa de Bragança, a fim de a indemnizar das dívidas contraídas por causa da expedição de 1578 e das perdas e danos do saque do Castelo de Vila Viçosa em 1580. Estes duzentos mil cruzados foram substituídos por cinco contos de Juro Real, consignados nos Almojarifados de Miranda, Guimarães, Viana e Portalegre.⁽¹⁾

Mais lhe concedeu que pudesse trazer da India por espaço de seis anos

(1) *História Genealógica*, Tomo 6, pág. 330.

uns certos quintais de canela, cravo, etc., sem pagar direitos aduaneiros; que ficaria o Duque, e seus sucessores, perpetuamente com o título de *Excelência* e com o privilégio de não pagar Chancelaria.

A isto se reduziram as grandes vantagens prometidas ao Duque de Bragança para se não pôr em campo contra Filipe II como se pôs D. António, Prior do Crato.

No entanto os Braganças foram aceitando aquele mesmo pouco para não perderem tudo.

A este tempo já era falecido o Duque D. João I como referirei no seguinte capítulo.

V

O ensino de primeiras letras não era descurado nesta época. Eis a prova disso: em 2 de Junho de 1582 passou o Duque D. João I uma Provisão a Tomé Viçoso para ser Mestre de Meninos com seis mil réis anuais pagos pelo Concelho.⁽¹⁾

(1) L. 1 dos Reg., f. 35 v.

CAPITULO XLVI

Morte do Duque D. João I. Seu carácter benigno e seus sentimentos religiosos. Intento de D. Filipe II sobre casar-se com a Duquesa viúva. Visita que lhe fez ao retirar-se de Portugal. Organização do Cabido da Capela Ducal. Notícia das Ermidas de S. João Baptista, de Santa Luzia, de S. José e de S. Domingos. Descendência do Duque D. João I.

I

O Duque D. João I ao regressar das Cortes de Lisboa, celebradas em Janeiro de 1583, achou-se gravemente enfermo. Ele não era robusto; o seu século, como se tem visto, nada tinha de favorável à saúde comum; e de mais disso, os desgostos e transtornos da sua Casa, tudo concorria para lhe trazer o espírito amofinado e por conseguinte o corpo disposto para a dissolução.

Além disto, conheceu agora que o seu achaque era mais perigoso que noutras ocasiões semelhantes, por cuja razão cuidou em preparar-se para a morte, fazendo todos aqueles actos de religião a que a sua mesma natureza o inclinava sendo como era dotado de sentimentos pios; mandou também escrever o seu testamento para deixar a sua terça ao Duque de Barcelos como seu pai lhe tinha feito a ele; e recomendou a D. Catarina o governo da sua Casa enquanto seu filho e sucessor não tivesse idade para administrá-la, declarando logo ser de sua vontade que começasse a reger o Ducado apenas contasse os dezoito anos. Ao testamento juntou uma extensa relação sobre os negócios e transacções feitas para o engrandecimento da Tapada, explicando tudo o que estava pago e o que restava pagar.

A enfermidade ingravescceu e desta vez não houve remédios que a combatessem. Assim veio a pagar o tributo da mortalidade aos 22 de Fevereiro de 1583. Foi sepultado no chão da Capela de Santo Agostinho onde jaziam os seus maiores e descansam agora os seus ossos no túmulo que está adiante do de D. Jaime sobre o plano do presbitério do lado da Epístola.

II

Era D. João I dotado de sentimentos pios e benignos em tão alto grau que até passava a tímido e escrupuloso. Disto deu provas quando alguns Fidalgos lhe comunicaram o intento de matar Cristovão de Moura por causa das suas intrigas e manejos políticos. Ao saber desta resolução, opôs-se decididamente a que pusessem por obra tal intento, dizendo *que por não cair em culpa venial, deixaria perder o império universal do mundo!*

III

Tanto que D. Filipe II teve conhecimento da sua morte, assentou em negociar um novo casamento com a Duquesa viúva, pois que ele também era viúvo (e quatro vezes!), supondo que D. Catarina esqueceria o seu direito à Coroa de Portugal vendo-se feita Rainha da grandiosa Monarquia de toda a Península com muitos Domínios no velho e novo mundo.

Achava-se El-Rei ainda em Lisboa e dali (diz o Conde da Ericeira no *Portugal Restaurado*) "mandou por várias pessoas tentar o ânimo da Duquesa; acharam-na todas mais alheia desta prática do que imaginaram. Aplicou El-Rei o último esforço e entregou a disposição do combate a D. Inês de Noronha, mulher de Vasco da Silveira, avó materna dos Condes de Unhão. Era esta dotada de muitas virtudes que lhe granjearam grande respeito e autoridade na Corte. Deu-lhe El-Rei poder para usar de todos os caminhos suas e, quando não bastassem, procurasse reduzir a Duquesa com ameaças. Passou D. Inês a Vila Viçosa, falou à Duquesa e dispôs com todo o artificio o seu intento. Entendeu logo a Duquesa o fim a que miravam os seus discursos e desejou atalhá-los passando várias vezes a outras matérias; porém, vendo que D. Inês se deliberara a lhe propôr as conveniências que lhe resultavam desta, como ela chamava, *grande fortuna*, insinuando-lhe juntamente os danos que lhe poderiam resultar de resolução contrária, respondeu com espírito Real *que ela não havia de trocar as memórias do Duque D. João pela vaidade da Coroa de Espanha, nem ofender o direito de seu filho o Duque D. Teodósio por nenhum respeito humano e que, se este era o fim com que El-Rei Filipe caminhava àquela pretensão, que errava, a seu pare-*

cer, o intento porque seu filho não perdia o direito que tinha à Coroa de Portugal ainda que ela o renunciasse; nem que El-Rei se livrava de escrúpulo comprando o que lhe não podia vender; e que, quando estas razões não bastassem para o dissuadir, recolhendo-se em um convento atalharia a sua determinação. Não cabe nalgum peito humano maior valor nem maior constância!

Voltou-se a Lisboa D. Inês com a resposta que admirou toda a prudência de El-Rei D. Filipe, o qual, vendo desvanecida esta ideia e conhecidas todas as disposições que bastavam para lhe segurar a Coroa depois de dois anos de assistência em Portugal, determinou passar a Madrid para dar calor a outros negócios da Monarquia que pediam tratar-se de mais perto."

IV

"Safu de Lisboa e passou a Vila Viçosa a visitar a Duquesa de Bragança. Neste lugar se deteve três dias e em todos eles teve muitas horas de conferência com a Duquesa, tentando todos os caminhos de alcançar dela o direito que tinha à Coroa. Ofereceu-lhe grandes e variados partidos; e a Duquesa, não cedendo do valor referido, respondeu a El-Rei que, se ela tinha justiça, não podia deserdar seu filho de tão generosa pretensão; e que, se não a tinha, Sua Majestade acharia nele muito bom soldado!"⁽¹⁾

Dei cabimento a este excerto para que os leitores se desenjoassem do meu estilo com o dele que é verdadeiramente um estilo militar.

Dissuadido, pois, El-Rei D. Filipe do seu intento, safu de Vila Viçosa e, passando por Vila Boim a Elvas, mandou passar ali a Portaria de concessões à Casa de Bragança de que já dei notícia no capítulo anterior.

De Elvas seguiu para Badajoz e foi assistir na sua Vila Coronada. Já era tempo.

Creio que a visita a D. Catarina foi em Março de 1583.

(1) Tomo 1, pág. 37.

Resumidos assim os acontecimentos políticos daquela época, restringimo-nos aos factos ocorridos em Vila Viçosa e completemos a biografia do Duque D. João I suprimindo o que falta com respeito a melhoramentos da nossa terra efectuados por ele ou por outros nos quinze anos do seu governo pacífico (1563-1578), pois que os últimos quatro e meio foram tempos de luto e desolação, como dito é.

Já referi que o Duque sobredito foi o verdadeiro engrandecedor da Tapada, estendendo-a talvez em dobro do que era e alindando-a com muros novos, Igreja, lagos, jardins, etc.

Pois bem. Resta ainda contar como foi o fundador do Cabido da sua Capela organizando-a em harmonia com as Colegiadas Reais e Catedrais.

Com efeito, obtive do Sumo Pontífice Gregório XIII os privilégios de lhe criar duas Dignidades, a saber: Deão e Tesoureiro-mor; ter depósito do Santíssimo Sacramento; e celebrar as festas da Semana Santa com a mesma pompa que se usava nas mais insignes Colegiadas. Acabou com os ordenados fixos aos Capelães e introduziu a distribuição quotidiana dos frutos das Comendas que a Capela já tinha e ele aumentou ainda. Deu-lhe estatutos em que autorizou a aposentação dos Capelães com prebendas inteiras e regulou tudo o mais que respeitava ao serviço quotidiano do Coro e às festas principais.

A maneira como foram criados os benefícios do Deão e do Tesoureiro-mor já ficou explicada no capítulo XXX. A dotação da Colegiada de Barcelos é que forneceu aqueles honorários. O Breve da instituição do Deão é do ano de 1581 e o da Tesouraria-mor de 1582. Antes disso, porém, já chamavam Deão ao Capelão Presidente e havia outro Capelão Tesoureiro.

E bastarão estes apontamentos, visto que na Segunda Parte hei-de occupar-me em especial daquela Insigne e Real Colegiada. Só acrescentarei ainda neste lugar que o Cabido, em testemunho de gratidão, votou depois da morte do Duque D. João, seu fundador, que se lhe fizesse anualmente no Ojtavário de Todos os Santos um officio por sua alma, o que tem sido observado até agora, chamando-se àquella função fúnebre o *Officio do Fundador*.

VI

Antes de passar à biografia do Duque D. Teodósio II, parece-me acertado que me ocupe em dar notícia de algumas Ermidas que já floresciaam no fim do século XVI; e a propósito disso lamentarei de novo que Moraes, Calado e Cadornega não fossem antes historiadores da sua terra contando-nos como, quando e por quem tinham sido edificadas as Igrejas que descrevem ou mencionam, mas embocassem a trombeta sonora do panegírico retumbante dando aliás por vezes cabimento a frioleiras! Moraes de certo o faz, pois gastou meio livro em discursações sobre a Mitologia para mostrar que Vila Viçosa era o verdadeiro Parnaso do mundo... Mas... passemos adiante.

O dito Moraes menciona em 1618 o bairro de Santa Luzia, o de S. Sebastião e o de Santo António; e ele era irmão do Doutor Jaime de Moraes que assistiu à batalha de Alcácer-quivir em 1578. Frei Manuel Calado, contemporâneo e criatura de D. Teodósio II, menciona as Ermidas de S. João Baptista, S. Domingos, etc. Cadornega, contemporâneo do Duque D. João II, memora todas essas Ermidas e algumas omitidas em que entra a de S. José do Carrascal.

A maior parte destas Ermidas ou eram fabricadas nos seus dias ou nos de seus pais, de sorte que sabiam perfeitamente quem as tinha construído; mas não quiseram que lhes devessemos a fineza dessa instrução!

Punhamo-nos, pois, nós a aventar conjecturas à falta de notícias positivas.

1. - A Ermida de S. João Baptista do Carrascal é atribuída pela tradição à piedade da Duquesa D. Catarina tendente a honrar o santo do nome de seu marido; e até ouvi contar a pessoas antigas que, pretendendo o Marquês de Alorna demoli-la em 1806 por estar quase no meio do largo público e fabricar-se de novo num extremo, respondeu-lhe negativamente El-Rei D. João VI dizendo que era obra da Senhora D. Catarina, sua avó, e dedicada ao Santo do seu nome e que portanto ninguém lhe tocasse.

Acresce que a estrutura, posto que diversa da de Santo António, assemelha-se quanto a possuírem ambas duas janelas baixas com grades de ferro. Também os sinos, iguais no formato, são quase iguais na afinação.

D. Catarina tinha Casa sua e até comprou a Horta Nova do Carrascal que anexou ao Reguengo pelo facto de a deixar a seu filho mais velho D. Teodósio II. Foi tutora deste, ainda que poucos anos, e viveu sempre na sua

companhia durante os trinta e um anos da sua viuvez. Portanto, concluímos: se a Ermida de S. João Baptista não é obra de D. Catarina, então será de seu marido ou de seu filho por sugestão dela mesma ou então feita de esmolos, sendo a Casa Ducal a primeira contribuinte.

2. - A Ermida ou Igreja de Santa Luzia é de origem mais obscura ainda. Presentemente é do padroado particular da casa dos Sosas de Brito Pereira onde se conserva a tradição (só tradição...) de lhes ter sido dada pela Duquesa D. Catarina. Mas achei menção no testamento do Sr. Jaime Mendes e Vasconcelos de já se chamar de Santa Luzia em 1548 a raia que lhe demora ao pé e portanto é evidente que foi construída mais cedo. É obra do tempo em que foi feita a de S. Sebastião no Rossio, cuja arquitectura era semelhante, salvo em ter Santa Luzia tecto de madeira.

Esta é mais singela e só nos nossos dias recebeu notáveis melhoramentos da devoção do nosso patrício Tomé de Sousa Menezes.

Assentemos, pois, em ser fundada *pele menos* em tempo da Duquesa referida.

3. - Mais sólida por ser de abóbada é a Ermida de S. José situada ao sul do Carrascal. Quem a fundaria?... Não sei. O que somente podemos asseverar é que já existia no princípio do século XVII em tempo de Cadorna, de D. Teodósio II e de seu filho D. João II.

Conjecturo, portanto, que foi construída pouco depois da de S. João ou no princípio do século atrás mencionado.

4. - A Ermida de S. Domingos é talvez mais antiga do que as três sobreditas. Pertencia a um vínculo ou morgado e portanto era e é ainda de domínio particular. Naturalmente o instituidor do Morgado foi o mesmo fundador da Ermida que está num farrageal desse Morgado a que chamavam ultimamente *da Ribeira* por lhe pertencer a Herdade da Ribeira de Borba.

Isto foi uma imitação da Capela de António de Gouveia (S. Luís) ou vice-versa, pois a de S. Domingos indica ser coeva da de S. Bento, à qual muito se assemelha.

VII

O Duque D. João I teve de sua mulher D. Catarina os seguintes filhos: D. Teodósio II, que lhe sucedeu nos Estados Brigantinos; D. Maria, que

morreu solteira e jaz no Coro de baixo do Convento das Chagas; D. Serafina, que casou com o Marquês de Vilhena e Duque de Escalona em Espanha; D. Duarte, Marquês de Freichila, que casou duas vezes em Espanha também; D. Alexandre, que foi Arcebispo de Évora e jaz no Cruzeiro da Igreja de Santo Agostinho do lado de cima da porta da Senhora da Graça; D. Querubina, que morreu na flor da idade em Alcácer para onde tinha ido mudar de ares; D. Angélica e D. Isabel, gémeas, que morreram, a primeira à nascença e a segunda ainda jovem, sendo sepultada no referido Coro das Chagas; D. Filipe, que não deixou sucessão e jaz no túmulo do Cruzeiro de Santo Agostinho, junto do altar de Nossa Senhora da Graça. Total: nove filhos.

E mais teria se não falecesse de tão curta idade (37 anos).

Era D. João I de medfocre estatura, trigueiro e de boa cõr, vista curta, e de pouco robusta compleição. Assim o retrata Venturino.⁽¹⁾

(1) *Panorama*, vol. V, pág. 310.

CAPITULO XLVII

Biografia de D. Teodósio II, sexto Marquês de Vila Viçosa, sétimo Duque de Bragança e segundo de Barcelos. Sua educação. Seu cativo em Marrocos e seu resgate. Visita de pêsames que El-Rei D. Filipe II fez a D. Catarina e seu filho D. Teodósio II pela morte de D. João I. Visita do Arqui-duque Alberto, Governador do Reino, e outros factos.

I

Esquecemo-nos por muito tempo do jovem Duque D. Teodósio II, prisioneiro na infeliz batalha de Alcácer-quibir em 1578; mas com isso não perdeu a nossa história, até ficará redigida com mais clareza.

Nasceu este Duque em Vila Viçosa a 28 de Abril de 1568 pelas cinco horas da tarde e foi baptizado na Capela Ducal pelo Decano da Colegiada Manuel Passanha de Brito que depois foi efectivamente primeiro Deão daquele Cabido competentemente organizado. Coube então a Afonso Vaz Caminha, Alcaide-mor de Vila Viçosa e Fidalgo da Casa de Bragança, a honra de o levar à pia do baptismo.

II

Os exemplos de religião e piedade que lhe davam seus pais não podiam deixar de reflectir nele, excitando-lhe sentimentos de um Príncipe verdadeiramente benemérito da Religião, da Pátria e das Letras.

Os anos da sua puerícia foram passados sob a vigilância do seu aio D. Luís de Noronha, applicando-se entretanto aos estudos da Gramática e Retórica, em que fez notáveis progressos, tendo por mestres Fernão Soares Homem e António de Castro, ambos graduados em Coimbra. Coursou depois Gramática e Língua Latina, Aritmética, Geometria, Algebra e Geografia para que no caso de vir a reinar em Portugal pudesse ter todas as partes de um Príncipe devidamente instruído.

Sua mãe não descurou orná-lo com bastante erudição profana e sagrada e assim lhe buscou igualmente a instrução filológica do Castelhana, Árabe, Toscano e Inglês.

III

Já disse atrás que, por uma resolução pouco madura de seu pai, embarca ra para África na companhia de El-Rei D. Sebastião para suprir a presença do Duque D. João I que adoeceu com febres agudas.

Pois bem. Chegando às plagas Africanas andou sempre no Quartel Real, mas não tomou parte na batalha de 4 de Agosto de 1578 porque não o consentiu El-Rei tomando o devido interesse por este menino de dez anos que nunca lá devia ter ido. Por isso, não teve a sorte de ficar estendido no campo, como o seu aio, mentor e tio D. Jaime; porém, perdida a vitória, coube-lhe o cativo, sendo conduzido para Marrocos entre os mais Fidalgos que tiveram igual infortúnio.

Imagine-se qual seria a consternação de seus pais quando houveram as tristes novas da batalha de Alcácer-quibir! Puseram logo por obra todos os meios tendentes a alcançar-lhe a liberdade. Por suas instâncias, mandou o Cardeal Rei a África D. Jorge de Queirós, Fidalgo da sua Casa; e D. Filipe II de Castela escreveu ao Rei ou Xarife de Marrocos interessando-se pelo resgate do jovem Duque de Barcelos.

Partiu D. Jorge levando também cartas de D. João I para o Xarife, para o Alcaide Sufiano, governador de Fez, e para o Alcaide Insufú, tesoureiro do Rei, que eram as principais pessoas da sua Corte.

El-Rei de Marrocos, Muley Maluco, mandou então avaliar o prisioneiro pelos mercadores da Cidade, os quais lhe puseram o preço de cem mil cruzados; mas ele, querendo mostrar-se liberal, deu-lhe soltura em 27 de Agosto de 1579, sem aceitar o preço do resgate, vindo assim a durar o seu cativo pouco mais de um ano.

Foi entregue o jovem Duque aos comissários de Filipe II, os quais, sem dúvida por instruções de seu Real amo, vieram-no trazendo com tanta morosidade quanta era a ânsia de seus pais por vê-lo restituído à sua companhia. De Marrocos levaram-no a Tetuão e daqui a Ceuta, com tanto vagar que ainda estava em Gibraltar quando em 31 de Janeiro de 1580 faleceu o

Cardeal Rei. Andaram depois viajando com ele pela Andaluzia, despertando assim tanta inquietação no ânimo de seu pai que se viu obrigado a queixar-se nas Cortes de Almeirim da inqualificável demora de D. Filipe II em lhe entregar o seu filho. Estavam ali os Duques de Bragança dando impulso à sua justa pretensão quando enfim entrou em Portugal o Duque de Barcelos (15 de Março de 1580).

Imagine-se agora quanto seria o gosto de seus pais vendo-o restituído à Pátria e família após uma forçada ausência de vinte meses!

IV

Achou-se D. Teodósio II nas Cortes de Lisboa, de que já falei, celebra das a 30 de Janeiro de 1583; e foi a primeira pessoa que prestou juramento de fidelidade ao Príncipe herdeiro de Castela por estar seu pai exercitando o officio de Condestável e ser assim o último a prestá-lo, segundo o estilo.

Ora, de Lisboa safu já doente o Duque D. João I e falecendo pouco depois, como dito é, D. Teodósio apressou-se em comunicar esta infausta nova a El-Rei D. Filipe que estava em Évora, mandando-lha por Luís Gonçalves de Menezes, Veador e Fidalgo da sua Casa. Respondeu-lhe El-Rei logo, significando-lhe o sentimento que experimentava pela morte do Duque seu pai. E poucos dias depois veio pessoalmente à nossa vila visitar sua prima D. Catarina e seu filho o Duque D. Teodósio II.

Não se confunda esta visita com a outra, que já fica notada, e que foi a última que lhes fez ao retirar-se de Portugal.

D. Teodósio esperou El-Rei na escada, coberto de luto, como fizera seu avô a El-Rei D. João III, sendo acompanhado nesta recepção por seus irmãos (todos muito jovens) e por seu segundo tio D. Teotónio, Arcebispo de Évora. D. Catarina estava na câmara chamada *casinha da Infanta* e aí foi cumprimentá-la seu Real primo, detendo-se com ela uma hora, finda a qual se despediu praticando com o moço Duque as honras costumadas.

Filipe II era político em toda a extensão da palavra; e posto que eu não simpatize com ele por ser um usurpador da nossa independência nacional, não posso escurecer que possuía todas as qualidades de um Príncipe excelente.

V

D. Teodósio II contava então quinze anos de idade incompletos; e assim por disposição testamentária de seu pai ficou a Duquesa viúva, sua mãe, regendo o Ducado até que ele contasse os dezoito. A verdade, porém, é que a mãe vivia tão bem com o filho e o filho com a mãe que esta sempre influíu no seu ânimo enquanto viveu.

Retirando-se El-Rei D. Filipe II a Madrid no ano de 1583, como tenho dito, devia proximamente chegar um Vice-Rei ou Governador do Reino, conforme o estipulado nas Cortes de Tomar; e chegou, com efeito, no seguinte ano de 1584: foi o Arquiduque Alberto, sobrinho, cunhado e depois genro do mesmo Filipe... (Com estes repetidos enlances matrimoniais de parentes muito chegados é que a Dinastia Austríaca veio a extinguir-se no raquítico e enfezado Carlos II !...) Continuemos.

Quis o Arquiduque passar por Vila Viçosa com o único fim de falar à Duquesa D. Catarina; e sabendo esta que ele vinha em certo dia do mês de Agosto jantar em Borba, vila do Ducado, mandou preparar-lhe uma luxuosa hospedagem nas melhores casas que ali havia. Nesse mesmo dia, pelas quatro horas da tarde, partiu o Arquiduque de Borba e ao mesmo tempo saía do Paço a esperá-lo o Duque D. Teodósio II com seus irmãos D. Duarte e D. Alexandre em coche, segundo a prática introduzida naquela época, e acompanhados por mais de oitenta Cavaleiros luzidos e bem montados.

Já o Arquiduque chegava perto de Vila Viçosa quando se encontraram as duas comitivas. D. Teodósio apeou-se com seus irmãos; e D. Alberto fez o mesmo. Depois de trocados os devidos cumprimentos, fez o Arquiduque montá-los no seu mesmo coche e assim vieram conversando todos até ao Terreiro do Paço.

Encaminharam-se logo à câmara da Duquesa mãe, a quem Alberto fez profundas cortesias e D. Teodósio, deixando-o ali, veio fora a cumprimentar os Fidalgos da sua comitiva e fazê-los servir de doces e refrescos, entretendo-se com eles em amigáveis conversações por espaço de duas horas que foi o tempo que durou a visita do Arquiduque.

Despedindo-se então este de D. Catarina, foi a pé à Igreja das Chagas para falar à Duquesa D. Brites ou Beatriz de Lancastre, viúva de D. Teodósio I; e ali a cumprimentou às grades do Coro de baixo.

A porta montou a cavalo e esperando que D. Teodósio fizesse o mesmo,

tomaram o caminho da Tapada cujo palacete estava preparado com grandes adornos para o Governador do Reino ali se hospedar com a sua numerosa comitiva. Foram os dois conversando até S. Bento, acompanhados por D. Duarte e D. Alexandre; e ali instou D. Alberto por que não continuassem para diante por ser já tarde.

Era com efeito noite escura quando ele com os seus entraram pela Porta chamada hoje *Velha*.

No dia seguinte de manhã passou a Borba e prosseguiu a caminho de Lisboa para tomar conta do governo dos Estados Portugueses.

CAPITULO XLVIII

A primeira embaixada Japonesa que veio à Europa e como foi recebida por D. Catarina e seu filho D. Teodósio II na passagem para Roma e no regresso a Lisboa. Notícia da preciosa Cruz do Santo Lenho, do Morgado da mesma Cruz e do Sagrado Espinho. Peste do ano de 1590. Fundação do moderno Convento de Nossa Senhora do Amparo ou de S. Paulo no Rossio. Trasladação dos ossos da Duquesa D. Leonor de Gusmão para o Convento da Esperança. Outros factos da biografia de D. Teodósio II. Visita do Duque de Parma. Obras grandiosas no Paço. Uma sagração episcopal.

I

Primeiro que dê noticia da Embaixada Japonesa que neste mesmo ano de 1584 passou por Vila Viçosa e era dirigida ao Sumo Pontífice, convém precedê-la de alguns esclarecimentos históricos, sem os quais nem todos os meus leitores poderão saber o que isto significava nem que valor tinha.

O império do Japão foi descoberto pelos Portugueses no ano de 1542, reinando o piedoso D. João III; e principiou a ser evangelizado sete anos depois por S. Francisco Xavier, ajudado por outros Jesuitas quase todos Portugueses.

Havendo-se propagado ali a Fé Católica de um modo assombroso pelo grande prestígio das autoridades do Reino de Portugal, então Potência de primeira ordem e a primeira marinha do mundo - autoridades que davam todo o apoio aos obreiros da Missão dos Jesuitas porque assim lho recomendavam os Reis D. João III e D. Sebastião, concorrendo não menos para essa rápida propagação os milagres que Deus foi servido obrar por meio do Apóstolo das Indias, o referido S. Francisco Xavier, foi visitar aquela Missão o Padre Valignani por comissão de Cláudio Acquaviva, Gerál da Companhia de Jesus.

Havia já nesse tempo (1580) perto de setecentos mil Cristãos Japoneses, mais de cinquenta Casas de Jesuitas, dois Seminários e muitas Igrejas e Capelas.

Persuadiu então o Padre Valignani aos Príncipes convertidos à Fé Cató-

lica o dever de mandarem uma embaixada ao Sumo Pontífice, a fim de que os Embaixadores em nome dos Príncipes, seus constituintes, e das Cristandades da nova Igreja do Japão beijassem o pé a Sua Santidade e lhe prestassem obediência como Vigário de Cristo e Supremo Pastor da Igreja Católica.

Anuindo a esta proposta, destinaram os Príncipes neófitos aos seguintes embaixadores: Mancio Ito, moço de dezasseis anos, sobrinho de Francisco, Rei de Bungo, que o enviava em seu nome e no de seus súbditos Cristãos; e Miguel Cingiva, também de dezasseis anos, próximo parente de Protasio, Rei de Arima, e de Bartolomeu, Príncipe de Omura, aos quais representava na embaixada. Foram-lhes dados por companheiros ou adjuntos Juliano de Nicaura e Martinho de Fara, parentes do Rei de Arima. Com estes quatro Príncipes marcharam três Jesuítas, servindo-lhes o Padre Diogo de Mesquita de mestre e director, o Padre Nuno Rodrigues e o Irmão Jorge de Loiola de intérpretes. Feitos os preparativos necessários, embarcaram com alguns familiares e criados em Nagasaki a 20 de Fevereiro de 1582.

Depois de uma longa navegação por Macau, Goa e Cabo da Boa Esperança, surgiram na barra de Lisboa a 8 de Agosto de 1584. Dali marcharam para o Alentejo a 5 de Setembro, a fim de seguirem o caminho de Madrid, vindo também na comitiva o Padre Sebastião de Moraes, Provincial dos Jesuítas Portugueses, por se haver adiantado o Padre Nuno Rodrigues a dar impulso a negócios da Companhia. Chegando a Évora, foram benignamente acolhidos pelo Arcebispo D. Teotónio de Bragança que, além de muitos objectos preciosos, lhes deu duzentos e cinquenta cruzados para os gastos da viagem e mil para compra de mimos elegantes que oferecessem a seus parentes no regresso ao Japão.

Deixemos agora falar António José de Figueiredo num artigo publicado no *Arquivo Pitoresco*, debaixo do título de *Primeira embaixada do Japão à Europa*,⁽¹⁾ donde extraio estas notícias como ele as extraiu da obra do Padre Duarte de Sande intitulada *De missione Legatorum Japonensium ad Romanam Curiam*, etc. impressa em Macau no ano de 1590.

"Partiram de Évora na própria caleça do Arcebispo no dia 14 do mês de Setembro (de 1584) para Vila Viçosa, Corte dos Duques de Bragança, a mais nobre casa e mais rica do Reino e tão chegada pelo sangue aos antigos Reis de Portugal que a ela, mais que a nenhum outro príncipe pertencera a su-

(1) Volume 5, ano de 1862.

cessão do Reino se por direito e não pela força e de assalto se houvera decidido a questão por morte do Cardeal Rei D. Henrique. O património dos Braganças era opulentíssimo e orçava por mais de cem mil cruzados cada ano, de sorte que o fausto e aparato com que se tratavam os Duques de Bragança e o número e qualidade de seus familiares e criados era tão realengo que mais visos ostentava de senhor independente que não de Duque sujeito à jurisdição Real.

Tendo, pois, o Duque de Bragança aviso da próxima chegada dos embaixadores Japoneses, imitando a seu tio (D. Teotónio), mandou-lhes ao encontro o seu coche no qual entraram em Vila Viçosa. Dirigiram-se logo à Real Capela onde o Duque os aguardava com toda a sua Corte e os veio receber à porta da Igreja convidando-os a assistir à Missa solene que ia celebrar-se.

(Nota aqui o autor, Padre Sande, a suavidade e melodia da música, a variedade dos instrumentos musicais e a preciosidade dos paramentos, o que tudo fazia um conjunto de grandeza mais que Ducal ou de vassalo de tão esplêndido Rei, como era Filipe II).

Acabada a Missa, foram levados à presença da Duquesa-mãe D. Catarina, a qual os recebeu com tanto amor como se foram quatro filhos seus que depois de longa viagem tornavam aos braços maternos. Seguiu-se logo um variado e lautíssimo banquete servido com todo o aparato em preciosíssima baixela de ouro e prata que encheu de assombro os Japoneses. A profusão de vasos de tão preciosos metais era tal que as próprias bacias em que se lavava a prata eram deste mesmo metal e de finos labores, para não falar de outras mostras da Real magnificência.

De tarde, depois de outros passatempos e recreios, quis a Duquesa-mãe ver de novo os embaixadores vestidos com as galas Japonesas e seroar com eles em familiar conversação. Alegrou-se muito com a vista de trajos tão desusados e com a notícia dos costumes e coisas do Japão; e pelo veemente da prática em que com os senhores embaixadores se entretive, viu-se manifestamente a sua grande piedade Cristã no desejo ardente da conversão de todo o Japão ao Cristianismo. E para mais mostrar-lhes quanto os prezava, mandou que lhe levassem à sua Câmara os vestidos japoneses e por eles talhou um elegantíssimo à feição do corpo do seu filho segundo, D. Duarte, que ao seguinte dia apresentou aos embaixadores como um nobre mancebo do Japão, a cuja vista todos os presentes muito se alegraram e viram,

admirando o primor do improvisado donzel Oriental.

Também quis o Sereníssimo Duque (D. Teodósio II) honrar os seus hóspedes com uma diversão campestre numa sua tapada de grandíssima extensão e muito abundante de veados, javalis e outras monterias. Foi a comitiva de cento e cinquenta cavaleiros e magnífico o divertimento, tanto pela abundante caça como pelo jogo de canas que se lhe seguiu (no Terreiro do Paço) e em que reluziu não menos a agilidade dos cavalos que a perfcia e mestria dos lutadores. Depois destas e outras semelhantes provas da bizarria Ducal e do contentamento que nos Reais hospedeiros causara esta es tranha visita, despediram-se os embaixadores dos Duques e sua família e partiram de Vila Viçosa a 18 de Setembro. Deu-lhes o Duque para os gastos da jornada duzentos cruzados, além de muitas outras dádivas significa tivas da sua consideração, affecto e magnificência."

Por Elvas, Badajoz e Mérida foram os embaixadores apresentar-se a D. Filipe II em Madrid. Embarcando-se depois em Alicante, dirigiram-se para Liome e dali seguiram para Roma onde foram recebidos em Consistório público por Gregório XIII e lidas em voz alta as cartas que traziam dos Reis de Bungo e Arima e do Príncipe de Omura para o Soberano Pontífice (23 de Março de 1585).

No regresso de Roma estiveram de novo em Vila Viçosa onde a benevolência de D. Teodósio II os deteve por quatro dias, divertindo-os com vários recreios e distrações. Era isto nos fins de Setembro do dito ano de 1585.

Para maior esclarecimento dos leitores menos instruídos, acrescentarei o que se passou depois com respeito à Missão Japonesa. Foi ela extinta em 1639 por intrigas dos mercadores Protestantes Holandeses e Ingleses, já por ódio ao Catholicismo, já por excluírem os Portugueses do comércio daquele vasto Império. Proscrito então o culto Católico, nunca mais se anunciou ali o Evangelho até aos nossos dias; todavia consta existirem ainda lá Cristãos propagados tradicionalmente e que, sendo conhecidos em 1860 e tantos, sofreram muitos vexames da parte das autoridades do Império Japonês.

Pio IX canonizou solenemente em 1862 os Mártires da perseguição do século XVII que padeceram o último suplício quando no dito Império foi proi bido o culto Católico.

II

Não devo omitir agora a notícia da famosa Cruz do Santo Lenho, fabrica da nesta época, e do mais que lhe respeita.

Consta que tinha de valor milhão e meio de cruzados ou seiscentos contos de réis. Em 1640 foi levada para Lisboa por El-Rei D. João IV. Depois seu neto D. João V mandou restituí-la à Capela Real de Vila Viçosa, onde servia nas sextas-feiras de Paixão durante a cerimónia da Adoração da Cruz.

Em 1807 conduziu-a para o Brasil o Príncipe Regente que em 1822 a trouxe de novo para Lisboa, mas não tornou mais à nossa vila. Apenas se disse que em 1834 estivera na Casa da Moeda e que dali fora mandada retirar pelo ex-Imperador do Brasil D. Pedro I como digna de conservar-se pelo seu valor artístico. Ultimamente afirma-se que está em poder de El-Rei D. Luís.

A história da sua formação é como vai ver-se.

Mr. Honorato de Cais, embaixador de El-Rei Cristianíssimo na Corte de D. João III, tinha uma insigne relíquia do lenho em que Jesus Cristo padeceu por nós e que lhe fora dada pelo Papa Clemente VII. Este embaixador presenteou com ela Inês Alvares de Almeida, residente em Abrantes. E da mão desta veio à de D. Teodósio II, sendo trazida por dois Frades Capuchos do nosso Convento da Piedade chamados Frei Gonçalo de Elvas e Frei Vicente de Abrantes, os quais depositaram a sagrada relíquia no dito Convento. Depois de examinada conforme as prescrições do Concílio de Trento pelos Desembargadores da Relação Eclesiástica do Arcebispado, Reitor da Universidade de Évora e muitos outros Teólogos, D. Teotónio, como Arcebispo desta Diocese, pronunciou em 30 de Dezembro de 1588 uma sentença para que a dita relíquia fosse venerada como parte integrante do Lenho em que padeceu o Redentor.

Proferida e publicada a sentença, determinou o mesmo Arcebispo fazer inspecção à relíquia e foi pessoalmente ao Convento da Piedade para este fim. Apresentaram-lha os dois Religiosos envolvida e cozida por todas as partes numa bolsa de tafetá verde que D. Teotónio abriu; e achou a relíquia embrulhada nuns papéis selados com cinco selos de lacre vermelho, aos quais rompeu. Encontrou dentro uma cruz engastada em prata lavrada a

a modo de flor de liz, coberta com um cendal de seda branca. Tomando aos dois Frades o juramento de ser aquela a mesma que lhes tinha sido entregue em Abrantes por Inês Alvares de Almeida, examinou-a com atenção e metteu-a num cofre de madreperola com duas chaves, das quais entregou uma ao Duque e outra à Duquesa, sua mãe, lembrando-lhes quanto deviam ser agradecidos a Deus Nosso Senhor por lhes haver confiado tão precioso tesouro.

Determinou então D. Teodósio colocar a relíquia na Capela do seu Paço; e querendo fazê-lo com a pompa e decência devidas, rogou a seu tio D. Teotónio que a trasladasse ele mesmo em pessoa com uma solene procissão. Mandou, pois, o Arcebispo convocar todo o Clero e Religiosos de Vila Viçosa e Borba e ele, revestido de Pontifical, conduziu por suas mãos a preciosa relíquia, concedendo quarenta dias de indulgência a todos os fiéis que assistissem àquele acto. Foi este uma bela função religiosa e conta-se que Deus obrara logo alguns prodígios por virtude desta relíquia da sua Cruz, aumentando-se com isso a devoção que o Duque lhe tinha já.

Mandou o mesmo Duque metê-la depois numa cruz de ouro que tinha quase um côvado de altura e os braços mais de meio. Era guarnecida de diamantes, rosas e chapas, rubis, esmeraldas, safiras e pérolas. Via-se o Santo Lenho pela parte de diante por um cristal e pela outra lhe ficava uma rede de ouro transparente. Na face dianteira tinha na peanha uma esmeralda grande cabuchã com as Armas Reais e sobreposta com a sua coroa guarnecida de diamantes chapas e ao pé um rubi cabuchão. Estava a Cruz metida (como já dei a entender) numa peanha de prata dourada e quadrada com quatro quartões em que entravam quatro tarrachas na chapa de baixo, sendo de ouro todos os sobrepostos em que estava engastada toda a pedraria. A base era guarnecida com dez agoçates de esmeraldas cabuchãs por modo de pirâmides, com seis pirâmides de três pérolas cada uma, e ao redor da última faixa tinha catorze pérolas grandes, tudo de muita valia.

Querendo, enfim, o Duque D. Teodósio II perpetuar nos seus sucessores a sua própria devoção para com esta sagrada relíquia, determinou vinculá-la num novo morgado e para isso fez passar em Vila Viçosa uma carta, escrita a 16 de Novembro de 1593 por Simão Pinheiro, selada com o selo das suas Armas e subscrita por Rodrigo Rodrigues, seu secretário, na qual instituiu o dito morgado com o título de *Morgado da Cruz*.

Diz a citada carta de escritura: "A primeira e principal coisa de que ordeno e instituo este Morgado é a Relíquia, que tenho, do Santo Lenho da

Cruz em que Jesus Cristo Nosso Senhor padeceu, etc.; e da mesma sorte me to nele o Espinho da Coroa de Nosso Senhor Jesus Cristo que tenho engastado em cristal e ouro para andar sempre nele. ⁽¹⁾

Este espinho está depositado no Coro alto do Convento das Chagas por entrega feita às Religiosas por D. Isabel, filha de D. Jaime e mãe de D. Catarina e por consequência avó materna de D. Teodósio II. Tem festa a 5 de Maio, sustentada com o foro de dois olivais que alguém deixou para este fim ao mesmo Sagrado Espinho.

Neste novo morgado inclufu também D. Teodósio a Tapada e um jaez de ouro que lhe tinha dado o Xarife Muley Maluco para memória da pouca idade que tinha quando esteve cativo em Marrocos; e pôs-lhe o encargo de duas Missas quotidianas - uma em honra da Santa Cruz e outra do Santíssimo Sacramento.

O ano de 1588 foi assinalado pela cerimónia de ser armado Cavaleiro de Cristo o Senhor D. Filipe. No primeiro de Novembro recebeu a armadura na Capela Ducal por mão do Estribeiro-mor D. Diogo de Melo e lhe calçaram as esporás D. Diogo de Noronha e Escobar de Lima, todos Comendadores da mesma Ordem. O recebimento do hábito foi na Igreja das Chagas a 25 do mesmo mês, dia de Santa Catarina, que era o nome de sua mãe. O Deão Passanha lho lançou por especial comissão de El-Rei, assistindo toda a Família Ducal com seus capelães, e os padrinhos D. Diogo de Melo e António de Oliveira, Comendadores. Foi uma festa imponente.

Todas estas notícias vêm na *História Genealógica* de onde as reproduzi.

Ano de 1588. - Faz-se no Adro de Santo Agostinho, durante o verão, um chafariz com água das sobras da Fonte Pequena. Foi feito a norte do ribeiro, junto à esquina da rua do Passadiço, onde agora está o Lago de bestas com seu lavadouro. Ao sul, entre a ponte dos álamos e a casa dos Cepas, como obstruindo a boca da rua de Santo Agostinho, estava um prédio de casas que a Câmara comprou dois anos depois a Afonso de Lucena sob concerto de serem demolidas para aformoseamento daquele adro. Eram oficiais da Câmara neste ano João da Guerra Castanho que servia de Juiz por não haver Juiz de Fora, D. Diogo de Melo e Nuno Machado, Vereadores; Francisco Pacheco, Procurador do Concelho.

(1) *Provas da História Genealógica*, Tomo 4, nº 240. No jornal "A Civilização Cristã", ano 1º (1889-90) n 3 vi uma gravura do desenho desta Cruz.

III

No ano de 1590 renovou-se o contágio da peste que tantas vezes afligiu a Europa no século XVI.

Vila Viçosa não foi poupada também neste ano, segundo consta da Crónica do Convento da Esperança, já citada por vezes. Em 1580 haviam metido gados no referido convento para se retemperar o ambiente empestado; e nos anos seguintes procederam as Religiosas a refrescar o claustro, abrindo -lhes um poço. Agora em 1590 recorreram, além dos meios higiénicos, ao emprego de outros espirituais e de votos: pediram que se lhes concedesse a introdução da Imagem do Mártir S. Sebastião na clausura para lhes servir ali de advogado a fim de se restabelecer a saúde comum das Religiosas.

Naquele século, parece que os calores eram excessivos, extraordinários; a Comunidade abundava em Freiras, Seculares e criadas e provavelmente não estava ainda anexa à Cerca ou Horta que era extra-muros, restringindo-se as Religiosas aos antigos *Paços de Gonçalo Vaz Pinto*. Ora isto, junto com ser o Convento situado ao sul da povoação e em parte baixa, não oferecia boas condições higiénicas.

No Convento da Santa Cruz, também ainda muito apertado entre a Corredoura e a rua de Santo António, é provável que a saúde comum não fosse muito melhor.

1590. - Era Ouvidor da Comarca o Dr. Domingos de Sá.

Francisco Roiz, pedreiro, toma de empreitada em 10 de Maio o lavadouro da Fonte Grande que se chamou Bolona em 95\$500 réis. A obra foi delineada por Manuel Ribeiro, mestre das obras do Duque, e devia ficar acabada em Agosto. Mas em 15 de Junho fez-se nova escritura de arrematação para substituir por mármore o que fora ajustado em piçarra; e o preço da empreitada subiu a 120\$000 réis.

Em Julho derrubam-se umas casas que estavam no adro de Santo Agostinho entre a ponte e a casa dos Cepas; foram compradas pela Câmara a Afonso de Lucena que as vendeu com essa condição a fim de desafrontar o seu palácio e o Chafariz novo e todo o dito adro. Vendeu-as por 26\$770 réis, preço do custo, ficando o vendedor com a telha e duas colunas de mármore.

Eram oficiais da Câmara: António Botelho, Juiz de Fora, Francisco Garcia, Sebastião de Sousa de Abreu e António de Figueiredo, Vereadores; Gonçalo Leitão, Procurador do Concelho.

IV

No mesmo ano de 1590 teve lugar a trasladação da Comunidade Fradesca de Vale Bom para a nossa vila e o princípio das obras do Convento do Rossio.

O uso dos Eremitérios ou Provenças, compostas na sua maior parte de gente leiga, ia já passando. Conheceu-se que era bom haver asilos para penitentes em lugares ermos; porém assentou-se em que bastavam poucos eremitérios para este fim e que a melhor colocação dos Conventos era nos subúrbios das povoações onde nem o bulficio perturbasse a paz dos Religiosos, nem a distância impedisse os fiéis de recorrerem com facilidade ao aproveitamento dos serviços dos mesmos Religiosos na sua maior parte já Sacerdotes.

O sítio de Vale Bom dista uma légua de Vila Viçosa e não lhe fica mais perto outra provação notável; e eis a razão de Frei Martinho de S. Paulo diligenciar a trasladação daquele Convento para a nossa vila. Não lhe tinha ido mal de todo em todo naquela solidão que se não é formosa é todavia saudável; e a magra Provença do primeiro quartel do século XV lá fora medrando até se organizar num Mosteiro regular da Congregação da Serra de Ossa ou de S. Paulo, tendo já sua Igreja sob a invocação de Nossa Senhora do Amparo; o que mais largamente referirei nas *Memórias Especiais*.

Agora o seu Reitor, Frei Martinho de S. Paulo, querendo que os seus Frades se emparelhassem com os Gracianos e Capuchinhos em servirem aos interesses religiosos dos Calipolenses, concebeu a grandiosa empresa de vir estabelecer-se no Rossio... que depois teve o distintivo de S. Paulo.

E é certo que não convem considerar muito as dificuldades que oferecem empresas destas e outras semelhantes, pois aliás ninguém as intenta! Frei Martinho desfez-se do Convento e Cerca de Vale Bom que se restringia somente à pequena Quinta da Provença; arranjou metade do terreno do Convento e Cerca actual *extra-muros* e confiou nos auxílios da Divina Providência que lhe deparou muitos benfeitores numa terra então opulenta e principalmente a protecção do Duque D. Teodósio II e sua mãe que o honravam até com a sua amizade.

Um dos principais favores de D. Teodósio II prestados a este Convento foi aforar-lhe a Capela-mor e o Cruzeiro em cujo arco sobre a Capela-mor pôs o seu Brasão de Armas. Esse foro era de cem mil réis anuais, oito al

queires de azeite e um trono de cera, tudo encarregado ao Morgado da Cruz.⁽¹⁾ Se, pois, os Duques de Bragança tinham tribuna para dela assistirem às funções religiosas daquele Convento, com escada e portão para a estrada do Alandroal, etc., bem lhes custava isso.

Por este e outros favores de D. Teodósio II acordaram os Paulistas em capítulo dar nas colectas das Missas, depois do nome do imperante, o do Brigantino Duque - *Ducem Protectorem cum prole sua*.

Com o tempo vieram também a ser aforadas quase todas as Capelas do corpo da Igreja a famílias particulares para seu jazigo. As Baptistas compraram a de Nossa Senhora do Rosário e ornaram-na à sua custa logo em 1677.

Assim mesmo faz admirar como o zelo e perseverança de Frei Martinho de S. Paulo pôde vencer tantas dificuldades e como teve coração para delinear a Igreja e o Convento com tais proporções que ficavam sendo os mais vastos e os mais elegantes de toda a nossa vila!

E verdade que as obras duraram vinte e três anos (1590-1613), conservando-se entretanto os Frades acomodados numas casas particulares na Faceira do Rossio.⁽²⁾ Mas é certo que este grandioso edificio foi construído quase exclusivamente com esmolas. Não se acabou logo de todo, pois das Capelas do corpo da Igreja só a das Baptistas ficou por então completa de tudo; o claustro constou logo de três lados, faltando-lhe um somente, o do poente que se ultimou quando Frei José Galho, no primeiro quartel do século XVIII, formou de mármore lavrados as varandas sobre arcarias e o jardim do centro do claustro com outros mais melhoramentos de que darei notícia no lugar próprio.

Frei Martinho de S. Paulo foi muito feliz nesta empresa pois que chegou a vê-la concluída em ordem a estabelecer-se ali a Comunidade Paulista de Vale Bom; e porque tantas fadigas lhe custara, elegeu serem depositados os seus ossos no corredor à porta da sacristia geral. No seguinte ano de 1614 foi o seu passamento para a eternidade, mas de certo que morreria satisfeito por ter já completado a sua grande empresa. Entretanto houve outros reitores nesta casa.

(1) Testamento de D. Teodósio II nas Provas da Hist. Geneal., Tomo 4, nº 267.

(2) Corografia Port., Tomo 2, pág. 530, e Santuário Mariano, Tomo 6, pág. 206.

V

O outro acontecimento notável do ano de 1590 foi a trasladação dos ossos da Duquesa D. Leonor de Gusmão do Mosteiro de Montes Claros para o da Esperança desta vila.

A morte violenta desta Duquesa e principalmente o motivo dela - um adultério - eram coisas que muito atormentavam as recordações da Duquesa D. Catarina, sua neta, e não menos as do Duque D. Teodósio II, seu bisneto por dois costados. Tanto para atenuar a desonra da infeliz D. Leonor como por dar a seus restos mortais uma sepultura condigna, concordaram os dois referidos, mãe e filho, em fazer trasladar os seus ossos para o Coro de baixo do Convento da Esperança, dando a este acto uma pompa que faltara no enterramento em Montes Claros a 2 de Novembro de 1512. Foi então que se recolheram certas relações de filhos de criados da Casa de Bragança que afirmavam ter morrido inocentemente a primeira mulher de D. Jaime e taxavam de imprudentes outros criados que deram a este Duque falsas ou exageradas informações do mau proceder de António Alcoforado no Paço Ducal.

Aquela trasladação verificou-se com o devido aparato como vai ver-se da notícia dela que transcrevo da *História Genealógica*⁽¹⁾ para variação de estilo.

Achando-se feitas já todas as disposições para a remoção dos ossos, foram em 27 de Novembro ao Mosteiro de Nossa Senhora da Luz de Montes Claros Afonso de Lucena, Secretário da Duquesa D. Catarina, seu filho Francisco de Lucena, que já era Moço Fidalgo, Rodrigo Rodrigues de Lemos, Secretário de D. Teodósio II, Lopo Vaz de Almeida, Escrivão da Fazenda, e António Rodrigues, Moço da Guarda-roupa, a fim de prepararem a exumação e o mais que era necessário, apresentando primeiro ao Reitor Padre Frei Jerónimo da Encarnação um Breve do Cardeal Alberto pelo qual autorizava a trasladação daquela ossada.

"Junta a Comunidade, se abriu a sepultura e se tiraram os ossos da Duquesa; e limpos, os envolveram num tafetá carmesim franjado de prata e os meteram num caixão que estava preparado, de veludo carmesim com pregaria dourada e forrado de tafetá da mesma côr, do comprimento de três palmos e dois de alto; e fechando o Reitor o caixão, entregou a chave a Afon

(1) Tomo 5, pág. 583.

so de Lucena de que ele tomou entrega em nome do Duque e o fez pôr com muita decência na Capela-mor diante do Santíssimo Sacramento.

No dia seguinte, que se contavam 28 de Novembro de 1590, concorreram todos os Capelães da Capela do Duque e o Clero da vila; e posto o caixão numa tumba de brocado que para este efeito se fizera, assim esteve até que chegou o Duque e o Senhor D. Duarte e o Senhor D. Filipe, seus irmãos, e D. Lucas de Portugal que naquele tempo se achava em Vila Viçosa, e muitos Fidalgos e outras muitas pessoas nobres que acompanharam o Duque; e depois de se cantar solenemente um Responso, o Duque e seus irmãos e D. Lucas pegaram na tumba e acompanhados da Capela, Clérigos e Religiosos a levaram até fora da porta da Igreja e a puseram numas andas guarnecidas de veludo preto. O Deão Manuel Pessanha de Brito mandou pôr em ordem o Clero com suas tochas e adiante a Cruz da Capela acompanhada de dois Moços com tochas acesas nas mãos, a que se seguiam os Religiosos do Mosteiro, todos com tochas acesas, e o Deão junto às andas e detrás do Duque com seus irmãos, a que se seguiam todos os mais Fidalgos e muita gente nobre, a cavallo, que passavam de oitenta pessoas; e com esta ordem chegaram a Vila Viçosa, aonde começaram a dobrar todos os sinos dos Mosteiros e Freguesias; e atravessando a maior parte da vila,⁽¹⁾ chegaram ao Mosteiro da Esperança e entraram na Igreja que estava toda alumiada de tochas. O Duque pegou na tumba com seus irmãos e D. Lucas, e com o mesmo acompanhamento se pôs na Capela-mor que estava ornada com magnificência com muitas tochas que ardiam, e cantado um Responso se despediram, ficando toda a noite acompanhada com muitas luzes.

No dia seguinte, de tarde foram os Religiosos do Convento de Santo Agostinho, de S. Francisco da Província da Piedade, dos dois Mosteiros de S. Paulo, e toda a Clerizia, o Deão com a Capela, e se cantou o officio com muita solenidade. No outro dia pela manhã se ajuntaram todos os que estiveram no dia antecedente e se disseram naqueles dias muitas missas pela alma da Duquesa D. Leonor, cantando a Missa (solene) o Deão; e depois de cantado no fim o Responso, se puseram em ordem os Religiosos e o Clero, to

(1) Significa isto entrarem pela porta de Santa Luzia e passarem do Terreiro dos Padres da Companhia ao Rossio pela rua de António Homem (o que é mais provável) ou pela de Frei Manuel Cavaleiro, que já existiam, posto que menos ostentosas.

dos com tochas acesas até à Portaria do Mosteiro; e levando o Duque com seus irmãos e D. Lucas a tumba, chegaram à Portaria donde da parte de dentro esperava Sua Alteza a Senhora D. Catarina, a Senhora D. Maria, e a Senhora D. Serafina, suas filhas; e sendo entregue às Religiosas mais graves da Casa, a levaram ao Coro de baixo onde se colocou no lugar em que se vê aos 30 de Novembro de 1590, da parte do Evangelho onde tem este epítáfio: *Aqui estão os ossos da Sereníssima Senhora Duquesa D. Leonor de Mendonça, etc."*.

A verdade, porém, é que se lê de *Gusmão* e não de *Mendonça*, acrescento eu.

1595. - Officiais da câmara: Luís Gil Gonçalves Leitão, Juiz de Fora; Manuel Martins Serpa, D. Diogo de Melo e António de Figueiredo, Vereadores; Filipe Franco, Procurador do Concelho.

VI

Continuemos com a biografia do nosso D. Teodósio II.

Retirando-se de Portugal em 1593 o Arquiduque Alberto, Vice-Rei de D. Filipe II, e de quem já demos notícia, ficaram as rédeas do governo Portuguezes entregues a cinco Governadores. Este facto estimulou os brios da Duquesa D. Catarina e com aquele espírito de energia que a caracterizava escreveu a seu primo D. Filipe, queixando-se de não ser o Duque de Bragança nomeado Regente do Reino, como já o haviam sido seus antecessores. Porém, Filipe II que ainda lhe ganhava em finura não anuiu a esta reclamação por que receava, e com fundamento, que sendo ele Duque por morte de sua mãe, *Rei de direito* passasse também a sê-lo de facto.

Em 1596 correram boatos de que os Ingleses tentavam fazer um desembarque nas costas de Portugal. Empenhou-se então El-Rei com o Duque para que fortificasse as suas vilas da costa de Entre-Douro e Minho; e ele cuidou logo em levantar um bom exército de treze mil homens, tirados de todas as terras do seu Ducado, e de pôr-se à frente deles com capitães hábeis e experimentados. Partiu para Lisboa a 20 de Julho, sendo aí recebido pelos Governadores do Reino com toda a solenidade e mais aplaudido ainda pelo povo que via nele, por morte de sua mãe, o seu legítimo Soberano. Mas em breve se desvaneceram os boatos da invasão Inglesa; e D. Teodósio, dei-

xando as suas terras do norte, recolheu-se a Vila Viçosa.

A 23 de Julho chegaram ao Convento das Chagas os ossos da Senhora D. Querubina, irmã do Duque, falecida em Alcácer no ano de 1580. Tinha ido buscá-la o Tesoureiro-mor António de Evora. Feita a exumação a 20, fizeram-lhe officio fúnebre os Capelães do Duque no dia 21 e vieram pousar nas Alcáçovas; no dia seguinte dormiram em Arraiolos; e finalmente a 23 pelas nove horas da noite davam entrada nas Chagas. Ali o Duque e seus dois irmãos com o Deão Pessanha pegaram nas andas e foram entregar o caixão às Freiras na Portaria. Duzentos Moços da Câmara os precediam com tochas acesas.

A 13 de Setembro de 1598 morreu no Escorial D. Filipe II, o Prudente, com dezoito anos de reinado em Portugal; e sucedeu-lhe seu filho D. Filipe III, o Pio, a quem agora deixamos entregue o leme da nau dos Estados Castelhanos e Portugueses.

Das demonstrações de luto por um e de gala pela aclamação do outro com respeito à nossa terra não nos restam memórias no Cartório Municipal.

VII

Em 1601 foi visitada a Duquesa D. Catarina por seu sobrinho Rainucio, quarto Duque de Parma, que era filho de sua irmã D. Maria. Chegou a 26 de Outubro com luzida e numerosa comitiva. Seu primo D. Teodósio, a quem ele se dirigia também nesta visita amigável, recebeu-o com grande aparato e deu-lhe honra e gosto com as festas e divertimentos que fez celebrar em seu obséquo.

Quando chegou, sua tia D. Catarina o recebeu na sua câmara; e offerecendo-lhe a primeira cadeira, ele a recusou, ficando Sua Alteza no meio, da parte direita o Duque de Parma e da esquerda o de Bragança.

Era já tarde. E assim naquela noite comeu na câmara de D. Catarina. Pôs-se a mesa na forma costumada que era entre a janela sobre o tanque do jardim e a parede do Oratório da Duquesa. ⁽¹⁾ Tomou esta assento no pri-

(1) Segundo parece, estes aposentos de D. Catarina eram então sobre o tanque grande para a parte do Reguengo ou interior do Paço, por haver grandes obras neste pelo seu frontispício.

meiro lugar e o Duque de Parma à sua mão direita, seguindo-se-lhe o Duque seu filho e logo o outro, D. Alexandre. Esta mesa foi servida por Damas suas, chamadas D. Francisca de Noronha e D. Francisca de Castro. Levavam os Moços da Câmara as iguarias até à porta, servindo o Mantieiro de fora da mesa na porta onde se achava também o Veador, sem nenhum deles entrar dentro.

Nos demais dias comeu com o Duque de Bragança em público na forma usada na Casa, com Porteiros, Maceiros, Reis de Armas e Oficiais da Corte. Sentaram-se à mesa debaixo de dossel o Duque D. Teodósio, o de Parma e D. Alexandre, ficando o primeiro à direita do segundo, e não se achando presente D. Filipe em razão de estar adoentado. Na parte direita da mesa ficaram D. Inigo de Cardenas (da comitiva de Rainucio), D. Constantino de Bragança e D. Francisco de Almeida; e para o serviço dela foram nomeados dois Mantieiros e dois servidores de toalha: para o Duque de Parma foi Mantieiro Nuno Machado, servidor de toalha António Rodrigues, Couteiro-mor, Trinchante Pedro de Sousa de Brito, Copeiro pequeno Nicolau da Veiga, que servia a ambos; e achando-se nomeado Fernão de Castro para servir de Copeiro-mor não exercitou este officio por não querer fazê-lo senão ao Duque de Bragança, ministrando por isso ao Duque de Parma o Conde Fortunato que vinha em sua companhia. Ao Duque D. Teodósio serviu de Mantieiro António de Figueiredo, de servidor da toalha Belchior Rodrigues, Escrivão da Fazenda, de Trinchante António de Sousa de Brito e de Veador Pedro de Melo de Castro.

Foi surpreendente a magnificência desta hospedagem, assim no aparato dos aposentos como em tudo o mais porque nos primeiros dias foi Rainucio servido na mesa com copas ricas e variadas: no primeiro, de ouro e prata lavrada; no segundo, de prata lisa com pratos de cristal e vidros singularíssimos de Veneza; no terceiro, com esquisita louça da China, então muito rara e por isso tão estimável como os preciosos metais.

Os guisados, frutos e doces corresponderam a tão deslumbrante aparato.

Neste ano de 1601 foram arrematadas as Sisas das correntes em 640\$500 r. Acomanda ou remanescente das dízimas, que ainda era do Mestrado de Aviz, foi arrematada neste ano por 610\$00 réis.

Os preços das carnes verdes foram estes: carneiro capado e vitela a 23 rs. o arrátel; porco macho a 21; marrã a 18; carneiro por capar, idem; vaca a 15; bode a 11; cabra a 9.

Os leitores talvez se admirem de não figurar o Senhor D. Duarte na hospedagem de seu primo Rainucio, mas a razão disso é por ter casado em Castela no ano de 1596 com a Marquesa de Jarandilha e herdeira da grande Casa de Oropêsa. Ainda, porém, o tornaremos a ver figurar nas festas do casamento do seu irmão o Duque D. Teodósio II que já se achava entabulado e foi o primeiro de Duques de Bragança festejado com pompa na nossa vila.

Por este motivo procedeu D. Teodósio a grandes obras no seu Paço do Reguengo; foi fazer o quarteirão do sul da fachada que nesta época se distinguia com o título de *Casas novas* e adiante o havemos de ver. Este quarteirão diferencia-se no interno por um corredor colocado no centro e que dá serventia para as salas do frontispício e para os quartos que dizem para o Reguengo e jardins. Foi logo revestido de mármore conforme o frontispício que já vinha do norte junto com o andar nobre, ornando o andar baixo com pilastras e cornijas de ordem dórica, o nobre ou primeiro alto com outras de ordem jónica e criando o segundo alto com outras de ordem coríntia, como hoje os vemos, salva esta diferença: o segundo andar alto ficou feito desde o extremo sul até ao centro da fachada sobre a porta principal onde está uma casa de três janelas de arco perfeito com nichos aos lados para estátuas, devendo aliás continuar até ao cotovelo do norte. Isto, porém, só veio a fazer-se já no tempo de El-Rei D. João V ou talvez mais tarde. ⁽¹⁾

Já vêm, pois, os leitores que naquele tempo ia na nossa terra uma imensa faina de edificações. Trabalhava-se no Paço, em S. Paulo, em Ermidas (que já deixei designadas sem época fixa), no Colégio dos Padres da Companhia (como adiante direi), na Matriz, em casas e quintas de Fidalgos, etc.

1601. - Arrematação das carnes verdes até A Páscoa de 1602: vitela e carneiro concertado a 23 rs. o arrátel; porco macho a 21; marrã e carneiro por concertar a 18; vaca a 15; bode a 11; cabra a 9.

Arrematadas as Sisas das correntes em 640\$500 rs. por Simão Alvares e mais dois parceiros oficiais da Câmara. Gaspar Saraiva, Juiz de Fora, Teo

(1) Vilhena Barbosa - *Estudos hist. e arqueol.*, Vol. 3, art. V. Viçosa. Epítome das festas do casamento de D. João II por Diogo Ferreira Figueiroa.

dósio Leitão, Pedro de Melo de Castro e Agostinho Pires, Vereadores; Jerónimo Franco, Procurador do Concelho. Era Ouvidor António Botelho.

Consta do Cartório da Misericórdia que em 1598 chegou o alqueire de trigo a custar 450 réis (Tombo 1^o), mas em Março de 1601 vendia-o ela a 100 réis.

1602. - Oficiais da Câmara: António de Saiar, mais velho, António de Sousa de Abreu e Nuno Machado, Vereadores; João Ribeiro, Procurador do Concelho.

A portagem rendeu 121 réis em 1602 e 170 rs. no ano seguinte.

IX

No ano de 1603 viram os Calipolenses duas coisas que de certo não tinham ainda presenciado: a sagração de um Bispo e uma festa de Pontifical.

Com efeito, o Senhor D. Alexandre, irmão do Duque, tendo sido apresentado Arcebispo de Evora no ano precedente, recebeu na Capela Ducal ordens menores e maiores *extra tempora*, conferindo-lhas D. Diogo Correia, Bispo de Portalegre, porquanto só tinha então prima-tonsura.

Feito isto, foi sagrado Bispo a 20 de Abril por D. João de Bragança, Bispo de Viseu, assistindo-lhe D. Cristovão, Bispo de Nicomedia e D. Jorge Queimado, Bispo de Fez. Depois da sagração lançou-lhe o pálio de Arcebispo aquele mesmo D. Diogo Correia que o ordenara até ao grau de presbítero. Quatro Bispos afora o ordinando.

Logo na próxima festa do Espírito Santo estreou-se o novo Arcebispo de Evora, celebrando na mesma Capela o seu primeiro Pontifical. Disto viram muito os Calipolenses até neste século XIX.

A Câmara de 1603 era assim composta: Pero de Sousa Brandão, Juiz de Fora; Rui de Sousa Pereira, Francisco de Moraes Sardinha e António de Matos, Vereadores; Manuel Pires, Procurador do Concelho.

Terças do património Real. - Em 18 de Abril prestou fiança Afonso Pires à terça do Concelho que arrematara em Valladolid por seis anos a 24\$040 réis cada um.

A almotaceria e limpeza da vila rendeu 86 rs. em 1604 e 90 rs. no ano seguinte.

As propinas ordinárias eram 1 jogo de dois touros bravos ou 2\$; uma cadeira de espalda de noqueira e couro (tamborete); 2 tochas de cera de no

ve arráteis ou o seu custo; 300 varas de calçada ou 6\$ rs.

O portageiro dava mais um pano verde de Londres para a mesa do Juiz de Fora ou 3\$ rs. e o rendeiro da almotaceria tinha de limpar o balcão e escadas do auditório, pátios das fontes e travessas.

A imposição do sal e aposentadoria que era do Duque foi arrematada em 1603-5 por 135\$ e estas propinas: 40 alqueires de sal; aos regatões de peixe do Duque, forros do monopólio; 4\$ rs. de mantimentos ao Escrivão da imposição (monopólio do sal).

INDICE
DAS
MATERIAS CONTIDAS NESTE SEXTO FASCICULO

CAPITULO XL - Biografia de D.Teodósio I, quarto Marquês de Vi la Viçosa e quinto Duque de Bragança. Visita de pêsames que lhe fez El-Rei D.João III por ocasião da morte de seu pai. I nauguração do Convento das Chagas. Tentativa de assistir à em presa de Goleta, substituída pela assistência às Cortes de E vora como Condestável. Grandiosas festas do casamento de sua irmã D.Isabel com o Infante D.Duarte, filho de El-Rei D. Manuel 7

CAPITULO XLI - Continuação da biografia de D.Teodósio I. For mação do primeiro morgado da Casa de Bragança. Primeiro cas amento deste Duque. Diversos factos. Fundação do segundo Con vento da Piedade, do Convento da Esperança e do Colégio dos Meninos Orfãos. Morte da Duquesa D.Isabel de Lancastre e no vo casamento deste Duque. Sua descendência 30

CAPITULO XLII - Continuação da biografia de D.Teodósio I. Me lhoramentos importantes introduzidos por este Duque no Hospi tal do Espírito Santo e criação da enfermaria do mal de Boubas. Projecto da transferênciã da Colegiada de Ourém para a Paróquia urbana de S.Bartolomeu e começo da reedificação desta. Fundação da Igreja do Mártir. Obras no Paço Ducal e no Mosteiro de Santo Agostinho. Projecto da fundação de uma Uni versidade neste Mosteiro. Morte de D.Teodósio I. Grandeza da sua Corte. Sua propensão para as ciências, letras e belas ar tes. Apreço que dava aos artistas insignes. Seu carácter mag nífico, bondoso, caritativo e devoto. Notícia da Ermida e For te de S.Bento, de S.Jerónimo. de S.Luís e de Nossa Senhora do Paraíso 38

CAPITULO XLIII - Biografia de D.João I, quinto Marquês de Vi la Viçosa, sexto Duque de Bragança e primeira de Barcelos.

Sua educação e seu casamento. Fundação das Igrejas do Espírito Santo e de Santo António. Hospedagem do Cardeal Alexandrino e sua comitiva. Visitas que El-Rei D. Sebastião fez aos Duques de Bragança. Viagem de D. João I a África e outros factos. Instituição do Corpo da Ordenança. Erecção de altares e confrarias de Nossa Senhora do Rosário. Padrões de pesos e medidas do nosso Concelho 51

CAPÍTULO XLIV - Obras no Paço e acrescentamento da Tapada. Fundação da Igreja de Nossa Senhora de Belém. Visita do Embaixador de Sabóia à Duquesa D. Catarina. A infeliz jornada de África em 1578 e suas más consequências para a Casa de Bragança e a nossa terra. Enredos da sucessão do Reino por morte do Cardeal D. Henrique. Notícia da reedificação da Igreja Matriz. 64

CAPÍTULO XLV - Peste do ano de 1580. Invasão de Portugal pelo Duque de Alva e surpresa do Castelo de Vila Viçosa. Visita dos Duques de Bragança a D. Filipe II em Vila Boim. Promessas de vantagens feitas à Casa de Bragança e a que se reduziram. Professores municipais de primeiras letras 72

CAPÍTULO XLVI - Morte do Duque D. João I. Seu carácter benigno e seus sentimentos religiosos. Intento de D. Filipe II sobre casar-se com a Duquesa viúva. Visita que lhe fez ao retirar-se de Portugal. Organização do Cabido da Capela Ducal. Notícia das Ermidas de S. João Baptista, de Santa Luzia, de S. José e de S. Domingos. Descendência do Duque D. João I 77

CAPÍTULO XLVII - Biografia de D. Teodósio II, sexto Marquês de Vila Viçosa, sétimo Duque de Bragança e segundo de Barcelos. Sua educação. Seu cativo em Marrocos e seu resgate. Visita de pêsames que El-Rei D. Filipe II fez a D. Catarina e seu filho D. Teodósio II pela morte de D. João I. Visita do Arquiduque Alberto, Governador do Reino, e outros factos 84

CAPÍTULO XLVIII - A primeira embaixada Japonesa que veio à Europa e como foi recebida por D. Catarina e seu filho D. Teodósio II na passagem para Roma e no regresso a Lisboa. Notícia da preciosa Cruz do Santo Lenho, do Morgado da mesma Cruz e do Sagrado Espinho. Peste do ano de 1590. Fundação do mo-

derno Convento de Nossa Senhora do Amparo ou de S.Paulo no
Rossio. Trasladação dos ossos da Duquesa D.Leonor de Gusmão
para o Convento da Esperança. Outros factos da biografia de
D.Teodósio II. Visita do Duque de Parma. Obras grandiosas no
Paço. Uma sagração episcopal 89

ERRATANa pág. 22

Onde se lê:

"...El-Rei, acompanhados por todos os Oficiais da Casa Real e da Ducal, de El-Rei e do Infante noivo, todos vestidos de gala de diversas cores, com tochas acesas nas mãos."

Deve ler-se:

"...El-Rei, acompanhados por todos os Oficiais da Casa Real e da Ducal, e bem assim de muitos Moços da Câmara do Duque, de El-Rei e do Infante noivo, todos vestidos de gala de diversas cores, com tochas acesas nas mãos."

O PRÓXIMO FASCÍCULO SAIRÁ EM SETEMBRO

IMPRESSO POR GRÁFICA CALIPOLENSE
VILA VIÇOSA
TIRAGEM 1 500 EXEMPLARES

AGOSTO 1983

MEMÓRIAS

de

VILA VIÇOSA

É uma extensa monografia e laborada no século XIX pelo Padre Joaquim José da Rocha Espanca cujo manuscrito se encontra arquivado na Biblioteca da Câmara Municipal de Vila Viçosa.

Investigação duma profundidade pouco comum, representa hoje um contributo importante para a divulgação principalmente da História e Etnografia da região.

Dada a extensão da obra cujo original é composto por cinco Tomos de quase mil páginas manuscritas cada, dividir-se-á cada Tomo em cinco volumes. Prevê-se ainda a publicação de outro trabalho do mesmo autor editado em 1894 sob o título "Estudo sobre as Antas e seus congéneres" de que foram impressos somente 200 exemplares.

